

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 174 ANO 50.º PREÇO 1\$50

1x2

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana? Na pág. 16 pode encontrar uma ajuda.

totoBOLA



O PRIMEIRO-MINISTRO DO CANADÁ, Pierre Trudeau, à volta de cuja residência foram aumentadas as disposições de segurança. (Pág. 15)

ÚLTIMO PRAZO DOS RAPTORES

MONTREAL, 13 — (F. P.) — Um novo documento recebido pela estação de Rádio CKAC e assinado pela FLQ, cuja autenticidade ainda não pôde ser verificada, fixa como último prazo para a libertação dos presos políticos a data de quarta-feira, 14, ao meio-dia.

Carreiras aéreas Portugal-Finlândia

— objectivo das actuais conversações em Lisboa

O estabelecimento de carreiras aéreas regulares entre Portugal e a Finlândia é o objectivo último das conversações que hoje começaram em Lisboa, no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A Finlândia, a despeito das boas relações que mantém com

Portugal, é porém dos raríssimos países europeus que não têm qualquer acordo sobre transportes aéreos com o nosso País. É certo que os aviões da companhia finlandesa «Finnair» vinham frequentemente a Lisboa, Faro e Madeira, mas em voos de fretamento, com turistas.

Agora, com o acordo bilateral em preparação, pretende-se fixar o quadro dos direitos de tráfego que virão a caber à TAP e à Finnair, nas carreiras a estabelecer entre Portugal e a Finlândia.

A delegação portuguesa é constituída pelo ministro dr. Manuel Almeida Coutinho, do Ministério dos Negócios Estrangeiros; dr. Manuel Filipe Madruga, da Direcção-Geral da

Aeronáutica Civil, e, em representação da TAP, os drs. António Cruz Barreto, secretário-geral, e dr. Armando Félix Pereira, consultor jurídico.

A delegação finlandesa é composta pelos srs. Kurt Uggeldahl, do Ministério dos Negócios Estrangeiros; M. Airola, do Ministério dos Transportes; e J. Wartiovaara, da Finnair companhia nacional finlandesa.

Esta tarde, o director-geral da Aeronáutica Civil, eng.º Vítor Veres, recebe a delegação finlandesa, com a qual discutirá alguns pontos importantes do acordo em negociação.

Devemos recordar que uma das preocupações fundamentais dos mentores do Turismo em Portugal (uma das principais fontes da entrada de divisas no nosso País) é fomentar a entrada de visitantes durante o Inverno. Ora, é precisamente nos países nórdicos que se encontra a maior densidade de matéria-prima do chamado Turismo de Inverno que ainda, por circunstâncias várias, não foi possível estruturar devidamente em Portugal. Se se puder canalizar, com periodicidade, os turistas nórdicos para o nosso País, as duas principais companhias aéreas de Portugal e da Finlândia terão oportunidade de alargar o seu campo de actividade.

O FRIO VEM AÍ

Segundo o Boletim Meteorológico para a Agricultura, é a seguinte a antevisão das condições meteorológicas médias no Continente até ao dia 25 deste mês:

Até 17 e de 23 a 25: céu pouco nublado, com possibilidade de céu muito nublado e períodos de chuva ou aguaceiros para norte do sistema Lousã-Estrela; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais; vento fraco a moderado do quadrante oeste; temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

De 18 a 22: céu muito nublado alternando com aberturas; períodos de chuva, aguaceiros e possibilidade de trovoadas; vento geralmente moderado de oeste; temperatura média do ar abaixo dos valores normais da época.

O CANADÁ RECONHECE PEQUIM (ANUNCIAM FONTES BEM INFORMADAS)

OTTAWA, 13 — (R.) — O Canadá e a República Popular da China concordaram em estabelecer relações diplomáticas, segundo fontes bem informadas desta capital. Não se sabe ainda quan-

do será oficialmente anunciada essa decisão mas o embaixador da Formosa, Yu-Chi-Hsueh, preparava-se ontem à noite para partir.

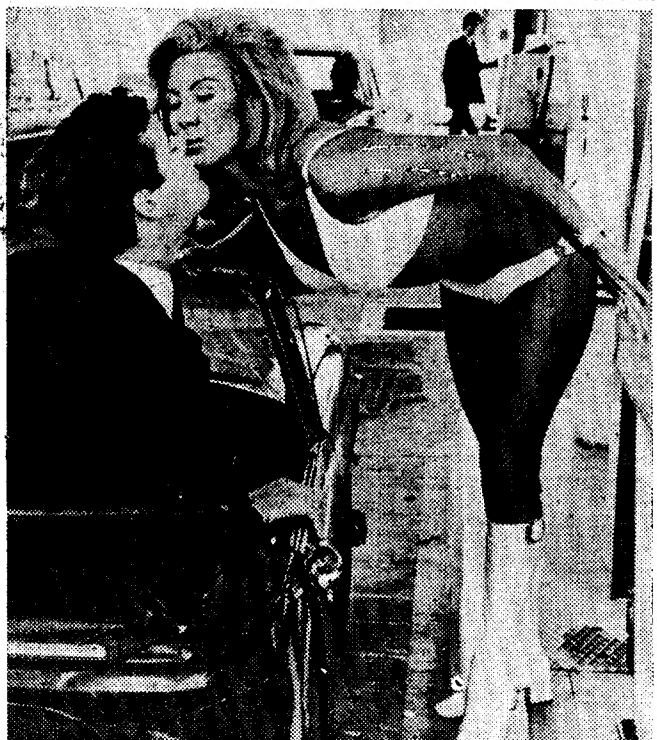
ESTA TARDE?

TÓQUIO, 13 — (A. N. I. e R.) — As principais organizações noticiosas japonesas anunciaram esta manhã que o Canadá vai reconhecer hoje a China Continental.

Todas as informações divulgadas no Japão são unânimes em afirmar que o anúncio do reconhecimento da China Continental pelo Canadá será feito hoje em Ottawa às 15 horas (TMG).

Segundo as mesmas fontes, o Canadá e a China chegaram a acordo no passado dia 10 em Estocolmo.

HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA



BEIJOS DE GRAÇA constituiram o principal atractivo na inauguração de uma nova estação de serviço, em Inglaterra. Mas os motoristas tinham de comprar primeiro gasolina...



EU MATEI MARTIN BORMANN

LEIA HOJE em **2** / **Exclusivo**

LONDRES: Rogério Martins debateu problemas relacionados com a CEE e a EFTA (Ler na última página)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — (Ler na pág. 2)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Afirma o Governo de Moscovo:

A U. R. S. S. NÃO ESTÁ A CONSTRUIR QUALQUER BASE MILITAR EM CUBA

MOSCOVO, 13 — (F. P. e A. N. I.) — O Governo de Moscovo desmentiu hoje oficialmente que a União Soviética esteja a construir qualquer base militar em Cuba. A Agência Tass está autorizada a declarar que a União Soviética não construiu ou construirá bases militares em Cuba e que não tomará qualquer iniciativa contrária ao acordo de 1962 entre os governos da URSS e dos Estados Unidos, afirma uma declaração autorizada da Agência Tass. Qualquer afirmação acerca duma possível violação do acordo por parte da URSS não passa de mera imaginação. A URSS conforma-se estritamente com o estipulado neste acordo e assim continuará, partindo do princípio de que a parte americana também cumprirá exactamente o estipulado no acordo — acrescenta a declaração autorizada da Agência Tass.

ACORDO FRANCO-SOVIÉTICO

MOSCOVO, 13 — (F. P. e R.) — Caso surjam situações que, na opinião das duas partes, possam criar uma ameaça contra a paz, um rompimento da paz ou provoquem uma tensão internacional, os Governos da França e da U. R. S. S. entrarão imediatamente em contacto a fim de deliberar sobre todos os aspectos dessas situações e quanto às disposições que permitam enfrentá-las, declara o protocolo franco-soviético hoje assinado pelos dois Chefes de Estado.

A França e a União Soviética alargam e aprofundam as suas consultas políticas sobre problemas internacionais importantes que apresentem interesse comum, precisa o protocolo.

Os ministros ou os seus representantes encontrar-se-ão todas as vezes que forem necessárias e em princípio pelo menos duas vezes por ano.

NOVO INCIDENTE

TELAVIVE, 13 — (A. N. I.) — Anuncia-se que soldados israelitas mataram um guerrilheiro árabe que tentava infiltrar-se em Israel vindo do Líbano.

É o terceiro incidente do género nesta zona desde o princípio da semana e o facto parece indicar que os guerrilheiros palestinos estão a regressar à fronteira meridional do Líbano depois da guerra civil da Jordânia.

Na semana passada os soldados israelitas já tinham travado três recontros com guerrilheiros na fronteira com o Líbano, aliás os únicos nas suas fronteiras com os países árabes. Foram mortos dois guerrilheiros e — segundo as autoridades — os israelitas não tiveram baixas.



«Na teia», fotografia de D. Gertrudes Fluzza Costa que, como ontem noticiámos, obteve o primeiro lugar no «Concurso fotográfico dedicado à mulher portuguesa» organizado pela revista «Crónica Feminina»

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



Um
cofre-forte

Nunca uma tal precisão
foi tão bem protegida

DEFY, o relógio que
permanece exacto onde
outros relógios robustos deixam
de funcionar

Peca num agente ZENITH para
lhe mostrar o DEFY

ZENITH

QUATROCENTAS MANEIRAS DE APRENDER INGLÊS...

NUMA EXPOSIÇÃO DO INSTITUTO BRITÂNICO

Mais de 400 obras didácticas recentes, relacionadas com os mais variados métodos da aprendizagem e ensino do inglês — incluindo os meios audiovisuais — constituem o recheio de uma exposição inaugurada esta tarde no Instituto Britânico.

Especialmente organizada pelo British Council, em Londres, para ser apresentada nos principais centros culturais da Europa, com início em Lisboa, a «Exposição de Livros sobre o Ensino da Língua Inglesa» será seguidamente mostrada em Coimbra e no Porto.

Os livros acham-se agrupados em 13 secções, assim distribuídos: Dicionários e Livros de Consulta; Língua e Linguística; Pronúncia e Fonética; Livros para Professores; Meios Audiovisuais; Exercícios de Aprendizagem; Cursos; Gramática e Construção de Frases; Redacção, Compreensão e Manuais Práticos; Inglês Especializado; Exercícios Oraís; Livros de Leitura Graduados e Adiantados; e Leituras Complementares.

Nos cursos de inglês
estão inscritos
2500 alunos

A exposição estará patente todos os dias úteis (excepto no sábado), até ao próximo dia 21.

O Instituto Britânico, com a reabertura das aulas, retomou, portanto, as suas actividades culturais. O corpo docente é constituído por cerca de 30 professores, todos de nacionalidade britânica.

Eleva-se a mais de 2500 o número dos alunos já inscritos neste primeiro período nos cursos de inglês, escalonados segundo um programa de estudos destinados à preparação para os exames dos Certificados da Universidade de Cambridge. As aulas realizam-se das 8.30 às 22 horas, em turnos de três horas semanais de 20 alunos cada.

A grande novidade deste ano é a instalação dum moderno Laboratório de Língua, com 16 cabines, que funciona sob a orientação dum professor especializado, recentemente chegado de Londres, Mr. Michael Connely.

O recheio da biblioteca, com mais de 20.000 volumes e a assinatura de 120 jornais e revistas dos mais importantes e representativos publicados no Reino Unido, regularmente actualizado com a aquisição de obras novas, acaba de ser enriquecido com numerosos livros recentes, tanto de carácter geral e assuntos recreativos como de académico e assunto educativo.

Encontra-se aberta todos os dias das 9.30 às 13, e das 14.30 às 20 horas durante o período escolar, funcionando em regime de leitura domiciliária para os sócios e alunos do Instituto, e de informação e consulta para o público.

Identificado

o homem que matou
outro a tiro

PALMELA, 13 — Continua a morte o homem que em Lau-Algeruz, a cerca de 10 quilómetros desta vila, matou a tiro de caçadeira o comerciante Emílio dos Santos Maia, de 38 anos, casado, ali residente.

O crime foi cometido no próprio estabelecimento da vítima e o seu autor, o trabalhador agrícola, Messias dos Santos Jesus, de 30 anos, solteiro, natural de Palma (Alcácer do Sal) e há algum tempo morador em Lau-Algeruz, continua a ser activamente procurado pela G. N. R. local.

O criminoso, após ter desfechado a arma sobre a vítima, voltou-a para o público que acorreu, disparando para o ar. Provocou grandes estragos no estabelecimento antes de se pôr em fuga.

Não está apurado o móbil do crime, sendo no entanto voz pública que o Messias cortejava a mulher do comerciante que assassinou.

TAUROMAQUIA

Vitor Ribeiro em ombros

MADRID, 12 — (A. N. I.) — O cavaleiro Vitor Ribeiro cortou ontem uma orelha, no sexto da tarde e saiu em ombros pela porta grande da Praça Moramental, juntamente com Gregório Moreno Pidal (orelha) e Curro Bedoya (orelha).

Apresentaram-se ainda os cavaleiros portugueses Maldonado Cortes (silêncio) e Alfredo Conde (volta) e o espanhol Silvestre Navarro Orenes (silêncio).

Os novilhos eram cinco de «El Pizarra» e um de «El Jaral de la Mira», todos bons.

Chibanga triunfante

AVILA (Espanha), 13 — (A. N. I.) — O português Ricardo Chibanga foi o triunfador da novilhada de ontem em Avila, com petição de orelha no primeiro da tarde e orelha e petição de outra no quarto.

Alternou com Pascual Mezquita (volta-orelha) e Julio Robles (ovação-orelha) na

lide de bravos novilhos de António Onorato Jardim.

Maldonado Cortes
em Espanha

PALMA DE MAIORCA, (Espanha), 13 — (A. N. I.) — Teve boa actuação, premiada com volta, o cavaleiro português José Maldonado Cortes, que lidou e matou um novilho difícil, de Salvador Guardiola.

Na lide a pé, saíram seis touros desiguais de Cerroalto para Damaso Gomes (orelha-volta), «El Jerezano» (orelha-silêncio) e «El Puri» (silêncio nos dois).

Chibanga matador
no México

MÉXICO, 13 — (F. P.) — O ex-matador de touros português, Manuel dos Santos, que esteve há dias na capital mexicana, disse que mandará no próximo ano ao solo ateca, o novilheiro moçambicano Ricardo Chibanga, de que fazem grandes elogios em Espanha e Portugal.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÊS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — A L G Ê S
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábado

O QUE SE PASSA COM A AUTONOMIA DAS ILHAS ADJACENTES?

FUNCHAL, Outubro — Tem sido reconhecida e proclamada oficialmente a «necessidade de proceder a algumas actualizações» no Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes ou «Estatuto de Autonomia», como vulgarmente é designado nos meios insulares. Essa necessidade motivou já uma reunião de governadores e deputados dos distritos das Ilhas, que se realizou no Funchal em Maio deste ano, com a presença de outras entidades madeirenses: presidente e técnicos da Junta Geral, presidente distrital da A. N. P., etc.

Antes de se iniciar esse encontro, o representante do governador de Ponta Delgada, em entrevista concedida a um jornal local, afirmou: «Sou pelos colóquios. Sobre tudo pelos colóquios em que não participam os próprios interessados».

Não deveriam estas palavras ter obtido o acordo dos restantes participantes ou então somos nós que não estamos bem de acordo com o conceito de «próprios interessados» contido naquela afirmação. É que, embora fosse impossível as populações dos distritos participarem em corpo na conferência e sendo verdade que elas lá estavam, por via da representatividade dos deputados, cremos que não seria despropósito considerar essas populações propriamente interessadas no «colóquio», pelo menos ao ponto de se lhes dizer (e não apenas aos seus representantes) como estavam as coisas para onde iam. No entanto, apenas foi fornecido um comunicado com os nomes e cargos dos participantes; e os jornalistas conseguiram ainda a informação de que tinham sido tratados vários assuntos, que os resultados

seriam comunicados ao Governo e que fora combinada nova reunião, em data indeterminada, desta vez nos Açores.

De carácter puramente

fictício de que esses transportes lentos e irregulares de outro lado, não se pode esquecer que, num País como o nosso, com as características macrocefalias que é vulgar apontarem-se, a capital atrai os fracos recursos nacionais de indivíduos de preparação superior. Daí a dificuldade de repartir as funções administrativas, como talvez fosse ideal, as quais, mesmo fora de qualquer exagero tecnocrático, hoje se entendem como tarefa de homens especializados, mais do que de etnomas bons».

Estes são, aliás, dois únicos aspectos dos muitos que agravam o dilema entre centralização ou descentralização — um dilema que não é só nos

dotados os serviços do Estado a cargo da Junta Geral, e daqui tem resultado, consequentemente, uma diminuição da respectiva actividade em matéria de fomento e desenvolvimento. Dos serviços do Estado a cargo da Junta Geral, salientamos em especial os que respeitam à Instrução, pois praticamente só estes têm representado e continuam a representar cada vez mais pesado encargo para o nosso orçamento. Embora haja quem reconheça que a Instrução tem de ser assegurada sem quaisquer desfalcimentos, pois é ela uma semente perene e vitalizadora do futuro, não podemos deixar de verificar que se traduz num encargo assustante do presente.

O que nos parece importante é que se encontrem soluções ou actualizações de solução, procurando-as com reflexão e cuidado, mas evitando as demoras que estes quatro meses, em que nada se disse nem nada aparentemente se adiantou, nos fazem temer. É que a Madeira está no limiar de um novo «cielo» de evolução económica — o do turismo. O que isso será é ainda uma incógnita com certos aspectos alarmantes. Só há a certeza de que é urgentemente necessário prevenir os seus perigos, através de uma acção conjugada de planeamento e de realizações imediatas. É evidente que o esforço da administração do distrito será então fundamental, mas que pouco se poderá esperar de um trabalho para o futuro feito por processos ou por instrumentos que se reconhecem desactualizados.

Os serviços distritais têm-se limitado sempre aos dados disponíveis das receitas anuais, depois de

administrativo, o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes tem cerca de trinta anos. Nasceu principalmente da necessidade de se evitarem os atrasos de decisão e de acção derivados do isolamento das ilhas e da irregularidade e demora dos transportes — obstáculos que hoje já não se põem, particularmente em relação à Madeira. Significará isso que o Estatuto já não tem razão de existir?

A resposta não surgirá, a vermos as coisas assim, só por fora, como nos é possível mas parece-nos que as acumulações de expediente nas gavetas das repartições centrais constituirão uma barreira às acções e decisões, não menos di-

so, mas que se põe igualmente por esse mundo fora, mesmo quando não há mar a separar territórios.

Que há problemas a resolver ou soluções a actualizar, como parece ser mais exacto, sente-se de várias maneiras. Embora escritas há meses (em Dezembro passado) julgamos que poderiam ainda ser de hoje as palavras que seguidamente transcrevemos do Plano de Actividade para o corrente ano de 1970 da Junta Geral do Funchal, órgão da autonomia administrativa do distrito:

O serviço distrital tem-se limitado sempre aos dados disponíveis das receitas anuais, depois de

NOTA do dia

A ECONOMIA E A MORAL

TEM-SE FALADO MUITO, nos últimos tempos, do «Estado Social», fórmula posta a circular pelo prof. Marcello Caetano, que nela entendeu fazer reunir o conjunto de ideias e esperanças de uma vida mais desatogada e, ao mesmo tempo, um certo cheiro de novidade que parece grato aos seus propósitos. Na reunião de Aveiro, no passado domingo, também o dr. Rebelo de Sousa se socorreu da mesma fórmula, apresentando-a como decorrente do texto constitucional e destinada «a assegurar concretamente a conciliação realista entre a indispensável liberdade pessoal e a necessária solidariedade social».

Que diz a Constituição onde esteja o ponto de partida para «a evolutiva prática das instituições» no sentido que se pretende realçar? É o seu título VIII, artigos 29.º a 41.º. Com poucas incidências políticas, ao menos no imediatamente político ou como tal suposto, talvez os preceitos contidos nesse título sejam pouco conhecidos e por isso valha que deles se faça uma chamada de divulgação capaz de facilitar o entendimento de algumas coisas que se façam ou se digam ou, pelo menos, de situar a sua interpretação onde ela mais justificadamente se possa fazer. Isto é, ir beber a água à fonte.

O título da Constituição a que nos estamos a reportar ocupa-se «Da ordem económica e social». O seu primeiro preceito deverá realizar «a organização económica da Nação de modo a realizar o máximo de produção e riqueza socialmente útil e estabelecer uma vida colectiva de que resultem poderio para o Estado e justiça entre os cidadãos». Pode dizer-se que se trata de um princípio que não careceria de estar inscrito para se ter inscrito como regra moral no íntimo de cada pessoa que se tenha como responsável perante si próprio e perante a sociedade a que pertence. Mas o escrito fica escrito e, se mesmo assim às vezes esquece, não fica mal que apareça alguém a lembrá-lo.

A mais importante disposição deste título constitucional é, porventura, a do artigo 31.º, que tem um sentido mais normativo que simplesmente declaratório. Diz-nos quais são os objectivos a atingir através do «direito» e da «obrigação» que o Estado tem de coordenar e regular a vida económica e social: estabelecer o equilíbrio da população, das profissões, dos empregos, do capital e do trabalho; defender a economia das explorações de carácter parasitário; conseguir o menor preço e o maior salário; impedir os lucros exagerados do capital, «não permitindo que este se desvie da sua finalidade humana e cristã»; desenvolver o povoamento e proteger os emigrantes.

Trata-se de princípios gerais, depositados na arca da sabedoria que nem sempre se vai abrir para não haver quem estrague. Que se abra a arca e venha sacudir-se da poeira, à vista de quem quiser ver, o que se julga seja uma espécie de tesouro escondido, é pelo menos um propósito que não deve deixar-se passar sem se lhe prestar atenção. É socorrendo-se no pensamento que encontra expressão naquelas regras que o ministro da Previdência, no discurso de Aveiro, nos vem lembrar que «onde o poder económico pretende subjugar o poder político (...) surge como imprescindível a separação» entre ambos.

Esta desejada libertação do poder político em relação ao poder económico talvez deva ser uma das mais difíceis mas também das mais instantes preocupações do Estado contemporâneo, sujeito de mil maneiras à pressão dos grupos de interesses que dispõem, como se sabe, de múltiplos canais. Ai, porventura, ao Estado competirá distinguir, porquanto, em muitos casos, reconhecendo legítimos os interesses, poderá considerar legítima a sua ansia de expansão. Até onde e de que maneira? Há ainda no mesmo título constitucional um preceito esquecido, que tem o valor de uma recomendação e vale a pena lembrar. É o artigo 40.º: «Serão dificultadas, como contrárias à economia e moral públicas, as acumulações de lugares em empresas privadas». Não haverá efectivamente quem «trabalhe» em demasia?



DESTINO: SUCESSO!



HOJE ÀS

21,30 — PARA ADULTOS

NO
CINEMA MONUMENTAL

Passagem de modelos da
linha AEROPORTO 70

Apresentado pela

CASA AFRICANA

linha AEROPORTO 70

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

UM BOM CONCERTO BEETHOVENIANO

Foi sob a égide de Beethoven que decorreu a inauguração de mais uma série de concertos organizada no Tivoli pela Emissora Nacional, com base na sua Orquestra Sinfónica. A propósito, é de justiça salientar o interesse de que se reveste a programação da presente série: para lá das incidências beethovenianas motivadas pela passagem do bicentário do nascimento do compositor, prevê-se um lote substancial de primeiras audições locais, nomeadamente de Mahler e Soriabine, assim como as estreias absolutas de obras de compositores portugueses (Lopes Graça, Álvaro Cassuto e Jorge Peixinho) e a realização de partituras relevantes, mas, entre nós, pouco conhecidas ou raramente executadas.

O concerto inaugural constituiu um êxito — de públi-

co (lotação esgotada) e também artístico. O principal factor desse êxito — além da música de Beethoven, evidentemente — foi Efreim Kurtz, o regente da tarde. Bem conhecido dos melómanos lisboetas, e muito estimado por eles, Kurtz é, antes de mais, um temperamental, digamos assim, um intérprete de forte personalidade, que possui, em elevado grau, o dom da comunicabilidade e do proselitismo, e não se conforma com facilidade com rotinas ou tradições anquilosadas. Mas tem igualmente os pés bem firmados na terra e sabe, por isso, distinguir com lucidez o que lhe é ou não é possível fazer nas diversas circunstâncias que se lhe deparam no seu métier. Daí a razão de grande parte do seu êxito e dos bons resultados que a Sinfónica da E. N. alcança sob

a sua direcção. Kurtz conhece perfeitamente as possibilidades e as características da nossa orquestra e, exigente como é, pede-lhe o que ela pode dar, ainda que por vezes à custa de muito esforço, mas nunca além do que pode dar. Claro que tem autoridade para o fazer, dispõe de recursos largos para o conseguir. Isso, porém, torna-se óbvio. E os resultados estão à vista. O rendimento técnico da fanfange instrumental impõe-se logo de entrada, na abertura «Egmont», e manteve-se através do «4.º concerto para piano» e na «5.ª Sinfonia», inclusive quanto à precisão de «ataque» e no capítulo da qualidade do som e da coesão (por ex: violas e violoncelos no 2.º andamento). No plano mais propriamente da concepção e do estilo, algumas das soluções adoptadas

pareceram-nos condicionadas ou sugeridas pelas características da orquestra, outras derivam fundamentalmente da personalidade do regente, inclinação com frequência a certas explosões dinâmicas um tanto inesperadas, e a doses mentos de colorido pouco convencionais. Discutíveis, por vezes, essas soluções? Sem dúvida, mas defendidas com veemência e imenso talento. A pianista Nélia Meissa, através de uma técnica de bom estofe, e de uma musicalidade visceral, propôs-nos um Beethoven escurinho, nunca débil ou enfadado. A sua interpretação situou-se num meio termo de bom gosto e equilíbrio estilístico, longe de dois extremos igualmente perigosos: a extroversão retórica e balofa e um intimismo precioso.

NUNO BARREIROS



«SAIAS ACIMA»

TÍTULO ORIGINAL — «Carry on up the Khyber» e grotesca com um ou mais estilos de revista grosseira.

REALIZAÇÃO — Gerard Thomas, 1970 (Inglaterra).

ARGUMENTO — Talbot Rothwell.

INTERPRETES — Sydney James, Kenneth Williams, Charles Hawtrey, Joan Sims, Bernard Bresslaw.

DISTRIBUIÇÃO — Rank Filmes.

ESTREIA — Cinema S. Jorge (8-10-1970).

Maís um filme da série «Carry on...» Os mesmos responsáveis de sempre, o mesmo relampejo de graça à mistura. Neste novo exemplo, uma única cena merece referência aceitável: um jantar muito britânico quase ao fim.

dar do filme. Tudo o resto é de humor e a falta de humor é quase indesculpável. Mostra «as baionetas em riste» dos bravos soldados de Sua Majestade Britânica não é só por si chocante ou gracioso. Tudo é permitido, desde que artisticamente justificado. Tal como se nos apresenta, porém, é simplesmente lamentável.

Que haja gente (e muita) em Inglaterra o filme base records de receita; em Lisboa muito público ri a baionetas despregadas, considerando o seu gosto, a sua cultura, a sua mentalidade) que se divirta, e muito! Isso é mais grave ainda. Mas se causas não estão no filme que se aproveita simplesmente delas. Como Funes em França, Marisol em Espanha, ou «A Maluquinha de Arroios» em Portugal.

LAURO ANTÓNIO

MARIA VITÓRIA

Adultos



JOSÉ VIANA



AIDA BAPTISTA

NO «COMPÈRE»:

• OCTÁVIO de MATOS

UM ÊXITO QUE NÃO ADMITE COMPARAÇÕES!!!

• HOJE, 2 SSSÕES, ÀS 20,45 e 23 HORAS

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM A REVISTA QUE O PÚBLICO APLAUDE COM ENTUSIASMO!

• PIMENTA NA LÍNGUA!...

ESCRITA POR ANIBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA, COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS

• UM ENORME TRIUNFO DOS POPULARES ARTISTAS
• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA • BARROSO LOPES • DORA LEAL

• NICOLAU BREYNER

• ANITA GUERREIRO

A ATRACÇÃO BRASILEIRA

• RONY VALY

A FRENTE de UM GRANDE ELENCO e de UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL!

E LEIA
veja

Semanário brasileiro recebido por via aérea
No número desta semana:

Oriente Médio: A TENSÃO PERMANENTE

Relato desenvolvido do que aconteceu em Amã
Em separata, que não pode ser vendida à parte:

GUIA DOS BANCOS DE DESENVOLVIMENTO

Preço: 25\$00

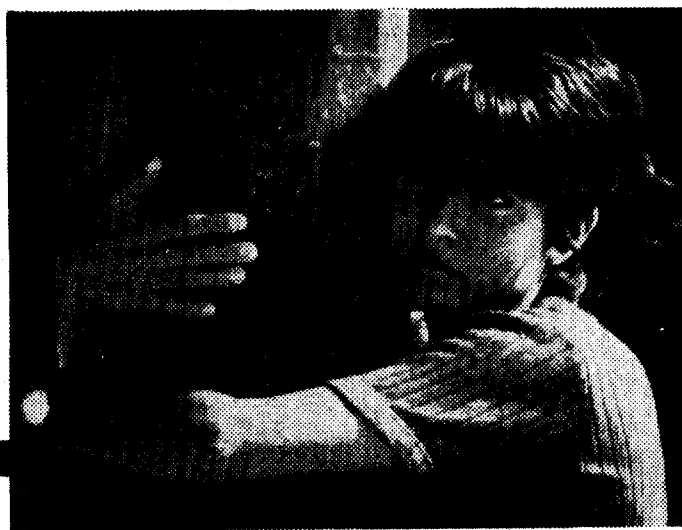
Distribuição exclusiva:

LIVRARIA BERTRAND

MARIA CABRAL • MIGUEL FRANCO • RUI DE CARVALHO • MARIO JACQUES

participação de ARMANDO CORTÉS

O CERCO



ADULTOS

VITÓRIA FILME

UM ROMANCISTA DE BOA CONSCIÊNCIA
UM AMERICANO BANAL
UM FOTÓGRAFO QUE JÁ FOI MARÇANO
UM MARIDO DESENCONTRADO
UM CONTRABANDISTA DE OLHAR LIMPO
A CIDADE
MARTA. O CERCO

ESTREIA — AMANHÃ

estudio
nucnuuucuuu

realização de
ANTÓNIO DA CUNHA TELLES

ONTEM, como durante
as ÚLTIMAS SEMANAS
A divertidíssima sátira

A RELÍQUIA

ÊÇA DE QUEIROZ

continuou a esgotar totalmente as lotações do mais moderno teatro de Lisboa.

Por imposição do público após a actuação no FESTIVAL INTERNACIONAL DE MADRID

«A RELÍQUIA» volta ao palco do Maria Matos para as duas últimas semanas de despedida, já muito próximo das 300 REPRESENTAÇÕES retomando a carreira no dia 21, 4.ª-feira, data do 1.º ANIVERSÁRIO do

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

M/ 17 anos



A receita do último espectáculo (6.ª-feira) reverte a favor da Obra de Assistência Particular aos Doentes do Hospital de St.ª Maria e Liga Portuguesa Contra o Cancro. Bilhetes à venda

HARKNESS BALLET

DE NOVA YORK

HOJE • ESTREIA
DE NOVO ESPECTÁCULO

PROGRAMA DE HOJE E AMANHÃ

Rendez-vous — 3 Prélúdios — Time out of mind — Souvenirs

SOLISTAS — CORPO DE BAILE — Dir. artística: REBEKAH HARKNESS

NO TEATRO

MONUMENTAL

(MAIORES DE 12 ANOS)

TEL. 55 51 33

HOJE: ÀS 21.45 H.



Em AGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.

Em emoção AEROPORTO é inigualável!



AEROPORTO
AEROPORTO
AEROPORTO
AEROPORTO
AEROPORTO
AEROPORTO
AEROPORTO
AEROPORTO
AEROPORTO

ROSS HUNTER
PRODUZIU

BURT LANCASTER · DEAN MARTIN
JEAN SEBERG · JACQUELINE BISSET · GEORGE KENNEDY
HELEN HAYES · VAN HEFLIN · MAUREEN STAPLETON
BARRY NELSON · LLOYD NOLAN

Música de ALFRED NEWMAN · Do livro de ARTHUR HAILEY · Realização de GEORGE SEATON · Produção de ROSS HUNTER
TECHNICOLOR — ADULTOS

FILME SELECIONADO PARA INAUGURAR A ÉPOCA DO
HOJE ESTREIA no MONUMENTAL
AS 21,30 PANAVISION

Último dia do Teatro na Estufa Fria

Na Estufa Fria, efectua-se hoje o último espectáculo com a farsa «O baile dos mercadores», com que o Município dá por finda, naquele recinto, a temporada de teatro deste ano. A distribuição gratuita de bilhetes faz-se, nos Resaúadores (das 18 às 20 horas), e à entrada da Estufa, (a partir das 21 horas).

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Maiores 12 anos)

CIRCO

As maravilhas de pista
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL
AS MAIORES ATRAÇÕES

PALHAÇOS INTERNACIONAIS
ULTIMOS DIAS

QUINTA-FEIRA

A tarde, às 16 h., entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
À noite, às 21.30
(M. 12 anos)

ONTEM, NA TELEVISÃO

UM TRIUNFO!

* 5.ª e 6.ª FEIRA *

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

AGUAVIVA

* UMA NOVA MÚSICA
* UMA NOVA FORMA

INTERPRETAÇÃO EXTRAORDINÁRIA
DOS MAIORES POETAS DE ESPANHA

ESPECTÁCULO INTEIRO

* A PARTIR DAS 18 e 30
E AS 21 e 30 HORAS

TEATRO
ABC

Tel. 366745

Com os popularíssimos actores
CAMILO e IVONE

e plástica sensacional de
IO APOLONI

LINDA SILVA

ORLANDO FERNANDES e VITOR ESPADINHA (no «comparsa»)
30 MULHERES FASCINANTES!

HOJE: 2. SESSÕES:
As 20 e 45 e 23 h.

A FABULOSA
SUPER-REVISTA

ALTO LA COM ELAS!

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO
produção de JOSÉ MIGUEL

a voz de ouro de
TONY DE MATOS

A GRANDEZA HERÓICA DE UM NOVO «WESTERN» NA LINHA DOS MELHORES CLASSICOS DO GÉNERO



JOHN WAYNE EM «CHISUM»

Forrest Tucker · Christopher George · Ben Johnson · Bruce Cabot
Glenn Corbett · Patric Knowles · Andrew Prine · Richard Jaeckel
Lynda Day
Geoffrey Deuel e Pamela McMyler

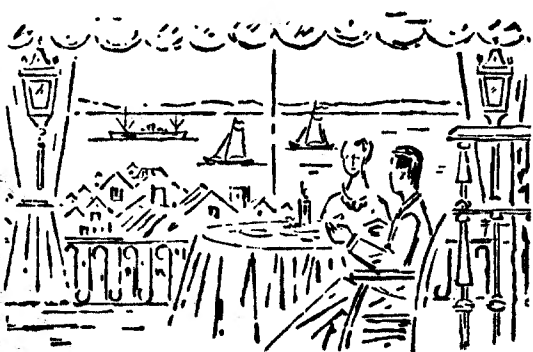
PRODUÇÃO: Michael Wayne

ESCRITO E PRODUZIDO POR: Andrew J. Fenady REALIZAÇÃO: Andrew V. McLaglen M/ 12 ANOS

«CHISUM» O SENHOR DO DESTE

Exclus. ASTÓRIA FILMES · PANAVISION · TECHNICOLOR · WARNER BROS.

Varanda do Chanceler



RESERVADO
AMANHÃ
AO JANTAR

PARA A AGÊNCIA DE
VIAGENS E TURISMO

«Atlantica»

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

5.ª FEIRA ESTREIA EDEN às 21.45 no

FUNERAL DO SUBDIRECTOR DE «O COMÉRCIO DO PORTO» EFECTUOU-SE ESTA TARDE

PORTO 13 — Da igreja de Santo António das Antas para o cemitério de Prado Repouso efectuou-se hoje, às 15 e 30, o funeral do Manuel Filipe Carqueja Seara Cardoso, subdirector do nosso prezado colega «O Comércio do Porto». Como tem noticiámos, na noite da morte, Manuel Filipe Seara Cardoso faleceu na sua residência da Rua da Serria, vítima de acidente extinto de 42 anos, que era viúvo e pai de Maria e António Pinto Coelho Seara Cardoso, era neto do fundador do «Comércio do Porto» Bento Carqueja, filho de Fortunato Seara Car-

do, actual director daquele diário portuense, e da sr.^a D. Maria Paulina Carqueja Seara Cardoso, já falecida; irmão das sr.^{as} D. Maria Eliza Carqueja Seara Cardoso e D. Adozinda Maria Carqueja Seara Cardoso Pontes, e do sr. José Miguel Carqueja Seara Cardoso, administrador do «Comércio do Porto».

No desempenho das suas funções jornalísticas desempenhou gerais simpatias, pelas suas qualidades e apuro moral.

Foi, ainda, um destacado desportista, chegando a ser seleccionado para a representação portuguesa de ginásti-



Manuel Filipe Seara Cardoso

ca nos Jogos Olímpicos de Helsinquia, em 1952.

A família enlutada, e bem assim aos nossos camaradas de «O Comércio», apresentamos sentidas condolências.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Com a continuação do depoimento da sr.^a D. Ana Maria Champalimaud Jardim prosseguiu o julgamento do caso da herança Sommer.

Instada pelo seu advogado, dr. Filinto Elísio, aquela senhora disse a certa altura:

— Os conflitos familiares traduziram-se em vários processos. Houve várias tentativas de acordo destinadas a pôr termo a esses incidentes. Essas instâncias de acordo foram inicialmente procuradas por mim e pelos meus irmãos Henrique e Carlos. Porém depois da denuncia feita contra o meu irmão António em processo-crime foi ele quem passou a tomar a iniciativa desses acordos, junto de mim e dos nossos irmãos. É certo que nesses acordos recusamos a fazê-los, e a cumprir as suas cláusulas, algumas das quais não nos convinha mas que aceitávamos pela força das circunstâncias.

A nova instância declarou: — Há vários anos, não posso precisar datas, numa dessas tentativas o António disse-me que cumpriria o que se estabelecesse. Isto passou-se na altura em que considerava que a posição não era boa em face do processo-crime. O António ausentou-se para a Alemanha, isto no meu convencimento, por ele recear as consequências da nossa queixa. O António, então deu plenos poderes ao sr. coronel Gaspar para concretizar o acordo com os irmãos. Devo acrescentar que os tios Maria Isabel Sommer e Afonso Sommer também entravam nesse acordo. O António nunca respeitava acordos nem cláusulas. Quebrava todos.

Após a intervenção do presidente a depoente explicou:

— Esse acordo, salvo erro, e tanto quando me é possível recordar consistia no seguinte: para o grupo oposto ao António (eu e os meus irmãos Henrique e Carlos, e os nossos tios Afonso e Fernando, representados pela tia Isabel) ficavam a Quinta da Marinha, a firma Montez Champalimaud, a Casa Sommer e uma quantia avaliada em dinheiro que, momentaneamente não posso precisar, mas suponho andar à roda de 80 mil contos. Em contrapartida, as mesmas pessoas beneficiadas teriam de entregar ao meu irmão António todas as acções dos «Cimentos de Leiria». Não me lembro se também as acções pessoais que os tios possuíam na mesma empresa, muito embora suponha que sim.

E prosseguiu, após breve interrupção:

— Não sei exactamente o papel que minha prima Maria Helena desempenhava nesse acordo, sendo certo, nessa altura, que ela já estava do lado do meu irmão António.

Uma intervenção do dr. Antero Monteiro Dinis, adjunto do procurador da República, provocou a seguinte declaração da depoente:

— Nesse mesmo acordo estava implícita a ideia de que os componentes do meu grupo se desinteressavam do processo-crime movido contra o António e dele se afastavam.

Um facto importante revelado pela depoente:

— Porém, mais tarde, a António, convenceu-se de que o processo não seria para ele,

tão grave como supunha, ou porque desejasse uma atitude mais dedicada dos componentes do grupo, rompeu o acordo, alegando como pretexto, uma exigência posterior do Carlos, que desejava ver também arrumado os problemas da nossa mãe. Daí em diante, não teve mais contactos.

A nova instância do presidente, explicou:

Posteriormente houve outras tentativas de acordo, das quais já não me lembro bem, pois nunca acreditei nelas. Pareceu-me que eram feitas só para nos distrair a atenção. Nessas tentativas vinham sempre intermediários ou emissários do António.

No capítulo de acordos, a depoente entrou a fundo no último que mereceu dos magistrados atenção muito especial. Começou por revelar:

— Houve, efectivamente, um acordo, que esteve mesmo fechado. Foi celebrado em 15 de Junho de 1968. Recordo-me bem desta data, por ser o dia do meu aniversário. Foi feito por intermédio do sr. conde de Agueda. Efectivamente, alguns tempos antes da referida data, este titular procurou o meu advogado, sr. dr. Filinto Elísio, com a finalidade de se chegar a um novo acordo. Declarei ao meu patrono que não acreditava em tais iniciativas. Era mais uma farsa para distrair atenções.

E acrescentou:

— Porém o sr. dr. Filinto Elísio disse-me que se tratava de uma personalidade de grande prestígio político e financeiro, e que, por essa razão, o meu irmão António não iria abusar da boa fé do sr. conde de Agueda, como tinha abusado da boa fé de outros intermediários. Suponho que a iniciativa deste acordo teria sido do próprio titular embora não tenha a certeza.

Continuando, disse:

— Os srs. drs. Filinto Elísio e Eridano de Abreu, perante as minhas reticências, e dos meus irmãos, chegaram até a manifestar o propósito de me abandonar, se não aceitasse as negociações, o que nos levou, com efeito, a transigir perante os factos manifestados.

Entrou-se, a seguir, no ponto crucial do acordo. A depoente relatou as cláusulas do referido documento, anunciando publicamente:

— Os nossos advogados, e o sr. conde de Agueda, chegaram ao seguinte acordo: «que se considerava definitivos: eu e meus irmãos ficávamos com a Quinta do António, denominada «Marinha», em Cascais, com a quota do mesmo, na firma Montez Champalimaud, e com a quota que nossa mãe possuía nesta última sociedade».

Recebíamos ainda do António, em dinheiro, 140 mil contos, uma parte dos quais se destinavam a nossa tia Isabel Sommer; em contrapartida, o António ficaria com as acções dos Cimentos de Leiria, então em meu poder e do Carlos, e as acções pertencentes à herança do tio Henrique Sommer. Ficava ainda o António com as acções de Sommer & Companhia, quotas que eu tinha nesta sociedade, as do meu irmão Carlos, e as da nossa tia Maria Isabel.

A exposição da sr.^a D. Maria Ana Jardim foi recebida da máxima relevância. Os magistrados procuraram

de todas as maneiras que a declarante av. vasse bem a memória, no sentido de esclarecer o mais possível o que o Tribunal, necessita de conhecer. Assim, em dado momento, a depoente afirmou: «Além disto já exposto, ficou combinado, por exigência do António, que a nossa mãe lhe venderia a ele 10 000 acções da Empresa de Cimentos de Leiria que ali possuía, venda a que eu e irmãos dariamos o assentimento. Isto é o que me lembra do referido acordo».

A declarante recordou em que circunstâncias se efectuou o acordo: «O acordo foi precedido de negociações havidas entre o meu advogado, como já disse, e o sr. conde de Agueda. Delas iam tendo conhecimento, a fim de darmos ou não a nossa adesão às respectivas cláusulas. No referido dia 15 de Junho de 1968, data em que o acordo foi fechado, eu, acompanhada de meu marido, do Henrique e, mais tarde, do Carlos, mantivemo-nos toda a manhã nos escritórios do dr. Eridano de Abreu. O dr. Filinto Elísio, de uma das dependências do titular, telefonava-nos frequentemente em especial para o sr. colega dr. Eridano. E assim, saí dando conta das negociações e das respectivas cláusulas, etc. Eram 13 ou 14 e 30, quando o dr. Filinto chegou ao seu escritório, dando mostras de muito cansado. Então disse-me: «finalmente chegou-se a um acordo, o qual, não sendo bom, sempre nos dava a nós, irmãos, e outros familiares, algum sossego».

Depois de uma pequena pausa, a sr.^a D. Maria Ana Jardim descreveu mais um episódio: «Após isto, o sr. dr. Eridano de Abreu voltou à Quinta da Marinha para ler mais uma vez as cláusulas do acordo, o qual seria assinado no dia seguinte».

Outra faceta posta em foco pela declarante, nesta altura, com mau presságio: «Segundo me foi dito o meu irmão seguiu a par e passo a elaboração das cláusulas, acabando, mais uma vez, por negar-se a sancioná-lo e a assiná-lo. Exigiu, nessa altura, a quantia de 15 000 contos para sua prima Maria Helena, parecendo-me que essa verba deveria ser dada por mim e pelos meus irmãos».

Estava-se no ponto alto das revelações que não eram conhecidas publicamente. Novas intervenções dos juizes drs. Marques Cordeiro e Saraiva Lima, dos sr. drs. Sidónio Ribeiro e Proença de Carvalho. Discutia-se com calor, no desejo de se apurar mais e melhor.

Última pergunta do sr. dr. Filinto Elísio: «Tem notícia de outras tentativas de acordo?» Resposta: «Não tenho conhecimento directo».

Houve, nesta altura, um pequeno intervalo, para repouso. Reabertos os trabalhos, as duas partes em litígio requereram que fossem notificados para comparecerem em plenário a fim de esclarecerem determinados pontos postos em evidência no decorrer deste julgamento, os srs. dr. Manuel José Homem de Melo (conde de Agueda), os profs. Galvão Teles e Cavaleiro Ferreira, conselheiros Santos Vitor e o sr. dr. Silva Garcia.

O Tribunal reunido em conferência, deferiu os pedidos dos representantes das assistências, e da defesa, com excepção do sr. prof. Galvão Teles, por se julgar não haver, por agora, motivo da sua atuação em juízo.

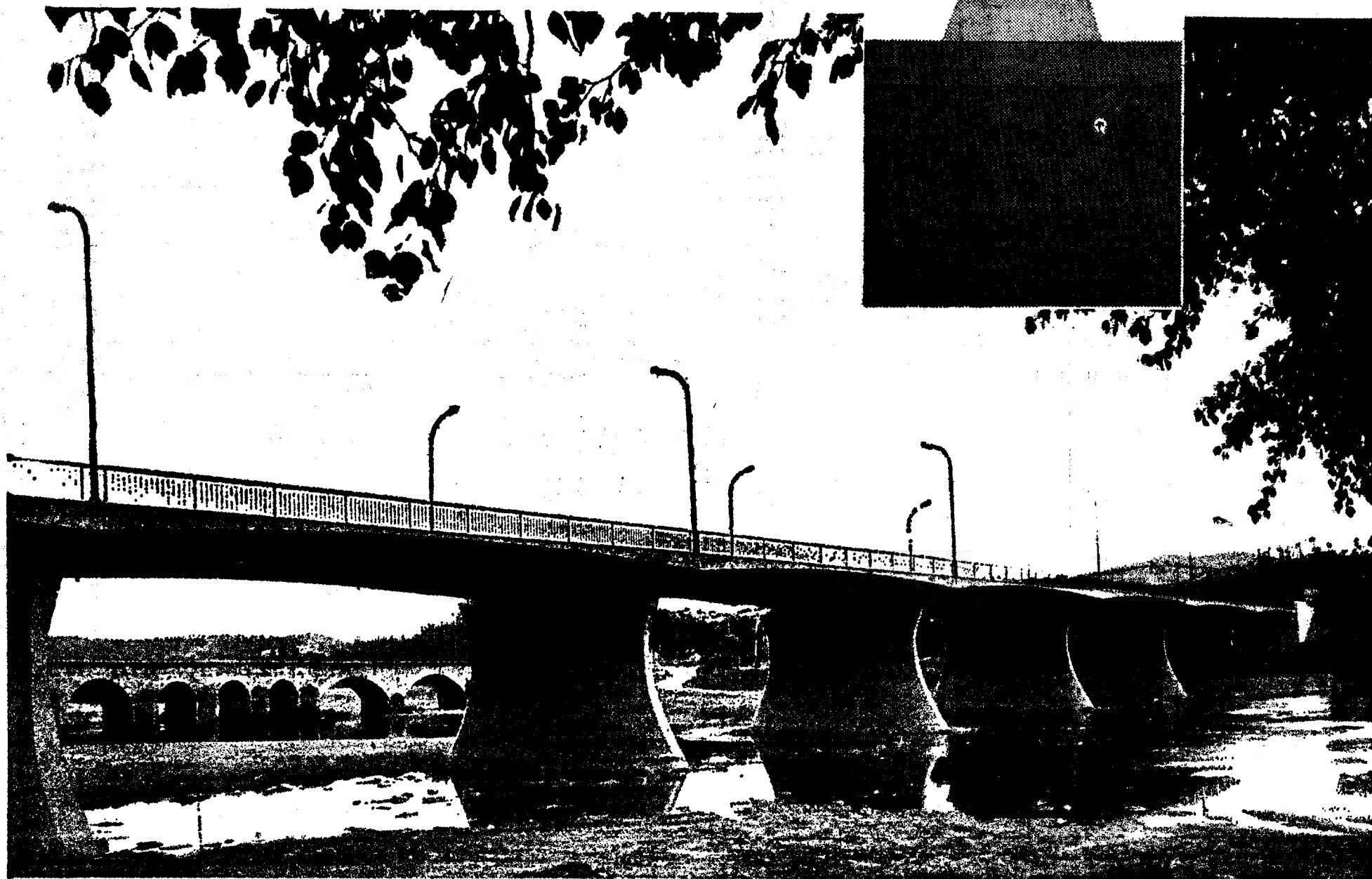
Bolsa de Lisboa

UNIDADES DE CÂMBIO	Compra	Venda
Real do Brasil 1/4	500\$	500\$
Real do Brasil 1/2	500\$	612\$
Real do Brasil 3/4	1.440\$	1.000\$
Real do Brasil 1	500\$	500\$
Real do Brasil 1 1/4	500\$	690\$
Real do Brasil 1 1/2	710\$	815\$
Real do Brasil 1 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 2	800\$	815\$
Real do Brasil 2 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 2 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 2 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 3	800\$	815\$
Real do Brasil 3 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 3 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 3 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 4	800\$	815\$
Real do Brasil 4 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 4 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 4 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 5	800\$	815\$
Real do Brasil 5 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 5 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 5 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 6	800\$	815\$
Real do Brasil 6 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 6 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 6 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 7	800\$	815\$
Real do Brasil 7 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 7 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 7 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 8	800\$	815\$
Real do Brasil 8 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 8 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 8 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 9	800\$	815\$
Real do Brasil 9 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 9 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 9 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 10	800\$	815\$
Real do Brasil 10 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 10 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 10 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 11	800\$	815\$
Real do Brasil 11 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 11 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 11 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 12	800\$	815\$
Real do Brasil 12 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 12 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 12 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 13	800\$	815\$
Real do Brasil 13 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 13 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 13 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 14	800\$	815\$
Real do Brasil 14 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 14 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 14 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 15	800\$	815\$
Real do Brasil 15 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 15 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 15 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 16	800\$	815\$
Real do Brasil 16 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 16 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 16 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 17	800\$	815\$
Real do Brasil 17 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 17 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 17 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 18	800\$	815\$
Real do Brasil 18 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 18 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 18 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 19	800\$	815\$
Real do Brasil 19 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 19 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 19 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 20	800\$	815\$
Real do Brasil 20 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 20 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 20 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 21	800\$	815\$
Real do Brasil 21 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 21 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 21 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 22	800\$	815\$
Real do Brasil 22 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 22 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 22 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 23	800\$	815\$
Real do Brasil 23 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 23 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 23 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 24	800\$	815\$
Real do Brasil 24 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 24 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 24 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 25	800\$	815\$
Real do Brasil 25 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 25 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 25 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 26	800\$	815\$
Real do Brasil 26 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 26 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 26 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 27	800\$	815\$
Real do Brasil 27 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 27 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 27 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 28	800\$	815\$
Real do Brasil 28 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 28 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 28 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 29	800\$	815\$
Real do Brasil 29 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 29 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 29 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 30	800\$	815\$
Real do Brasil 30 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 30 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 30 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 31	800\$	815\$
Real do Brasil 31 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 31 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 31 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 32	800\$	815\$
Real do Brasil 32 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 32 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 32 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 33	800\$	815\$
Real do Brasil 33 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 33 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 33 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 34	800\$	815\$
Real do Brasil 34 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 34 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 34 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 35	800\$	815\$
Real do Brasil 35 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 35 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 35 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 36	800\$	815\$
Real do Brasil 36 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 36 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 36 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 37	800\$	815\$
Real do Brasil 37 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 37 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 37 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 38	800\$	815\$
Real do Brasil 38 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 38 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 38 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 39	800\$	815\$
Real do Brasil 39 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 39 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 39 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 40	800\$	815\$
Real do Brasil 40 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 40 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 40 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 41	800\$	815\$
Real do Brasil 41 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 41 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 41 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 42	800\$	815\$
Real do Brasil 42 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 42 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 42 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 43	800\$	815\$
Real do Brasil 43 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 43 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 43 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 44	800\$	815\$
Real do Brasil 44 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 44 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 44 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 45	800\$	815\$
Real do Brasil 45 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 45 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 45 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 46	800\$	815\$
Real do Brasil 46 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 46 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 46 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 47	800\$	815\$
Real do Brasil 47 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 47 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 47 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 48	800\$	815\$
Real do Brasil 48 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 48 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 48 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 49	800\$	815\$
Real do Brasil 49 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 49 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 49 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 50	800\$	815\$
Real do Brasil 50 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 50 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 50 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 51	800\$	815\$
Real do Brasil 51 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 51 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 51 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 52	800\$	815\$
Real do Brasil 52 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 52 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 52 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 53	800\$	815\$
Real do Brasil 53 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 53 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 53 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 54	800\$	815\$
Real do Brasil 54 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 54 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 54 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 55	800\$	815\$
Real do Brasil 55 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 55 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 55 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 56	800\$	815\$
Real do Brasil 56 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 56 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 56 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 57	800\$	815\$
Real do Brasil 57 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 57 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 57 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 58	800\$	815\$
Real do Brasil 58 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 58 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 58 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 59	800\$	815\$
Real do Brasil 59 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 59 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 59 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 60	800\$	815\$
Real do Brasil 60 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 60 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 60 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 61	800\$	815\$
Real do Brasil 61 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 61 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 61 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 62	800\$	815\$
Real do Brasil 62 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 62 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 62 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 63	800\$	815\$
Real do Brasil 63 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 63 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 63 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 64	800\$	815\$
Real do Brasil 64 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 64 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 64 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 65	800\$	815\$
Real do Brasil 65 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 65 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 65 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 66	800\$	815\$
Real do Brasil 66 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 66 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 66 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 67	800\$	815\$
Real do Brasil 67 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 67 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 67 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 68	800\$	815\$
Real do Brasil 68 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 68 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 68 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 69	800\$	815\$
Real do Brasil 69 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 69 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 69 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 70	800\$	815\$
Real do Brasil 70 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 70 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 70 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 71	800\$	815\$
Real do Brasil 71 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 71 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 71 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 72	800\$	815\$
Real do Brasil 72 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 72 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 72 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 73	800\$	815\$
Real do Brasil 73 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 73 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 73 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 74	800\$	815\$
Real do Brasil 74 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 74 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 74 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 75	800\$	815\$
Real do Brasil 75 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 75 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 75 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 76	800\$	815\$
Real do Brasil 76 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 76 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 76 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 77	800\$	815\$
Real do Brasil 77 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 77 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 77 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 78	800\$	815\$
Real do Brasil 78 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 78 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 78 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 79	800\$	815\$
Real do Brasil 79 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 79 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 79 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 80	800\$	815\$
Real do Brasil 80 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 80 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 80 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 81	800\$	815\$
Real do Brasil 81 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 81 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 81 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 82	800\$	815\$
Real do Brasil 82 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 82 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 82 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 83	800\$	815\$
Real do Brasil 83 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 83 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 83 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 84	800\$	815\$
Real do Brasil 84 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 84 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 84 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 85	800\$	815\$
Real do Brasil 85 1/4	800\$	815\$
Real do Brasil 85 1/2	800\$	815\$
Real do Brasil 85 3/4	800\$	815\$
Real do Brasil 86	800\$	815\$
Real do Brasil 86		

o progresso e a cultura ligam dois pontos

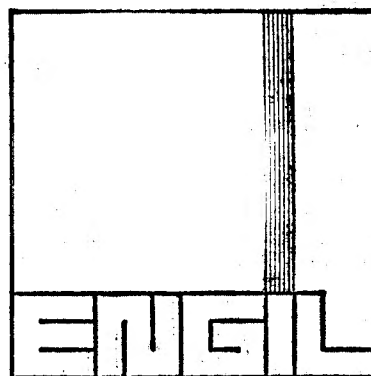
Entre dois pontos o olhar traça uma recta.
Em Mirandela a recta imaginada entre as duas margens concretizou-se.
A ENGIL, uma empresa que se afirma na diversidade e qualidade do que realiza
construiu a ponte sobre o Tua.

Extensão do tabuleiro	190 m
Dimensão transversal	16 m
Número de apoios	7
Estrutura do tabuleiro	— lagem em betão pré-esforçado
Pilares fundados em caixões de betão armado descidos	por «havage» até ao «bed-rock».



PONTE ENGº JOSÉ MACHADO VAZ - MIRANDELA

sociedade de construção civil sarl
AVENIDA ELIAS GARCIA 162 - 6º LISBOA I





Manhã na praça

O MERCADO REDONDO

Bem ventilado, tem um aspecto limpo o mercado de Arroios, onde não parecem faltar géneros nem clientes. Possui uma forma peculiar, redondo como é, possibilitando a distribuição dos produtos por círculos de bancas. Vai-se andando à roda, portanto, e chega-se ao centro, banhado pelo sol, quando há, ali se vendem flores (variedade não falta) e objectos de verga. Não é esta a parte mais concorrida do local, no entanto; como bem se calcula, a clientela aglomera-se mais nas bancas de peixe, abundante (mas os preços, os preços...), e nas de produtos hortícolas, para atemperar a panela.

Tal como sucede em todos os mercados da cidade, entendo os preços torna-se um autêntico quebra-cabeças. De banca para banca, há flutuações aparentemente não justificadas. (O aparentemente é mesmo de aparência...)

Bem, mas deixemos de lado o que não se consegue entender, embora certamente existam razões justificativas, e comecemos a elaborar a ementa do dia. Esta, como se sabe, também é sempre um quebra-cabeças!

PREÇO DOS PRODUTOS

O quilo do tomate estava a 1\$50 e 2\$50; das batatas, a 1\$70; das cebolas, a 1\$70; do feijão-verde, a 3\$50; das cenouras, a 3\$50; da azeitona, a 8\$00; dos alhos, a 30\$00.

Os molhos de banha vendia-se a 7\$00; de espinafres, a 9\$00; a alface, a 1\$00; a couve, a 4\$00.

PEIXE

Vimos o quilo das lulas a 24\$00; do peixe-espada, a 11\$00; da corvina, a 18\$00; da pescada bran-

ca, a 45\$00; da garoupa, a 25\$00; do linguado, a 75\$00.

FRUTA

Observámos o quilo das uvas a 7\$80; das bananas, a 8\$50 e 10\$00; das maçãs, a 6\$00; das peras, a 9\$00; dos pêssegos, a 12\$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia de ovos estava a 11\$00, 14\$50 e 15\$00. O quilo do frango limpo vendia-se a 26\$00.

DONA DE CASA

* aceite o nosso CONVITE *

MAIS ALGUMAS DEZENAS DE LEITORES PREMIADOS

Há vinte semanas que o nosso concurso é acompanhado com entusiasmo por milhares de leitores de todos os pontos do País. O sorteio de ontem — o 20.º da nossa iniciativa — foi presidido pela sr.ª D. Maria Adelaide Rodrigues dos Santos, oficial do Governo Civil em representação deste departamento do Estado. Como delegado do «Diário de Lisboa», o sr. Afonso Valente, chefe do departamento de promoção e vendas do nosso jornal.

Mais uma vez uma interpretação do fado colaborou nas operações de sorteio: Maria Emília, do elenco do restaurante típico «Baleeira», que se encarregou da extração das colecções de cupões premiados que constituem a lista que a seguir publicamos, com a relação dos estabelecimentos onde os concorrentes contemplados vão utilizar os respectivos prémios.

Os concorrentes premiados

São os seguintes os leitores contemplados no 20.º sorteio do concurso «Aceite o nosso convite»:

1.º, Maria Elizabeth Marti-

nho Martins, Rua D. João de Castro, 32, 2.º Esq. — Lisboa (ADAGGIO); 2.º, Clotilde de Queiroz Barreto, Rua Pedro Ivo, 7, 3.º Esq. F. — Lisboa (ADEGA MACHADO); 3.º, José David, Rua da Prata, 260, 2.º — Lisboa (ARABITA DE ALFAMA); 4.º, Lizete Amélia de Queiroz Alva Presber, R. Alberto de Oliveira, 25, 1.º-dto. — Lisboa (ARCHOTE CLUBE); 5.º, Horácio da Silva, R. Mouzinho de Albuquerque, 55, r/c. — Barreiro (BAIÇA); 6.º, Arménio Ferreira de Sousa Neves, R. Polais de S. Bento, 46, 1.º-dto. — Lisboa (LLEEIRA); 7.º, Maria Luisa Carvalho da Silva, Rua Direita, 50, 1.º — Coimbra (BO-NAPART BAR); 8.º, Maria Ofélia Fernandes dos Santos, R. Augusto Gil, 7, 4.º-dto. — Lisboa (CASINO ESTORIL); 9.º, Virgílio Campos Pedrosa da Costa, R. Cavaleiro de Oliveira, 51, r/c. — Lisboa (FOLCLORE); 10.º, João Marcelino dos Reis Pontes, R. Herólio de Quença, 48, 1.º — Lisboa (FORTE VELHO); 11.º, Marcelina de Jesus Alves Cavaleiro, Av. Santa Joana Primeira, 3, 1.º-C — Lisboa (FRAGATA REAL); 12.º, Vasco Henrique da Silva Fazenla, Rua Afonso Domingues, 19, 1.º-esq. — Lisboa (GALERIA REAL); 13.º, Maria do Carmo Massano Grava-to, Vivenda Sousa Rosa, Rua do Cacto — PAREDE (GU-TARRA DE ALFAMA); 14.º, Manuel Marques Roque, Bairro Nossa Senhora da Oliveira — Samora Correia (GU-TARRA DA MADRAGOA); 15.º, António Santos Matias, Olho de Boi — Almada (HIP-POPOTAMO); 16.º, Manuel dos Santos Costa, Praceta Guilherme Gomes, 4, 1.º-dto. — Amadora (KAVERNA); 17.º, José Carlos Bastos Antunes, R. do Sacramento a Alcântara, 62, 1.º-esq. — Lisboa (LAR PORTUGUES); 18.º, Alvaro Guilherme Alves, Travessa da Portuguesa, 6, 2.º — Lisboa (LUSO); 19.º, Maria da Assunção Teixeira de Carvalho Gomes, Rua Damasceno Monteiro, 64, 1.º — Lisboa (MARCIA CONDES-SA); 20.º, Bernardino Sequiera, Av. Oscar Monteiro Tor-

res, 45, 4.º — Lisboa (MAXI-ME); 21.º, António Pombo da Silva Cordeiro, Vivenda Neta, Bairro Alentejano — Par-rede (MIL E UM); 22.º, Carlos Mateus Cardoso Alves, R. Infanteria 16, 77, 4.º-esq. — Lisboa (O FORCADO); 23.º, Óscar Correia Botelho, R. Marquesa do Faial, 2, 1.º-esq. — Setúbal (PARREIRINHA DE ALFAMA); 24.º, Maria Judite Pires, R. Luciano Cor-deiro, 19, 4.º-esq. — Lisboa (POP-FADO); 25.º, Eduardo Augusto Marques Henriques Martins, Av. D. Rodrigo da Cunha, 15, 1.º-C — Lisboa (SANZALA); 26.º, Luís José de Sousa Cruz e Castro, R. Dr. Eusébio Leão, 4, 2.º-F. — Barreiro (SEVERA); 27.º, José Manuel Faria Fi-gueira, Av. Combatentes da Grande Guerra, 44, 5.º-E — Setúbal (SNOB); 28.º, Roberto José Jesus Lança, Av. Visconde Sacavém — Caldas da Rainha (SOLAR DA MA-DRAGOA); 29.º, Arlindo Ro-drigues Ferreira, Av. Rainha D. Leonor, 30, 2.º, esq. — Li-sboa (SOLAR DO MINHO); 30.º, Libânio Ferreira, R. Flí-mpe Folque, 10-J — Lisboa (TAGIDE); 31.º, Maria Ma-

Maria Emília, do elenco da «Baleeira» que ontem se encarregou da extração de colecções de cupões

núcia Marques da Costa, Rua do Cabo, 58, 1.º esq. — Li-sboa (TAVERNA DO EMBU-CADO); 32.º, António Costa, Bairro da Covina, 30, 1.º, esq. — Santa Iria da Azoia (TER-RAÇO DAS ESTRELAS); 33.º, Arnaldo da Silva Malhel-ro, R. Francisco Rodrigues Lobo — Lisboa (TIMPA-NAS); 34.º, José Nogueira Durão, R. Luciano Cordeiro, 19, r/c, esq. — Lisboa (VIE-LA).

A todos estes leitores o «Diário de Lisboa» remeterá as credenciais que lhes vão permitir utilizar os respectivos prémios.

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO DE DIRIGENTES DE EMPRESA

O dr. João Salgueiro, sub-secretário de Estado do Planeamento Económico, preside, no dia 20, à cerimónia de abertura das actividades do Centro de Aperfeiçoamento de Dirigentes de Empresa da U.C.I.D.T. (União Católica de Industriais e Dirigentes de Trabalho).

O Centro, a cujo conselho directivo preside o dr. José Augusto da Conceição, visa o aperfeiçoamento dos dirigentes já em função e conta com a colaboração do Stanford Research Institute e a assistência técnica e documental do Centro Cristão dos Empresários e Dirigentes de França, do Centro de Aperfeiçoamento dos Chefes de Empresa e dos Quadros Superiores do mesmo país e

dos Serviços Franceses de Cooperação Técnica no Domínio Económico.

Decoram já a sua adesão, ficando a fazer parte do conselho orientador do C.A.D.E. empresas como o Banco Fonsecas & Burnay, a IPM Portuguesa, a C. U. F. C. Santos, Entrepósito Comercial de Automóveis, Tabaqueira, Sociedade Central de Cervejas e Sociedade Nacional de Petróleos.

Os cursos que serão semanais, principiam em Novembro mas logo após a abertura solene do Centro, decorrerá uma série de conferências de informação de base, as quais se estendem ao longo do ano. Nelas, os srs. profs. drs. Pinto Barbosa, Teixeira Pinto e Fernando Seabra, drs. Silva Lopes, Ramos Pereira e Oliveira Ascensão, prof. dr. Almeida Gaa-ett, eng.ª Teixeira Lopo e prof. eng.ª Carvalho Fernandes, desenvolverão os temas «Empresa e política económica», «Panorama das doutrinas económicas», «A inserção da empresa na comunidade nacional», «A empresa e a política monetária», «A empresa e a propriedade», «A empresa e conjuntura», «A empresa na economia do futuro» e «Planeamento económico».

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 175/70

Faz-se saber que no dia 6 de Novembro de 1970, pelas 15,30 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171 C, o concurso público para o FORNECIMENTO DE 4000 METROS DE MANGUEIRA DE BORRACHA, com a base de licitação de 120 000\$00 (Processo n.º 104/70/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 3000\$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência

ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo I, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 7 de Outubro de 1970.

O Presidente

Fernando Augusto Santos e Castro

ROTARY CLUBE

No hotel Tivoli efectuou-se hoje, mais uma reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa. Presidiu o dr. Ruy Pires Branco. A reunião foi dedicada a comemorizar o

BOM APETITE

CERVEJARIA E RESTAURANTE
R. do Salitre, 9
(Junta ao Parque Mayer)
Aberto até às 3.30 h.
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AR CONDICIONADO

NO RESTAURANTE
NO SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 228244
LOCAL APRAZIVEL PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

OH LACERDA!

UM CONVITE
PERMANENTE

R. Dr. Silva Teles, 18-A

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telhadas de Cima, 144
Telef. 790211

JANTARES
DANÇANTES
AOS SABADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
(Maiores de 5 anos
Premiado pelo S. N. I.)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

22.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 13 de Outubro de 1970





MANUEL AUGUSTO EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

Estreou-se há seis anos no palco do Coliseu do Porto e ouviu ali os primeiros aplausos. Fez provas para a E. N. e R. T. P. e pertence ainda aos seus quadros artísticos. Já actuou em quase todos os recintos típicos do país. Intérprete de fado, embora português, tem particular predilecção pela canção de Lisboa. Em 1967, gravou actuações em Angola e Moçambique, França, Alemanha, Rodésia e África do Sul. Manuel Augusto (a ele nos referimos), gravou agora o terceiro disco (para a etiqueta «Orfeu»), onde incluiu:

«Amor duma semana», «Sede de Amor», «Mãe» e «Quadras soltas», após o que partiu de novo para França onde cumprirá um contrato para efectuar 22 espectáculos. O nome de Manuel Augusto está indigitado para ser uma das atracções dum recinto típico lisboeta.



MANUEL AUGUSTO

ADRIANA FRANCO E NUNO DE AGUIAR EM PARIS

Adriana Franco e Nuno de Aguiar, que agora fazem parte do elenco do «Salar do Minho», partem no fim da próxima semana para Paris, onde vão cumprir um contrato de três meses no restaurante típico português «Ribatejo». Esta é a primeira experiência internacional do casal de intérpretes. Nuno cantou já em Angola e na Madeira. Adriana tem actuado apenas nos recintos típicos lisboetas

ADA DE CASTRO HOMENAGEM A ERCÍLIA

Ada de Castro é agora a vedeta do espectáculo que o Hotel Ritz oferece aos grupos de turistas e onde colaboram grupos folclóricos de várias regiões do país. Ada gravou há poucas semanas um novo disco que a «Philips» lançará no mercado ainda este mês. Trata-se de uma homenagem a Ercília Costa, idolo do fado dos anos trinta. Acompanhada por Francisco Carvalhinho e António Chalhinho (guitarras), Martinho da Assunção e José Maria Nóbrega (violões), registou no novo «EP»: «Fado Ercília Costa» (Manuel Paíão-Eduardo Damas); «Tristeza» (Jorge Campos-Carlos Conde); «Lisboa, casta princesa» (Raul Ferrão-Alvaro Leal); «Fado Ercília» (Armando Freire-Júlio Guimarães). Os êxitos de Ercília (a quem chamaram «Santa do fado»), regressam na voz de Ada de Castro.



ADA DE CASTRO



LEONOR SANTOS CONVITE PARA O BRASIL

Jovem intérprete portuguesa revelou-se nas colectividades de recreio da sua cidade. Depois, surgiram os primeiros contratos (Arco-Iris e Candela). Veio para a capital e esteve integrada durante dois anos no elenco do «Lisboa à Noite». Registou, mais tarde, actuações em vários casinos do país. Pertenceu, até é pouco, ao grupo de intérpretes contratados pela «Kaverna» passando agora para a «Parreirinha de Alfama». Tem um disco gravado (para a «Estudio»), onde registou: «Nada a mim me dá cuidado» (José António Sabrosa-Isidoro Silva); «Mentiroso» (Pedro Rodrigues-João de Freitas); «À Espera das horas» (Francisco Viana-Torre da Guia) e «Porquê?» (Franklin Godinho-Agostinho Mendes). Prepara agora repertório para novo disco a editar por aquela etiqueta.

ANDREA A CANÇÃO DO FESTIVAL



Andrea, em contrato exclusivo com a etiqueta «Tecla», vai incluir no seu próximo disco a «Canção de paz para todos nós» de Jorge Costa Pinto e Francisco Nicholson a interpretar por Paula Ribas no V Festival da Canção que se realiza no Rio de Janeiro. Andrea (cabelos castanhos e olhos verdes), nasceu em Portugal mas viveu todo o período da infância em Itália. Com 19 anos revelou-se como profissional. Muito jovem ainda (conta presentemente 22 anos), interpreta poemas em português, italiano, espanhol, francês e inglês e procura posição de relevo no panorama artístico. O lançamento do seu último disco (já para a «Tecla») teve algo de insólito (como noticiámos). De facto, a jovem camponesa esteve «em poses» numa montanha do Porto, junto de exemplares da gravação.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Fátima Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos * Consumo mínimo 50\$00 * Beca do Espírito Santo, 1 * Telef. 868200.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nóbrega Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos * Consumo mínimo 90\$00 * Beca dos Cortumes, 10 * Telef. 860816.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Cândida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa * P. da Alegria, 58 * Telef. 367093 * Encerra à segunda-feira.

GUIARRA DA MADRAGOA

cantam: Lizete Maria, José Teixeira, Maria José Ramos e Francisco Martinho. Tocam: António Parreira e José Inácio. Aberta todos os dias. * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín. 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Natália dos Anjos e Artur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lope. * José Mendes * Rua do Vigário, 60 * Telef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Aminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chalhinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves * Cons. mín. 120\$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telef. 35007-323406 * Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Trío Odemira, Alcindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvidade Cruz. Tocam: Amândio Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico da Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rolão, 24 * Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Flôrinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Paia da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, José de Barros, Maria do Fátima, Hermenegildo Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto * Cons. mín. 40\$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

Elenco: Maria da Fé, Tânia da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusto Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (violão). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha * Trav. da Queimada, 10-16 * Tels. 362889-328503.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues e Fernando Mourão. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * Cons. mín. 50\$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telef. 868552.

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares * Cons. mín. 50\$00 * R. das Taipas, 14 * Tel. 327256.

A KAVERNA

cantam: Celeste Mota, Tina Santos, Renato Mota. Tocam: Amândio Maria e José

Amorim Carvalho * Cons. mín. 90\$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Armando Miranda. Folclore pelo Coni. Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa, Fernando Reis * Cons. mín. 50\$00 * R. da Barroca, 133 * Telef. 36960 e 30532 * Encerra às terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * Cons. mín. 80\$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trío Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva * Cons. mín. 70\$00 * Rua do Norte, 91 * Telef. 30095-328713 * Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabral. Tocam: Edgardo Nogueira (guitarra) e Amândio Gonçalves (viola) * Encerra aos domingos * Rua da Adição, 9 * Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sabrosa. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * Cons. mín. 40\$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.

GUIARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Encerra ao domingo * Cons. mín. 35\$00. Largo do Penitenteiro, 7 (Alfama) * Telef. 868505.

BALEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Amândio Silva * Encerra às 2.ª-feiras * Cons. mín. 40\$00 * Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) * Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES, «BOÍTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto Encerra aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 * Telef. 370889 * Poesia com Correia do Silva * Encerra às 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reação e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades Internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇAS ESTRELAS

(HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 790172 * Encerra às 3.30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 * Telef. 34700

LORD

Rua Victor Gordon, 14-A * Telef. 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef. 981661. Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas.

TÁGIDE

Variedades Internacionais * Largo

da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 178 * Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69—Telef. 534117 * Matinees todos os dias * Encerra aos domingos.

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo

reportório * Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis 51-A * Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades Internacionais * Telef. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946

FORTE VELHO

Papo * S. João do Estoril * Telef. 261337.



Delegados e agentes d'«A Mundial» reunidos num Congresso de Vendas

Num hotel dos arredores de Lisboa realizou-se um Congresso de Vendas, em que participaram Agentes e Colaboradores da C.ª de Seguros «A Mundial». Esta reunião de traba-

lhos que durou dois dias, teve a presença de elementos da Administração e Direcção da Companhia que, depois de saudarem os participantes, traçaram as linhas sob as quais se de-

senvolve a actividade comercial da Companhia nos meses mais próximos, visando particularmente, o ramo de Seguro de Vida, na modalidade original de Seguro Base, que tanta

aceitação tem tido.

Em diálogo aberto, os Agentes expuseram os seus problemas e apresentaram sugestões úteis para a prossecução dos planos estabelecidos.

Na mesma linha de formação e esclarecimento de Agentes, seguir-se-ão outras reuniões similares, ainda este mês, na Figueira da Foz e em Oir.

O PROJECTO DA UNIVERSIDADE

revelado (e apreciado) pelo reitor da Universidade

A liberalização do acesso à Universidade e do plano de estudos, a divisão do ensino universitário em dois graus, a transformação das Faculdades em departamentos e a representação estudantil nos órgãos de gestão universitária — eis algumas das inovações do projecto de Reforma da Universidade italiana que em breve será discutido na Câmara dos Deputados, revelou-nos o professor italiano Salvatore Valitutti, reitor da Universidade para estrangeiros de Perugia, e que tem ocupado cargos de alta importância no seu país, sendo nomeadamente conselheiro de Estado desde 1955. No decorrer da conversa o nosso entrevistado referiu-se também a outros aspectos da situação em Itália, que nos parecem revestir-se de tanta mais importância quanto é certo estar em curso entre nós uma revisão completa de toda a orgânica do ensino, na qual é natural venham a ser consagrados alguns princípios comuns ao sistema e ao projecto italianos, por sua vez amplamente subsidiários dos sistemas anglo-saxónicos e americano.

O prof. Valitutti, que veio a Portugal fazer uma conferência na sede do Instituto Italiano de Cultura, é doutorado em Ciências Políticas e professor de Doutrina de Estado na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Roma. Entre outros cargos que ocupou foi deputado e chefe de gabinete do ministro da Educação. Profundo estudioso de problemas político-jurídicos, pedagógicos e escolares, tem desenvolvido intensa actividade em todos estes domínios, sendo autor de diversas obras de especialidade. Além disso dirige a revista «Studi Politici» e as edições «Educazione e Politica».

Em face das múltiplas aptidões e dos diversos centros de interesse do nosso interlocutor a conversa podia incidir sobre muitas questões, nomeadamente de ordem política ou jurídica. Porém, quer para evitar uma dispersão que podia levar a que, tentando falar-se de muito, não se falasse de nada, quer pela importância, actualidade (e viabilidade?) de que o tema entre nós se reveste, preferimos centrá-la sobre a Reforma da Universidade e o projecto da mesma em Itália.

Começou por nos informar o prof. Valitutti que o projecto, que se esperava fosse discutido em breve na

SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÊ

S. A. R. L.

Capital realizado Esc. 200 000 000\$00

Concessionária da produção, transporte e distribuição de energia eléctrica por aproveitamento das águas do Rio Revuê em Moçambique

Sede em Lisboa, Avenida 5 de Outubro, 95-2.º

Delegação em Moçambique Vila Pery

AUMENTO DE CAPITAL DE 200 000 PARA 250 000 CONTOS

Autorizado por portaria publicada no Diário do Governo, n.º 223, III Série, de 25/9/70

DAS ACCÕES A EMITIR, DO VALOR NOMINAL DE ESC. 1.000\$00 CADA UMA, 20 000 CORRESPONDEM A INCORPORAÇÃO DE RESERVAS E AS RESTANTES 30 000 SÃO REALIZADAS EM NUMERÁRIO, DE FORMA QUE, NO CONJUNTO POR CADA 5 ACCÕES SUBSCRITAS SÓ 3 SÃO PAGAS

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

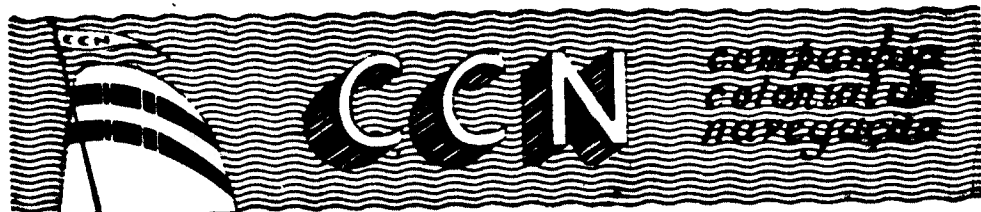
- Os actuais accionistas beneficiam do direito de preferência na subscrição destas accções e poderão exercer o seu direito na proporção de cinco accções novas por cada 20 possuídas.
- O público em geral e os accionistas que pretendam subscrever para além do direito indicado em 1, poderão também efectuar subscrições, SUJEITAS A RATEIO, de 5 accções ou de múltiplos deste número.
- O pagamento, a efectuar integralmente no acto da subscrição, será feito da seguinte forma:
 - por cada grupo de 5 accções, somente 3 serão liquidadas a Esc. 1000\$00, cada uma;
 - as duas restantes, provenientes da incorporação de reservas, estão sujeitas unicamente à liquidação do imposto de Mais-Valias de Esc. 50\$00 por accção.
- Os títulos a emitir serão de 1, 5, 10, 20, 50 e 100 accções, podendo ser ao portador ou nominativos.
- As accções a emitir terão direito a 25% do dividendo que vier a ser votado para o exercício de 1970 e deverão ser admitidas à cotação da Bolsa de Lisboa no prazo máximo de 6 meses a contar da data da emissão.

A subscrição estará aberta de 8 a 14 do corrente, nas Sedes, dependências e agências dos seguintes Bancos, que tomaram firme a emissão:

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLANTICO
BANCO TOTTA & AÇORES

Lisboa, 2 de Outubro de 1970

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



PARTIDAS

DESTINOS

«I. D. HENRIQUE»
a sair em 16 de Outubro
às 12 horas

«UIGE»
a sair em 4 de Novembro
às 16 horas

«VERA CRUZ»
a sair em 3 de Novembro
às 16 horas

«AMBOIM»
a sair em 5 de Novembro

«LOBITO»
a sair em 12 de Novembro

«GANDA»
a sair em 20 de Novembro

«PÁTRIA»
a sair em 25 de Novembro
às 12 horas

LINHA DE ÁFRICA

Com escala por Funchal, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega até 14 de Outubro.

Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 25 a 28 de Outubro.

Com escala por Las Palmas, para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 27 a 31 de Outubro.

Com escala por Leixões, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 29 de Outubro a 3 de Novembro.

Com escala por Leixões, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 5 a 10 de Novembro.

Com escala por Leixões, para: CABINDA, SAZAIRE (se necessário), LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 12 a 17 de Novembro.

Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 12 a 17 de Novembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 24 de Outubro
e 26 de Novembro
às 18 horas

Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 2 33 42

DE REFORMA DADE ITALIANA

(reiciado) pelo prof. Valitutti
rsidade de Perugia

Câmara e depois no Senado, deve ser adiado em virtude da antecipação do debate de outros problemas que se prendem com problemas económicos e sociais que se entende revestirem-se de maior urgência.

— Mas — continua o reitor da Universidade de Perugia — algumas organizações de professores universitários já anunciaram que se a discussão do projecto fosse adiada fariam diversas manifestações de protesto, podendo ir até à greve a exames.

● A liberalização do acesso à Universidade

— E quais são os aspectos mais importantes desse projecto de Reforma?

— Antes de mais há que referir a liberalização do acesso à Universidade. Assim, após os oito anos de ensino secundário, em qualquer das escolas, os estudantes podem inscrever-se em qualquer Faculdade — regime que já este ano esteve em vigor, a título experimental.

O nosso interlocutor explica depois que em Itália existem três espécies de escolas do ensino secundário, um pouco na linha anglo-saxónica: o que poderíamos chamar o liceu clássico, que já dava acesso a todas as Faculdades, os liceus científicos que o davam aos cursos de ciências aos cursos universitários, e até 1960 não davam acesso e os institutos técnicos, que a partir daquela data passaram a dar mas apenas para os cursos técnicos e para número limitado de estudantes. Nos termos do projecto, os estudantes de qualquer um destes estabelecimentos passam a ter acesso a todas as faculdades.

— Um outro aspecto — prossegue o prof. Valitutti — respeita à liberalização do plano de estudos: os estudantes poderão escolher as matérias dos seus cursos (desde que, evidentemente, se prendam com eles) com grande margem de liberdade. E podem até ser escolhidas matérias professadas noutras faculdades, na dependência apenas de aprovação do Conselho de Faculdade. Aliás alguns Conselhos darão sugestões de planos-tipo.

E a uma outra pergunta, o nosso interlocutor responde:

— Para mim este sistema tem o perigo de poder vir a importar num abaixamento do nível do ensino. O sistema é o americano — que nos E. U. A. se justifica por o ensino ser livre e não conferir um título oficial, ao contrário do que se passa no nosso país.

PRATAS DE ARTE

Nos nossos Salões encontrará V. Ex.^{ta} peças dignas do seu gosto.

OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 255 — LISBOA

Mas liberalização do acesso ao ensino superior ainda se traduz numa outra importante inovação: todas as pessoas com mais de 25 anos podem frequentar a universidade, mesmo sem ter frequentado o ensino secundário, desde que sejam aprovadas num exame de aptidão.

Deve-se notar que a explosão escolar em Itália reveste este ano aspectos particularmente significativos ao nível da Universidade, calculando-se que o número dos seus alunos, que é de aproximadamente 500 mil, se eleve em cerca de 30 por cento. É que em 1963 foi instituída a escolaridade obrigatória até aos 14 anos — cujos reflexos positivos no aumento da população universitária se começam agora a fazer sentir de forma bem patente.

Por outro lado, o projecto prevê a criação, em todos os cursos, de dois graus universitários que de certa



O prof. Valitutti, fala para o nosso jornal

partir deles e na sua dependência em vários aspectos. Em vez disso, defende-se que se entre para a Universidade como investigador, passando-se depois a professor com total independência dentro do quadro das matérias que ensina, em conformidade com os planos estabelecidos pelos Conselhos Escolares.

de autonomia em relação ao poder político), em alguns casos, executivas, pensando-se que possa ser criado um comité para esse efeito.

— Qual a posição dos estudantes em face desse projecto e nomeadamente da sua representação nos órgãos de gestão universitária?

— Alguns grupos não concordam com a representação estudantil, com o argumento de que ela acabará por instrumentalizar os estudantes, por os corromper. Preferem assim a constituição de órgãos próprios, que discutam com os conselhos e lhes possam impor certos critérios. Pessoalmente também sou favorável a esta solução.

● Universidade e movimentos juvenis

Tinhamos algumas dúvidas e objecções a pôr — com efeito a existência (indispensável) de órgãos próprios e totalmente autónomos, não exclui a de órgãos comuns, electivos e paritários — o problema não pode ser visto desligado das estruturas existentes, etc.

— mas a nossa conversa, em que também participou o prof. Ricardo Averlini, director do Instituto Italiano em Portugal, ia muito longa e tinha de terminar. Sobre aquele tema, o prof. Valitutti ainda nos disse:

— É necessário fazer uma lei sobre o associativismo estudantil destinada a discipliná-lo, estabelecendo o seu poder, mas garantindo também a liberdade individual de todos. Porém as relações entre professores e alunos não se podem resolver no plano legislativo, mas apenas ao nível das relações pessoais e pela criação de um espírito novo de colaboração e diálogo.

E a uma última pergunta sobre os movimentos juvenis dentro da sociedade de abundância, destinada especialmente ao autor de *La rivoluzione giovanile*, que actualmente escreve um ensaio sobre a contestação, respondeu-nos:

— Quem aceite um certo tipo de sociedade, fundada no antagonismo, tem de aceitar também, mais ou menos como naturais, os problemas decorrentes dos dissídios. Quem acreditar

na eficácia do método da liberdade, tem de ter a consciência que constantemente há que resolver ou superar contrastes, e os antagonismos devem servir como fonte de progresso. É preciso escolher entre a liberdade e a autoridade: feita a escolha, não nos devemos preocupar demasiado com os dissídios, mesmo quando parecem muito violentos. Aliás, no que respeita à contestação dentro da Universidade, é minha convicção tratar-se de um fenómeno destinado a resolver-se no âmbito da própria massa estudantil, quando se desenvolver e estabelecer a democratização do ensino e da Universidade.

Contribuições para a Previdência durante a prestação de serviço militar

Um despacho do subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência revoga o n.º 3 do despacho de 24 de Maio de 1968 (publicado no «Diário do Governo», II Série, de 14 de Junho seguinte), sobre alterações da entrada de contribuições durante a prestação do serviço militar.

De acordo com esse despacho, «quando, estando um beneficiário a prestar o serviço militar, for aumentada a retribuição da sua categoria profissional por força da convenção colectiva de trabalho ou despacho de salários mínimos, deverá passar a nova retribuição a servir de base à equivalência à entrada de contribuições, independentemente do exercício de actividade, cabendo a prova desse direito aos interessados».

Curso sobre

«A avaliação do pessoal»

Promovido pelo Centro de Estudos de Organização de Escritórios do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, realiza-se, nos dias 28 e 29 deste mês e 3, 4, 5, 10, 11, 12, 18 e 19 de Novembro, das 21 às 23 e 30, no Hotel Flórida, o Curso «A avaliação do pessoal e a sua aplicação permanente durante a carreira profissional», dirigido pelo dr. Carlos Villar.

Qualquer informação pode ser pedida para a secretaria do Centro de Estudos, Av. Duque de Loulé, 126, 3.º, ou através do telefone 539417.

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

OS VELHOS MARINHEIROS por JORGE AMADO



Uma obra inesquecível, agora incluída na colecção especialmente dedicada às obras do grande escritor brasileiro

Col. «Obras de Jorge Amado»
332 págs., 75\$
Edição especial encadernada, 210\$

Na mesma colecção, já publicados:
Tenda dos Milagres • São Jorge dos Ilhéus •
Mar Morto • Capilães da Areia
A publicar brevemente:
Dona Flor e Seus Dois Maridos
Bahia de Todos-os-Santos
(1.ª edição portuguesa, refundida)

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA
Av. 28 de Setembro, 8 - Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua da Entreparedes, 6, 2.º

Entrevista por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

forma correspondem ao bacharelato e à licenciatura, nas faculdades onde, entre nós, existem. Para bacharelato («laurea») são necessários quatro anos de estudos, e para a licenciatura («doctorato de ricerca») mais dois ou três anos, conforme os casos e o que sobre o assunto decidirem os Conselhos de Faculdades, aos quais são dados novos e muito amplos poderes.

— Outra novidade — continua o autor de «La difesa della scuola» — consiste na transformação das faculdades em departamentos, ou seja, a substituição do critério do agrupamento profissional pelo do agrupamento científico. Assim centralizam-se ou unificam-se os estudos de matemáticas, ou economia, ou filosofia, etc., independentemente das faculdades a que as cadeiras pertencem.

— Também aí — observamos — influência do sistema americano...

— Sim. E também aqui não estou muito de acordo com o sistema pelas razões já expostas: os títulos nos Estados Unidos só têm valor legal e não científico, enquanto em Itália (e na Europa em geral) tal não acontece, o que faz com que o sistema não se adapte bem à nossa realidade. O mesmo acontece com as inovações introduzidas quanto aos professores, acabando com os catedráticos, os chamados «baroni» (eu próprio pertencço aos «baroni») e toda uma hierarquia da docência a

E por último, deixando de lado outras facetas do projecto de menos relevância, o prof. Valitutti passou a salientar outro aspecto da reforma sobre o qual lhe pusemos algumas questões: o da representação estudantil nos órgãos de gestão da Universidade, que até agora, em Itália, só existia nos conselhos de obras assistenciais.

— De acordo com o projecto — informa-nos o reitor da Universidade para estrangeiros de Perugia — os estudantes passam a ter representação em todos os conselhos escolares e universitários, na proporção de um terço da totalidade dos membros. Entre as múltiplas atribuições daqueles conselhos contam-se (desde o fim da guerra) as de eleger os reitores e os directores.

Por outro lado — prossegue — o Conselho Nacional Universitário, de que presentemente parte dos membros são nomeados pelo Ministério, será alargado para 150 pessoas, todas eleitas pelas Universidades, e também com representação estudantil. Além disso, enquanto agora tem funções apenas consultivas prevê-se que as venha a ter também (com garantias

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

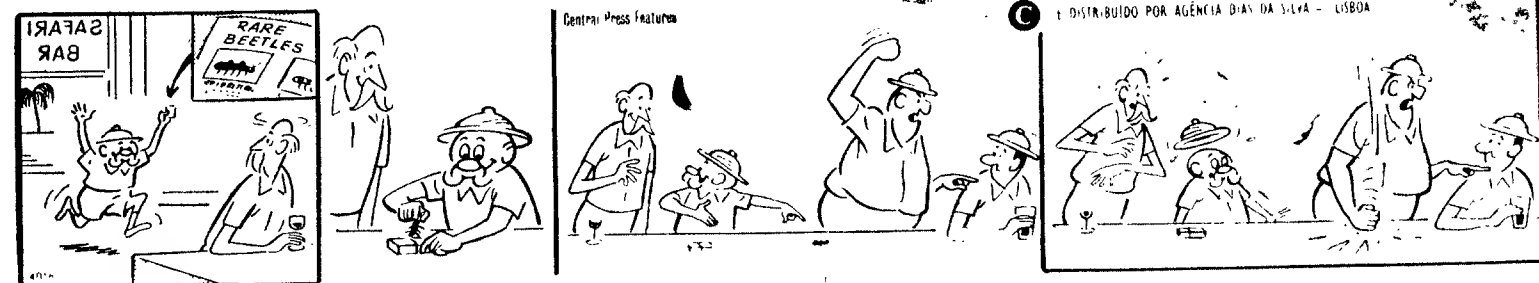
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



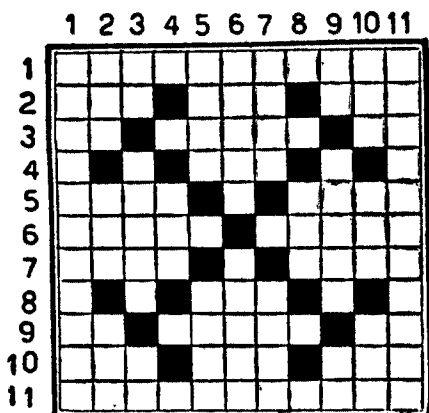
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 5684

HORIZONTAIS: 1 — Tornar-se a ser. 2 — Enal. Pronome pessoal. Ligeira. 3 — Abreviatura de Santíssimo. Abala. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. 4 — Sufixo que designa abundância. Artigo definido. 5 — Grande afecção. Pequeno macaco do Brasil. 6 — Dar urros. Recitarão (Inv.). 7 — Trocas. Está obrigado a. 8 — Ente. 9 — Reis. Calçado vermelho que usavam os reis de Alba Longa, e depois, os patrícios romanos. Nota musical. 10 — Cidade da Alemanha. Doença. Botequim. 11 — Tornar-se mártir.

VERTICAIS: 1 — Repararam. 2 — Aqui está. Mil e dois em romano. Transpira. 3 — Utensílio doméstico. Celso. Subterrâneo entre os Mouros. Érbio (s. q.). 4 — Chefe etíope. 5 — Obscuro. Físz. Desaparecer. 6 — Desgasta. Tirar a pele a. 7 — Mamífero roedor (Fem). Li. de novo. 8 — Madeira. 9 — Mulo. Entontecer. Barão (s. q.). 10 — Organização das Nações Unidas. Cento e quatro em romano. Casa de habitação. 11 — O mesmo que salmadora.



Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5683

HORIZONTAIS: 1 — Mafra. Casar. 2 — Arre. A. Saia. 3 — FRACA. Garra. 4 — Contora. 5 — Antigas. 6 — Tá. 7 — Cadetes. 8 — Asa. 9 — Amarela. É 9 — Pares. Sisol. 10 — Arrá. Acém. 11 — Suara. Amara.

VERTICAIS: 1 — Mapa. Opas. 2 — An. Soa. Aru. 3 — FRACA. Garra. 4 — Redol. Ambar. 5 — Antigas. 6 — Tá. 7 — Cadetes. 8 — Asa. 9 — Amarela. É 9 — Pares. Sisol. 10 — Arrá. Acém. 11 — Suara. Amara.

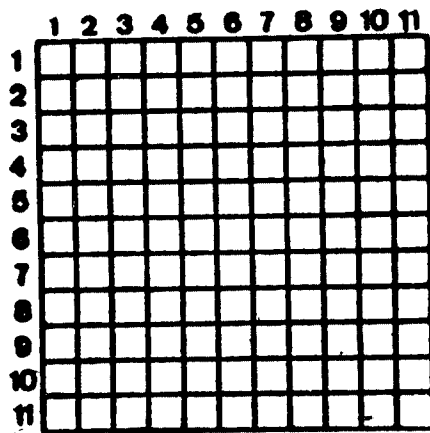
PROVERBIO: A carne é fraca

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 9527

HORIZONTAIS: 1 — Amido. 2 — Vício. 3 — Segura. 4 — Mitra. 5 — Vagos. 6 — Medida. 7 — Bacia. 8 — Entes. 9 — Preparação. 10 — Refeição. 11 — Cidade da Argélia.

VERTICAIS: 1 — Espécie de jogo popular. Planta leguminosa. 2 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Recusa. O mesmo que amir. 3 — Dois mil em romano. Arma branca um pouco maior do que o punhal. Pêlo de certos animais. 4 — Urdido. 5 — Piedosas. Muro. 6 — Vendem o crédito. Desmora. 7 — Lavras. 8 — Armar. 9 — Artigo indefinido. Líquidos gordurosos. Pronome pessoal. 10 — Tomba. O mesmo que três. Suspiros. 11 — Todo o corpo que existe no espaço. Sagrada.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9526

HORIZONTAIS: 1 — Corgo. Tuba. 2 — Clara. 3 — As. Atara. Re. 4 — La. Atacada. 5 — Eira. Emolar. 6 — Troça. As. 7 — Asara. Má. 8 — Arena. Sós. 9 — AC. Tão. Lar. 10 — Topar. Visar. 11 — Amora. Lã.

VERTICAIS: 1 — Mafra. 2 — Saira. 3 — Oc. Irosa. 4 — R. A. Acartar. 5 — Goto. Areara. 6 — Oate. Ano. 7 — Aca. ma. Vã. 8 — Acaso. Lis. 9 — Um. Ali. Sós. 10 — Borda. Morai. 11 — Argarias. Re.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL EXPEDIENTE E CONTABILIDADE CONCURSO PÚBLICO N.º 13/70

PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE «REMO-DELACÃO DO PARQUE DE ESTACIONAMENTO DO AEROPORTO DE FARO»

Depósito provisório: 63 562800.

Prazo de apresentação das propostas: 35 dias.

Alvarás exigidos aos concorrentes:

1.ª ou 4.ª Subcategoria da IV Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.

Locais de consulta do processo:

Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras — 2.ª Repartição: Edifício n.º 40 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa; e

Aeroporto de Faro.

Local do acto público do concurso:

Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta e cinco dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 10 Out. 1970.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL, C. Themudo Barata

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL EXPEDIENTE E CONTABILIDADE CONCURSO PÚBLICO N.º 11/70

PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE «FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UM GRUPO ELECTROGÉNICO AUTOMÁTICO DE 325 KVA NO AEROPORTO DE FARO»

Depósito provisório: 22 500800.

Prazo de apresentação das propostas: 25 dias.

Alvarás exigidos aos concorrentes:

1.ª Subcategoria da VI Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.

Locais de consulta do processo:

Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras — 4.ª Repartição: Edifício n.º 4 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa; e

Aeroporto de Faro.

Local do acto público do concurso:

Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 15 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de vinte e cinco dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 10 Out. 1970.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL, C. Themudo Barata

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 13 de Outubro de 1940 publicava:

«DAYTON (Ohio), 13 — Roosevelt fez um discurso pela rádio ontem à noite que foi radiodifundido para todo o Hemisfério Ocidental. O presidente declarou: «A maneira como nos temos comportado põe em evidência qual é a nossa decisão. Continuaremos a auxiliar aqueles que resistem à agressão e que contêm o agressor longe do seu território. Teremos a seguinte divisa: «Todos por um e um por todos». Como é que nós podemos aceitar a afirmação de que a América ficará isenta de qualquer agressão? Se consultarmos a História de há pouco tempo, verificamos que se fizeram idênticas promessas aos povos holandeses, e belgas. O recente pacto firmado entre os ditadores da Europa e da Ásia não nos tolherá o passo e trataremos de tudo quanto nos diz respeito.»

ALCATIFAS

TECIDAS — TUFADAS FLOCADAS — AGULHADAS — PLÁSTICAS

TAPEÇARIAS

NÓLÃ

AV. DA REPÚBLICA, 20-A
Telef. 53 33 10

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL EXPEDIENTE E CONTABILIDADE CONCURSO PÚBLICO N.º 10/70

PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE «FORNECIMENTO E MONTAGEM DE UM GRUPO ELECTROGÉNICO AUTOMÁTICO DE 325 KVA NO AEROPORTO DO PORTO»

Depósito provisório: 22 500800.

Prazo de apresentação das propostas: 25 dias.

Alvarás exigidos aos concorrentes:

1.ª Subcategoria da VI Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.

Locais de consulta do processo:

Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras — 4.ª Repartição: Edifício n.º 4 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa; e

Aeroporto do Porto.

Local do acto público do concurso:

Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de vinte e cinco dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 10 Out. 1970.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL, C. Themudo Barata



CANAL DA CRÍTICA

DE MARCELO SANTANA

VIVA A ÁGUAVIVA!

Vêo a senhora Harkness e sussurrou algumas palavras — coisa-nenhuma. Enfim, o seu «ballet», é porque sim, é porque gasta nele muito dinheiro, lá isso gasta, e depois o director da Companhia acrescentou, em frases com sujeito e predicado, as intenções do mecenato, fins muito altruístas, etc., a casa em Nova York, com uma atmosfera de arte, estátuas, pinturas, etc. A seguir bailou-se um «prelúdio» muito lírico, muito flagrante da vida real. No meio de tudo isto, uma Glória de Matos muito artificial, excessivamente pernóstica, com um permanente registo enfático que quadra mal com a naturalidade exigida por uma entrevista.

Vêo um arquitecto brasileiro, Emílio Guedes Pinto, a dar conta do seu projecto do *Cine-Espacial*: cinema numa sala circular com boa visibilidade para todos os espectadores. Vamos ter brevemente uma sala dessas em Lisboa, inovação de que resultará, quero crer, a solução de todos os problemas do cinema em Portugal. Também se projecta cinema ao ar livre, com as pessoas

a ver a fita dentro dos seus automóveis. Se tiverem tempo, está claro. Eu lá perguntar se estes costumes americanos resultarão tão fora da América. Ia perguntar ainda se vale a pena importá-los. Mas não pergunto. Longe de mim contrariar a marcha do «progresso»... Toca a progredir, meus senhores, toca a progredir — e quem vier atrás que feche a porta!

A conversa mais valiosa foi aquela com que se abriu o programa e em que participou o prof. Breda Simões. O tema era psicologia, a propósito da existência e da actividade do Instituto de Orientação Profissional. O êxito de uma conversa deste tipo assentaria em dois pilares: a máxima simplicidade na exposição e a máxima objectividade na exemplificação. Como estes pilares ruíram, ruiu o proveito máximo que se poderia retirar da entrevista que seria... sim, que seria... bom, que seria talvez o de chamar a atenção do povo de todo o País para as funções do Instituto de Orientação Profissional, instalado em Lisboa, e que não tem mãos a medir

com a clientela que, por acaso, sabe da sua existência...

Estava reservado para o fim do programa o apontamento com maior interesse. Refiro-me à actuação do conjunto espanhol «Águaviva», dirigido por Manolo Diaz.

A importância desta actuação, para além da sua valia de ordem técnica, assenta naquilo em que constitui, para nós, um exemplo. Está por fazer a tarefa de trazer os nossos poetas para a luz do dia, de os devolver ao povo que os criou. Não falemos aqui do exemplo

avaliado por Alexandre O'Neill quando, num prefácio à apresentação do conjunto, citou Amália a cantar Camões: entre o «empenhamento» de «Águaviva» e o «comerciantismo» de outras iniciativas vai um passo que não é lícito a ninguém, e muito menos a O'Neill, passar em claro.

Empunhar Lorca, Alberti, Miguel Hernandez, Celaya, etc., etc., significa tomar uma posição no seu tempo onde se julga que a poesia tem um grande papel a desempenhar. Para «Águaviva» cantar não é um acto gratuito: é um plano de convivência e de consciência baseado a poesia. O facto de o canto se fazer em castelhano retirou ontem ao público português a possibilidade de aderir em toda a plenitude. Penso, por instantes, na presença de um conjunto português que, através da Televisão portuguesa, nos desse os poetas que estão vivos em nós. Penso, não: sonho. Sonhar é fácil, como dizia a fita.

Apesar disso. Apesar das dificuldades em penetrar no castelhano e na motivação dos poemas cantados. Apesar do reduzidíssimo número de canções que chegaram até nós — apesar de tudo a contribuição de «Águaviva» foi decisiva para salvar esta emissão de «Curto-Circuito». Ficou provado: a água viva é mesmo um líquido precioso.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º Período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série, «Júlia»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Um dia com...; 14 e 15: Logo à noite, cartaz dos programas; 14 e 20: Fecho.

2.º Período — As 19: Abertura e curso de actualização de professores; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Crónica; 20 e 10: Vamos jogar no Totobola, prognósticos para o próximo concurso; 20 e 25: Concerto para jovens, sob a direcção de Leonard Bernstein; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22: TV Clube, com a participação de Gina Maria e Artur Garcia; 22 e 25: Série policial, «Os Vingadores»; 23 e 25: Marcha do Mundo; 23 e 35: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22: Curto-Circuito (programa n.º 30); 23 e 35: Fecho.



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Canções estrangeiras; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: Orquestras ligeiras; 18 e 25: Conjunções ligeiras; 9 e 45: Rádio Rural — Música, 45 minutos; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 8.º episódio do folhetim «A cidade e as serras»; 21 e 05: Espectáculo Magazine de Cinema, por Amândio Videira Santos; 21 e 25: Canções; 22: Tempo de jazz, por Raul Colado; 22 e 30: Fados, por Manuel de Almeida; 22 e 50: Música, 45 minutos; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 17: Uma vida de herói — Poema sinfónico op. 40 (Strauss); 17: Descais raros — Solos de violino, por Jacques Thibaud; 17 e 30: Perspectivas da música mexicana; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Tempo Literário; 19 e 25: Dança e ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 45: Música de Câmara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solos de viola dedilhada por Julian Bream; 20 e 30: Noite de teatro: «A Vida é Sonhos», de Collier de La Barca, numa adaptação do dr. Leopoldo de Araújo; 21 e 30: Sinfonia em dó menor op. 27 (Suk) pela Orquestra Filarmónica Checa dirigida por Václav Talich; 22 e 35: Combate de tancredo e Clarinda (Monteverdi); 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,2 mc/s — As 23: Música Portuguesa — Obras de António Fragoso; (h. h.): Canções insólitas (Pierrot-Koma); 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Moderna — Obras de Prokofiev; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Hit Parade; 19 e 35: Radioscopia; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Uma naveira; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: S-mana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira à noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite e nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Tótem.

Emissor de Miramar — 383,6 mt/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée

teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbriac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Nome do dia; 21 e 05: Leituras; 21 e 05: Leituras; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestra; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 03: O Sonho.

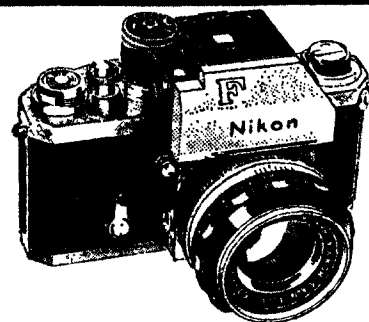
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiorama; 18: A orques-

tra de Eddie Barclay; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Aguarda mexicana; 21 e 15: Melodias famosas; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: O conjunto «The Ventures»; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora e fecho.

UM SIMBOLO DE DISTINÇÃO

Nikon

PARA UM FOTÓGRAFO DE RAÇA



Somente os técnicos especialistas lhe demonstrarão a universalidade e a facilidade de uso do material de alta classe NIKON. Eles guiarão a sua escolha entre as câmaras NIKKORMAT e NIKON, as suas 35 diferentes objectivas (de 8 a 1200 mm) os seus 4 sistemas de visor, os seus 150 acessórios diversos respondendo a todas as necessidades: viagens, família, indústria, reportagem, arquitectura, caça fotográfica, todos os domínios científicos, etc.. Para cada caso existe uma solução NIKON, que apenas um especialista poderá indicar conscienciosamente. Dirija-se pois somente às casas altamente especializadas.

REPRESENTANTES
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
SECÇÃO FOTO-CINE

RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 36 15 45 (4 linhas)

LISBOA

Actualidade internacional

«FLAGELADOS» SAQUEIAM ARMAZÉNS NO NORDESTE

FORTALEZA, 13 — (F. P.) — Continuam a registar-se incidentes nas terras secas do Nordeste brasileiro, onde a seca impera há meio ano.

Em Catarina, cidade do sueste do Ceará, centenas de «flagelados» invadiram o centro, ocuparam a Câmara Municipal e saquearam armazéns e lojas, apoderando-se, sobretudo, de sacos de mandioca, feijão, arroz e açúcar.

Perto de Acopiara, um milhar de «flagelados» está acampado às portas da cidade e ameaça invadi-la, quando lhe faltar de todo a comida. As autoridades procuram agora obter reservas de víveres, para o acalmar.

ACÇÃO JUDICIAL CONTRA O DIRECTOR DE «L'IDIOT INTERNATIONAL»

PARIS, 13 — (F. P.) — O Director do mensário das es-
querdas «L'Idiot International», Jean-Ederm Haillier, foi acusado hoje em Paris de injúrias contra a Polícia, incitação aos crimes contra a segurança do Estado, apologia da pilhagem e incitação directa não seguida de efel-

to aos crimes de assassinio. Estas acusações são motivadas pelo conteúdo de certos artigos publicados nos números de Junho e de Julho-Agosto últimos. «L'Idiot International», mensário publicado em francês, possui igualmente uma versão inglesa.

ONU: Portugal não participará em qualquer acto comemorativo da resolução sobre descolonização

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 13 — (A. N. I.) — O dr. António Patrício, ministro conselheiro da delegação de Portugal, exigiu na Assembleia Geral, em plenário, que fosse submetida à votação a «declaração da ONU», redigida como documento principal do vigésimo quinto aniversário da fundação das Nações Unidas.

Previasse que a declaração fosse aprovada sem necessidade de votação, exprimindo os delegados, apenas, as reservas aos pontos com que não concordassem inteiramente. O dr. António Patrício, porém, acentuou que o documento não respeita alguns dos mais importantes e fundamentais princípios da Carta da ONU e levantou a principal objecção aos parágrafos relacionados com a descolonização.

Nesses parágrafos mencionam-se os territórios portugueses da África e diz-se que o facto de continuarem sob administração portuguesa é «um desafio à opinião pública mundial e às Nações Unidas», pedindo-se a todos os países que deem apoio moral e material à luta pela sua independência.

«Trata-se de uma clara violação das cláusulas da Carta da ONU em que se estabelece que todos os países devem vitar o uso da força para a solução das divergências internacionais — acentuou o dr. António Patrício —, pois nos parágrafos referidos há um claro incitamento à guerra e a minha delegação, como é evidente, não o pode subscrever.»

Com 86 votos a favor, cinco contra e 18 abstenções, a Assembleia Geral aprovou o «programa de acção para a descolonização».

Os cinco votos contra foram da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Austrália, da Nova Zelândia e da África do Sul. Absteram-se a Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Islândia, Itália, Japão, Luxemburgo, Malawi, Noruega, Suécia e Suíça.

Portugal nem falou durante os debates, nem participou na votação.

Enviou, porém, ao presidente da Assembleia Geral uma carta em que, referindo a posição já declarada no ano passado, reiterou que não participaria em qualquer acto comemorativo da resolução 1514-XV (sobre a descolonização) nem pararia as celebrações com essas comemorações pois numa aceitação daquela resolução, a qual considera contrária à «Carta das Nações Unidas».

Em solidariedade com Portugal, e para sublinhar a sua firme repulsa pelo documento, o Brasil também se recusou a participar na votação, tendo a respectiva delegação abandonado a sala, acompanhando nesse gesto os delegados portugueses.

DOENÇA COLECTIVA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 13 — (A. N. I.) — Na antevéspera do início das cerimónias comemorativas do jubileu das Nações Unidas, uma parte do pessoal desta organização internacional entrou em greve, mas uma greve especial: doença colectiva.

Em meios autorizados julgase que esta medida é um sinal de protesto contra a recusa de se iniciarem as negociações para a revisão dos salários das categorias a que eles pertencem.

NOTA INTERNACIONAL Três anos depois

O terceiro aniversário da morte de Ernesto «Che» Guevara foi assinalado na Argentina pela explosão de mais de duas dezenas de bombas, mostrando um aumento do mal-estar no país. Na mesma altura, acontecimentos mais decisivos verificaram-se na vizinha Bolívia, onde o antigo companheiro de Fidel Castro foi abatido no dia 9 de Outubro de 1967. Com efeito, depois de um golpe das direitas, um regime aparentemente de esquerda instaurou-se com a subida ao Poder do general Torres, paradoxalmente um dos militares que participaram no esmagamento da guerrilha dirigida por «Che».

Mas não é apenas esta a mudança registada em três anos na América Latina: um marxista, Salvador Allende, tem praticamente assegurado a eleição como presidente do Chile, um regime militar de tendência, a um tempo, nacionalista e socialista completou recentemente o seu segundo ano de existência no Peru e, no Brasil, um conflito entre elementos da Igreja Católica e as autoridades atrai agora as atenções.

Em vários pontos do continente americano, a guerrilha urai ensaiada por Guevara e que tão mal provou na Bolívia foi substituída pela guerrilha urbana e

pelos raptos políticos, advogados por Carlos Marighella, num manual que teria preparado antes de ser morto, no Brasil. É conhecida a exploração dos raptos desse tipo pelos seus autores, na Guatemala, Brasil, Uruguai, Argentina e, recentemente, num país situado muito mais ao Norte e bastante longe da América Latina: o Canadá. Ali, um movimento extremista fundado em 1963, a Frente de Libertação do Quebec, conseguiu efeitos dramáticos com os raptos sucessivos de um diplomata britânico e de um ministro daquela província, habitada predominantemente por francófonos, que alegam ser vítimas da desigualdade linguística e económica, a qual favorece os habitantes de língua inglesa, mesmo no Quebec francófono.

Contudo, ao contrário do que sucede na América Latina, onde a luta conduzida pela extrema esquerda tende a lesar os interesses norte-americanos, o movimento separatista francófono no Canadá, enfraquecendo a unidade do país, dificulta a tarefa do primeiro-ministro Pierre Trudeau, que pretende fazer frente à crescente influência dos poderosos Estados Unidos, com quem os canadianos partilham o extremo norte do continente americano.

NUNO VIEIRA

PEUGEOT

AMBULÂNCIA CLÍNICA



ROBUSTA RÁPIDA ECONÓMICA
SEGURA FUNCIONAL CÔMODA

MOCAR, LDA.

Av. Antonio Augusto Aguiar, 19
LISBOA

Em projecto: Acostagem no espaço de naves americanas e russas

WASHINGTON, 13 — (R.) — Funcionários americanos e soviéticos travaram ainda este mês conversações, em Moscovo, sobre meios de habilitar naves espaciais, dos dois países, a acostarem umas

com as outras quando em órbita. A NASA comunicou, a noite passada, que uma conclusão com êxito dos acordos sobre acostagem de cápsulas, abriria o caminho para uma

cooperação mais vasta no campo espacial.

O dr. Robert Gilruth, director do centro espacial de Houston, chefiará a delegação americana, de cinco membros, que participará nas discussões, que se iniciam em 26 de Outubro.

As conversações de Moscovo destinam-se, principalmente, a conseguir uma duplicação suficiente de equipamento para tornar possível a qualquer país salvar astronautas do outro — disseram fontes bem informadas.

COSMOS 371

PROTOCOLO FRANCO-SOVIÉTICO ASSINADO NO FINAL DA VISITA À URSS

MOSCOVO, 13 — (R.) — A França e a União Soviética anunciaram hoje um protocolo ao abrigo do qual ambos os países efectuarão consultas políticas numa base de regularidade.

O presidente George Pompidou, que termina hoje a visita à União Soviética e o presidente da União Soviética Nikolai Podgorny assinaram o documento na sala de Catarina, no Kremlin, precisamente dois meses e um dia depois da assinatura do tratado de renúncia ao uso da força entre a União Soviética e a Alemanha Ocidental.

A cerimónia de hoje foi transmitida directamente pela Televisão.

Círculos franceses, lafor-

mam que o protocolo prevê consultas regulares e periódicas e um comentador da Televisão afirmou que ambas as partes elaboraram uma declaração em conjunto que, na opinião dos círculos franceses expõe os resultados da visita de Pompidou.

Assistiram à cerimónia o chefe do Partido Comunista Soviético Leonid Brezhnev, o primeiro-ministro Alexei Kosygin e pelo menos sete membros do Politburo.

MOSCOVO, 13 — (R.) — A União Soviética lançou, ontem, mais um satélite artificial, o número 371 da série Cosmos.

É o quarto satélite artificial lançado pela União Soviética nos últimos seis dias, anunciou a Tass, acrescentando que o presidente Pompidou assistirá, na quinta-feira passada, no cosmodromo de Baikonour ao lançamento do Cosmos 362. Estes satélites destinam-se a continuar o programa soviético de investigação espacial.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Iniciaram-se as conversações no Canadá entre o Governo e os raptadores

MONTREAL, 13 — (R.) — Funcionários canadenses iniciaram a noite passada, no Comando da Polícia desta cidade, negociações com representantes dos raptadores do diplomata britânico e do ministro do Trabalho do Quebec.

As conversações são entre dois advogados nomeados respectivamente pelo Governo da província e pela Frente de Libertação do Quebec, segundo revelaram fontes bem informadas do Ministério da Justiça.

Do resultado de um acordo depende a vida de James Cross, o diplomata britânico raptado há oito dias, e de Pierre Laporte, o ministro do Trabalho do Quebec raptado no sábado.

A F. L. Q. ameaça executar os dois homens se o Governo não libertar 23 presos políticos, deixando-os seguir para Cuba ou Argélia.

O advogado nomeado pelo Governo como seu representante é Robert Demers e o representante dos raptadores é o advogado Robert Lemieux, considerado simpático da F. L. Q., que nos últimos três anos tem defendido nos tribunais os militantes acusados de ac-

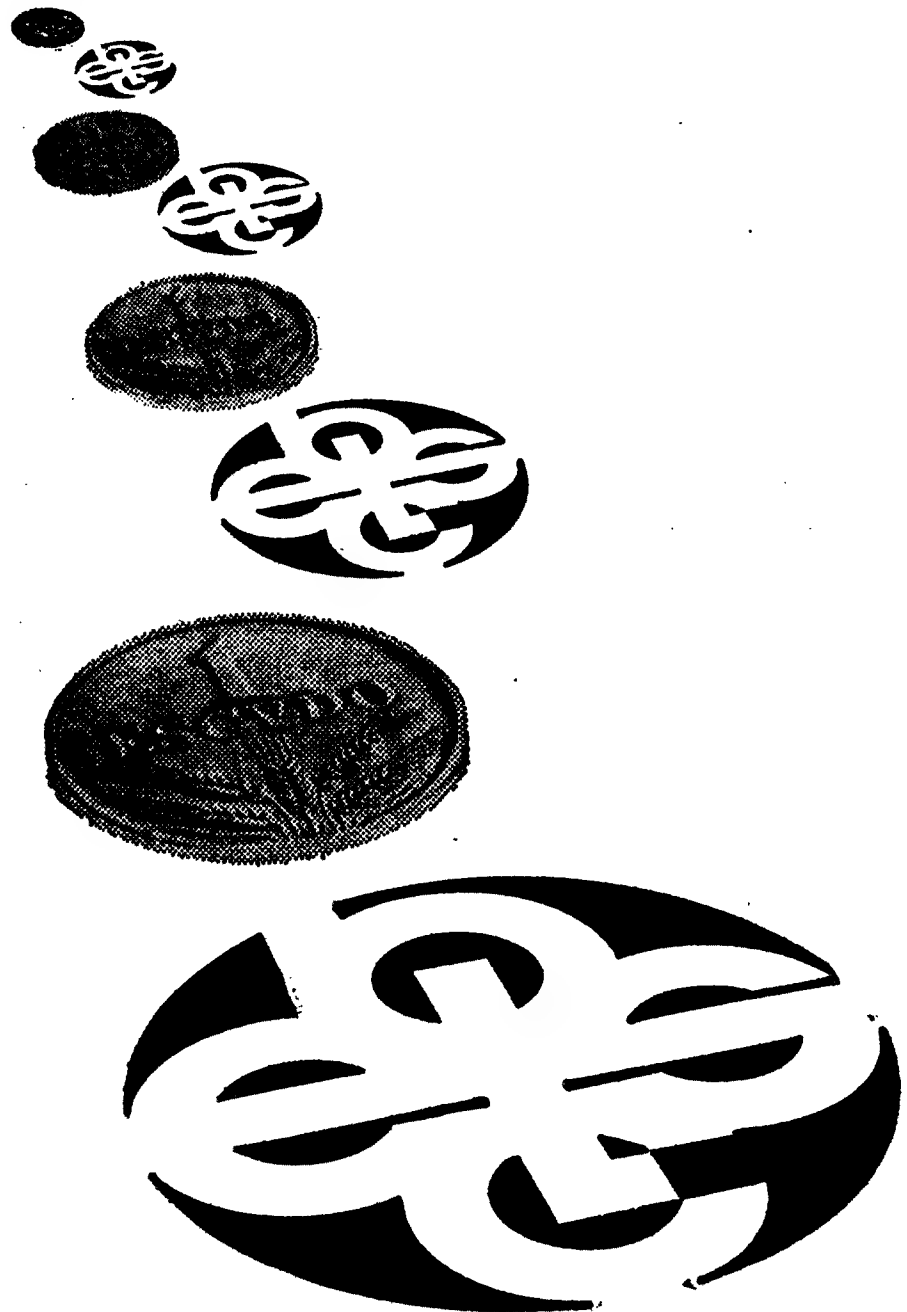
tividades ilegais. O próprio que devia comparecer hoje avião a jacto se encontra Lemieux tinha sido preso em tribunal. Entretanto não há confirmação oficial de que um a postos no aeroporto local, pronto a levantar voo com os presos políticos.

Tropas reforçam a Polícia Montada

OTTAWA, 13 — (R.) — Tropas serão utilizadas para auxiliar a Polícia Montada canadense a cumprir deveres de protecção e de segurança na área de Ottawa, segundo anunciou o Governo canadense a noite passada. O aumento das precau-

ções de segurança iniciará, segundo se sabe, a residência do primeiro-ministro Pierre Trudeau e de outros membros do Gabinete e os lares de diplomatas que ocupam os seus cargos em Ottawa.

Caminhe connosco
passo a passo!



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL
EXPEDIENTE E CONTABILIDADE
**CONCURSO PÚBLICO
N.º 8/70**

**PARA ARREMATACÃO DA
EMPREITADA DE INSTA-
LAÇÃO DE CINCO ESCADAS
ROLANTES DA AEROGARE
DO AEROPORTO DO FUN-
CHAL**

Depósito provisório:
72 500\$00.

Prazo de apresentação das
propostas: 30 dias.

Alvarás exigidos aos concorrentes:

5.ª ou 6.ª Subcategoria da
VI Categoria e Classe corres-
pondente ao valor da propo-
sta.

Locais de consulta do pro-
cesso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras

— 4.ª Repartição: Edifício n.º
4 do Arruamento B do Aero-
porto de Lisboa; e

Aeroporto de Funchal.

Local do acto público do
concurso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra
aberto o concurso público acima
identificado, sendo o prazo
de apresentação das propos-
tas contado a partir do dia se-
guinte ao da publicação deste
anúncio no «Diário do Go-
verno».

O acto público do concurso
realizar-se-á pelas 15 horas
no primeiro dia útil que se
seguir ao termo do prazo de
apresentação das propostas
anúncio.

Nos locais de consulta do
processo, em todos os dias
úteis e nas horas de expedi-
ente, podem os concorrentes
solicitar cópias dos elementos
pertinentes ao concurso.

Direcção-Geral da Aeroná-
utica Civil, em 10 Out. 1970.

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Thomaz Barata

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Dinamarca-Portugal REGRESSO AO «BOM CAMINHO»?

O futebol português, a escala de selecção nacional, principia amanhã ao fim da tarde, em Copenhaga, a sua tarefa no Campeonato da Europa. Depois da riqueza de um terceiro lugar no «Mundial» de 1966 resvalámos para a «pobreza» que se expressou, de 1968 até agora, numa longa série de maus resultados.

Não será inoportuno, agora que o nosso futebol vai principiar uma «nova vida», recordar que Portugal esteve presente no Campeonato da Europa de 1968, cujas eliminatórias principiaram em 1966. Da nossa série faziam parte a Suécia, a Noruega e a Bulgária, o que convenhamos não era mau. O pior foi o resto...

Vejamos:

Portugal-Suécia, 1-2
Suécia-Portugal, 1-1
Noruega-Portugal, 1-2
Portugal-Noruega, 2-1
Bulgária-Portugal, 1-0
Portugal-Bulgária, 0-0

Resultado: vitória da

Bulgária com o mesmo número de pontos de Portugal, mas com a vantagem de melhor «goal-average».

E, pronto, estava perdida a eliminatória e a oportunidade de continuar presente na «alta-rodada» do futebol europeu.

Em Outubro de 1968 principiaram as eliminatórias qualificativas para o «Mundial» de 1970, que se disputou no México. Depois de muitos planos, bem organizados no papel, foi outro «fracasso», apesar de a série ser da qual que quase nos obrigava a ganhar, na medida que nos deram por companhia as selecções da Roménia, Suíça e Grécia. O pior voltou a ser o resto...

Vejamos:

Portugal-Roménia, 3-0
Grécia-Portugal, 4-2
Portugal-Suíça, 0-2
Portugal-Grécia, 2-2
Roménia-Portugal, 1-0
Suíça-Portugal, 1-1

A Roménia qualificou-se com oito pontos e Portugal, tido como

favorito, classificou-se em último lugar com quatro pontos apenas.

Em contrapartida, até talvez por isso, em três anos, os «responsáveis» pela selecção «lançaram» nada menos que 31 novos internacionais «A». Entre eles alguns de real valia, mas outros, sinceramente, só por fantasia e vontade de mudar. Falava-se em «velhos», em jogadores sem espírito de luta, atacou-se o jogador que, ao fim e ao cabo, foi quem teve menos culpas. O mal vinha de cima...

Portugal, futebolisti-

camente, de acordo com o seu número limitado de praticantes inscritos oficialmente — vinte e cinco mil — e os maus «hábitos» no aspecto de iniciação desportiva nunca pode ter grandes veleidades quando chamado a competir com outros países mais poderosos — maior número de praticantes e «hábitos» são no capítulo de iniciação e formação desportiva. De qualquer modo, o «brilhante» do «Mundial» de 1966 deu-nos a ideia de que um plano organizado, a tempo e horas e por pessoas

conhecedoras, é capaz de voltar a acontecer.

Gomes da Silva e José Maria Pedrote, os «responsáveis» pela nossa selecção «A», são homens conhecedores do «meio-ambiente» em que vivem e têm vivido o futebol português.

Seleccionar, escolher A ou B, não é o principal óbice das nossas equipas, na medida que, repetimos, o número de jogadores de classe ou com condições para vir a tê-la não é muito vasto. A discordância num ou noutro nome não é pormenor que valha a pena discutir. De resto, nisto de selecções, é sabido que cada um «tem» na sua ideia uma selecção diferente da do seleccionador.

O jogo, segundo o que se sabe do futebol dinamarquês, não deve ser um obstáculo difícil de ultrapassar pela nossa Selecção na medida que os nossos adversários não sendo profissionais são, naturalmente, de menor

craveira (em todos os aspectos) que os nossos. De resto, Gomes da Silva que já viu a Dinamarca actuar recentemente contra a Noruega não veio muito preocupado, o que não quer dizer que não tenha tomado as devidas precauções para evitar o pior

A Selecção de «Esperanças» joga, também amanhã, mas á noite, no Estádio Alvalade.

Estamos, pois, em vésperas de uma jornada de reabilitação que quebre a série dos «tais» oito jogos sem ganhar, pelo menos assim o acreditamos e desejamos sinceramente. O futebol português possui uma vitória de jogadores, quando bem orientados, capaz de garantir uma presença airoso neste Campeonato Europeu onde teremos como companheiros de série as Selecções da Escócia, da Bélgica e, claro, da Dinamarca.

Pedrosa da Silva

Ai estão, outra vez, os campeonatos. Quer dizer: volta à máxima força o entusiasmo dos totobolistas, alguns dos quais se «assustaram» com a «Taça» e não apostaram, ou apostaram menos. A sorte (uma sorte de mais de mil contos) foi para quem apostou e acertou...

1x2 totobola

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

• Condicionado ao «doze»

VOLTANDO AOS CAMPEONATOS...

...Voltando aos campeonatos, temos uma jornada realmente aliciante. Mas aqui só devemos preocupar-nos com os vaticínios no Totobola, e vamos lembrar o que tem sido a actuação das equipas na situação em que vão aparecer-nos — isto é, como visitantes, ou como visitantes. Por outras (e mais claras) palavras: recordamos o que têm feito nos seus campos as equipas que neste domingo jogam nos seus campos e os resultados «fora» das equipas que voltam a jogar «fora». Entendido? vamos, então...

VISITADOS

Académica — Dois jogos em «casa», duas vitórias: 1-0 ao V. Setúbal e 3-1 ao Farense.

Leizões — No seu campo, 0-0 com a Académica e 0-2 ante o Sporting.

Benfica — Duas vitórias: 1-0 à CUF (aliás no Estádio Nacional e 4-0 ao Boavista, na Luz.

Barreirense — Derrota com o Sporting (0-3) e empate com o Vitória de Guimarães (1-1).

Farense — Lá em Faro, só vitórias (duas) ambas por 1-0: sobre o Porto e o Beirense — nem menos...

Sanjoanense — Um empate (1-1) com o Lamas, vitória (3-1) sobre o Famalicão.

T. Novas — Em «casa», duas derrotas: com o Montijo e com o Sesimbra.

Atlético — Na Tapadinha, duas vitórias por (1-0) (adversários: Sesimbra e T. Novas).

Luso — Derrota (0-3) com o Peniche; vitória (6-1) sobre o Olhanense. Ou 8 ou 80...

Sesimbra — Em sua casa, uma vitória sobre o Seixal (1-0) e um empate com o Oriental (1-1).

VISITANTES

C. U. F. — Derrotas com o Benfica em Lisboa (0-1) e em Setúbal (0-3).

Sporting — Vitórias no Barreiro (3-0) e em Matosinhos (2-0).

Guimarães — Derrota no Restelo (1-3) e empate no terreno do Barreirense (1-1).

F. C. Porto — Derrota em Faro (1-0) e vitória em Santo Tirso (2-1).

Belenenses — Derrotas por (0-1), em Faro e nas Antas.

Tirsense — Empate por (0-0) em Guimarães e no Restelo.

U. Leiria — Empates em Espinho (0-0) e no campo do S. G. Leiria (1-1).

U. Lamas — (1-1) na Marinha Grande, derrota por (0-3) no campo do Riopele.

B. Mar — Ainda não perdeu «fora»; (2-1) em Penafiel, (3-3) em Braga.

Tramagal — (0-3) (derrota) em Torres Vedras, mas, depois, sensacional empate (2-2) no Montijo.

Peniche — Vitória por (3-0) no campo do Luso, derrota por (0-2) em Sintra.

Oriental — Duas «saídas», dois empates: (1-1), com o Seixal e com o Sesimbra.

U. Tomar — Vitória em Olhão (2-1) derrota em Marvila (0-1).

No desdobramento que se apresenta há garantia total para a obtenção de 12 resultados certos desde que não haja qualquer falha nos «fixos» e nas «duplas». A percentagem para alcançar o 13 é de 11,11.

Como já é hábito as «duplas» (neste exemplo) são todas de 1-X e o apostador já sabe que quando desejar aplicar a dupla 1-2 terá, no jogo que escolher para tal efeito, de substituir os símbolos «X» pelos símbolos «2»; se o que deseja é jogar com a dupla X-2 terá de substituir os símbolos «1» pelos símbolos «2».

A aposta será desenvolvida em 9 boletins de 24 apostas. Para além das 5 triplas e 3 duplas que compõem o sistema restam 5 jogos de puro palpate que o apostador repetirá, sem qualquer modificação, nos nove boletins.

O preço deste sistema sem qualquer condicionamento seria de 3888\$00. Assim é de 432\$00...

Os cinco primeiros jogos correspondem às triplas e os três restantes às duplas.

5 TRIPLAS E 3 DUPLAS/216 APOSTAS/432\$00

1	X	2	1	X	2	1	X	2
1	X	2	X	2	1	2	1	X
1	X	2	2	1	X	X	2	1
1	1	1	X	X	X	2	2	2
1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2	1X2
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X
1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X	1X

Nas épocas anteriores...

Nos concursos n.º 6 das nove épocas anteriores do Totobola verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62 — 12x	x11	111	x122
62-63 — x21	xxx	x11	1x11
63-64 — 2xx	112	221	1211
64-65 — 111	1x1	x21	21x2
65-66 — xx2	1xx	xx1	11-2
66-67 — 1x1	2x2	122	1212
67-68 — xx1	111	221	212x
68-69 — 1xx	211	111	111x
69-70 — 122	xx1	2x2	1xxx

(a) No jogo n.º 5 nunca saiu o símbolo «2» e no jogo n.º 9 nunca saiu o símbolo «X»;

(b) Na época 65-66 apenas 12 jogos contaram para a «chave». Apesar disso não houve qualquer aposta com 12 resultados certos;

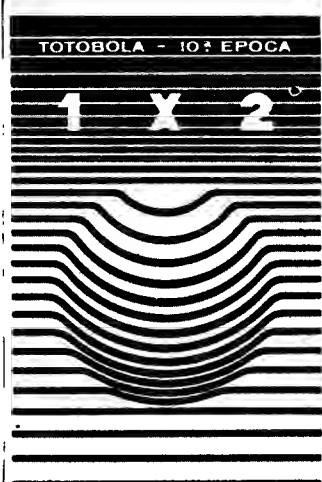
(c) Os concursos n.º 6 têm sido dos mais difíceis e a atestação está o facto de nas épocas 61-62, 62-63, 65-66 e 69-70 não ter havido nenhum totalista.

DOIS «TREZES» NA «TAÇA»

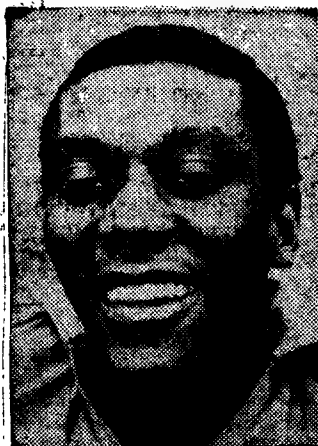
Esta décima época do Totobola vai em maré de grandes prémios. Enfim, há sempre uma «chave» desconhecida á espera de si. Neste 5.º concurso — o da «Taça» — apesar do recorte caprichoso da «chave», não faltou quem acertasse em pleno. Mas só dois «trezes»: de um «anónimo» de Santo Tirso e de uma «sociedade» de dez en-

tusiastas de Portimão. Mais (bem mais) de mil contos para cada um dos «trezes». E como, em ambos os casos, os autores acertaram «dozes» até ultrapassaram os 1600 contos...

Entretanto, cada «doze» rondou os quarenta contos. Vai de vento em pópa e temporada para os totalistas...



DESPORTO



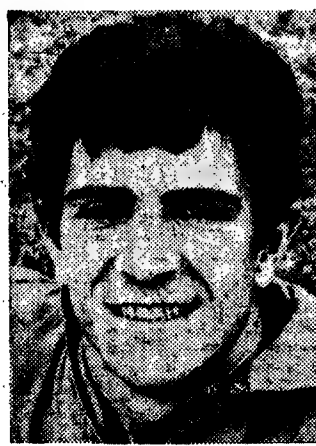
DINIS (Sporting)



REBELO (V. Setúbal)



ARTUR (Académica)



NENE (Benfica)



BARROS (Farense)



QUINTO (Belenenses)

A preparação da selecção nacional de «Esperanças» terminará esta noite, com um ligeiro treino de adaptação à luz, em Alvalade.

Entretanto, tudo parece correr pelo melhor. No treino de conjunto de ontem, frente a um misto do Sporting, a selecção mostrou-se afinada e de pontaria em ordem, marcando sete golos nos quarenta e cinco minutos que o treino durou.

As «Esperanças» lusas são efectivamente credoras de esperanças. Trata-se, aliás, de uma categoria muito espe-

«Esperanças» aos montes para amanhã... e para o futuro

cial — categoria jovem, aberta aos mais jovens, e, por isso mesmo, categoria que visa o amanhã do tempo.

Entretanto, a selecção dinamarquesa, em Portugal desde

hoje, efectuará um treino às 22 horas (Estádio Alvalade), seguindo-se um outro, amanhã, pelas 11 horas, no Jamor.

Também a equipa de arbitragem (espanhola) é aguardada hoje. O «trio» é composto por Camacho Gimenez (árbitro), Gomez Platas e Pascual Teferina (fiscais de linha). A terminar, refira-se a constituição da equipa portuguesa: Bento; Artur, Bastos, Adriano e Rebelo; Nene, Quinto e Tomé; Nelson, Vítor Baptista e D. mis.

Suplentes: Fonseca, Barros Laranjeira, Carlos Serafim e Diamantino.

Na Dinamarca

EUSÉBIO — HOMEM EM FOCO

• AUSÊNCIA DE PROBLEMAS NA SELECÇÃO, ONDE TUDO CORRE DA MELHOR MANEIRA

Em Copenhague desde domingo à noite, a selecção nacional de futebol ultima os preparativos para o jogo de amanhã (19 horas) contra a Dinamarca, a contar para o Campeonato da Europa.

Nenhum problema nas hostes lusas, pelo que a «dupla» Gomes da Silva (seleccionador) — José Maria Pedroto (treinador) encara o encontro com a confiança serena e confiante que se impõe.

Entretanto, Eusébio tem sido alvo de atenções especiais quer por parte do público quer no que respeita à imprensa, acontecendo que vários jornais dinamarqueses lhe dedicam grande espaço apresentando-o com um des-

taque verdadeiramente invulgar. Não há dúvida de que a fama do grande jogador benfiquista é efectivamente enorme.

Enquanto na selecção lusa os problemas não existem, eles parecem abundar na equipa dinamarquesa. Além de ausências motivadas por lesões, o conjunto nórdico, composto por amadores, vê-se, por exemplo, privado de Erik Nielsen... apenas porque este tem que organizar uma festa do patrão e isso lhe toma o tempo todo.

Finalmente — e salvo qualquer alteração de última hora — as equipas deverão apresentar:

PORTUGAL — Damas; Pe-

dro Gomes, Humberto Coelho, José Carlos e Hilário; Jaime Graça (ou José Maria), Peres e Simões; Artur Jorge, Eusébio e Jacinto João.

DINAMARCA — Poulsen; Torben Nielsen, Poul Frederiksen, Erik Sandvad e Flemming Edersen; Jens Hansen, Moutzen e Jan Andersen; Kurt Praest, Jorgen Marcussen e Keld Pedersen.

PARA HOJE

BASQUETEBOI — Campeonato de Lisboa Feminino: Série A — C. I. F. B. Educação Física, às 22 e 15, e Nacional-Algés, às 21, no Pavilhão da Ajuda; Série B: C. I. F. H. Sintra, às 22 e 15, no Pavilhão da Ajuda; Sporting-C. D. U. L., às 21 e 30, no Pavilhão do Estádio Universitário; e Encarnação-Maria Pia, no Pavilhão da Luz, às 21.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Nacional da II Divisão: Fânzeres-Académica de Coimbra, no Pavilhão dos Carvalhos, às 22.

RÁGUEBI — Sorteio do Torneio de Abertura na Federação às 21 e 30.

FUTEBOL — Torneio de Outono no Estádio de Barreiros, no Funchal; Boavista-Marítimo, às 21 e 30.

RÁGUEBI

O Benfica venceu o Torneio de Sevilha

SEVILHA, 13 — Ao vencer o Caneio, por 21-3, a turma do Benfica conquistou o Campeonato Internacional de Raguebi disputado nesta cidade, no âmbito dos VII Jogos Desportivos do Outono. Nada há a apontar à justiça do triunfo dos «encarnados», como aliás foi reconhecido por todos os participantes.

No encontro anterior, a equipa do Sport Lisboa e Benfica bateu o Clube de Natação de Sevilha pela significativa margem de 43-3.

Desastre de viação

HERRERA HOSPITALIZADO

FLORENÇA (Itália), 13. — (A. N. L.) — As radiografias levam a crer que sofreu fractura da sexta costela ou da sétima vértebra o técnico de futebol Heleno Herrera. O automóvel que conduzia derrapou e foi chocar com o varão que separa as duas faixas de rodagem.

Os médicos só depois de novos exames — por enquanto impossíveis, pois Herrera encontra-se em estado de choque — poderão diagnosticar em definitivo.

Seja como for, Heleno Herrera, que é treinador do Roma, deve ficar hospitalizado algumas semanas.

NA ESCÓCIA

O VITÓRIA DE GUIMARÃES AGUARDA CALMAMENTE

• O brasileiro Jorge Gonçalves já poderá alinhar

Espera activa — mas calma — a do Vitória de Guimarães em Edimburgo, onde amanhã defronta o «onze» do Hibernian em jogo a contar para a «Taça Europeia das Feiras».

Reina grande expectativa na capital escocesa em relação ao encontro, tendo-se verificado a presença de inúmeros adeptos do futebol a assistirem aos treinos da equipa vimaranense.

Entretanto, a documentação do brasileiro Jorge Gonçalves já se encontra perfeitamente em ordem, pelo que o novo reforço vitoriano já poderá alinhar.

Jorge Vieira, o técnico da equipa, mostra-se satisfeito pelo modo como tudo está a decorrer e está confiante. Aliás, a confiança é geral no seio da comitiva alva, não obstante se reconheçam que o jogo com o Hibernian será extremamente difícil.

1.ª VOLTA AO ALGARVE EM AUTOMÓVEL

A 1.ª Volta ao Algarve em Automóvel, prova que assina a estreia do Racial Clube como entidade organizadora de competições automobilísticas, decorrerá nos próximos dias 24 e 25, e constituirá um «rally» aberto a todos os concorrentes com ou sem carta desportiva, disputado em duas etapas e com duas provas complementares.

A prova é patrocinada pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Comissão Regional de Turismo do Algarve, Câmara Municipal de Silves, governador civil de Faro, Sacor, Cialbe (Sumol) e Grão-Pará.

Esta primeira edição da Volta ao Algarve não é mais do que o primeiro passo de uma série de empreendimentos com que o Racial Clube conta colaborar na promoção turística e desportiva do País em geral, e do Algarve em particular. Assim, em próximas edições pretende a organização, com o actividade

promocional da região algarvia, elevar a «Volta» a prova internacional e contar para os campeonatos da modalidade onde for possível incluí-la.

O sorteio dos números de identificação efectua-se no dia 21, às 22 horas, na sede do Racial Clube. O primeiro concorrente inicia a 1.ª etapa na Avenida 5 de Outubro, em Faro, às 14 horas do dia 24. Seguem-se no itinerário Tavira (14 h. 34 m.), Estoi (15.05), S. Brás de Alportel (15.18), Loulé (15.33), Albufeira (16.06), Armação de Pêra (16.23), Alcantarilha (16.37), Aljoz (16.48), Messines (17.02) e, finalmente, Silves, às 17 h. 29 m.

Haverá, depois, uma neutralização e um jantar de confraternização em Armação de Pêra, no restaurante «A Greilhas».

As 21 e 30, inicia-se a 1.ª prova complementar em Silves, e finalmente à 1 hora do dia 25 de Outubro, da Av. Dr. Oliveira Salazar, o pri-

meiro concorrente parte para a 2.ª etapa, passando sucessivamente por Lagos (01.12), Portimão (01.18), Praia da Rocha (01.21), Mexilhoeira Grande (01.47), Odebrete (01.52), Lagos (02.10), Praia da Luz (02.20), Praia do Burgau (02.24), Vila do Bispo (02.54), Alfarbras (03.34), Bensafim (03.45), Odebrete (04.03), Mexilhoeira (04.09), Estombar (04.29), Alcantarilha (04.57), Messines (05.20) e Silves onde a meta estará instalada, tal como na 1.ª etapa na «Cerca da Feiras». Neste mesmo local decorrerá também a 2.ª prova complementar, às 10 horas de domingo, dia 25.

A revelação dos resultados oficiais e a entrega dos prémios serão efectuados no decorrer de um almoço que se realiza no Motel Alagoas em Lagos.

As inscrições encerram-se no dia 20, e podem ser efectuadas em Silves, na Secretaria do Racial Clube, pessoalmente ou por escrito, bem como na delegação do Racial Clube, em Lisboa na Rua Capelo n.º 5, 2.º, esq.º.



DR. JOÃO ARANTES RODRIGUES

MISSA DO 7.º DIA

Georgina Maia Dantas Arantes Rodrigues, Maria do Carmo Dantas Arantes Rodrigues, José Manuel Dantas Arantes Rodrigues, Delfina Arantes Rodrigues seu marido e filhos, Carolina Arantes Rodrigues, Emília Arantes Rodrigues, Manuel Arantes Rodrigues, sua esposa e filhos, Luiz Arantes Rodrigues, Aparício Arantes Rodrigues sua esposa e filhos e demais família, participam que amanhã, dia 14, pelas 11,30 horas, na Igreja dos Mártires, será rezada Missa por Alma do seu ente querido, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

Agência Magno — Tel. 534167



BRIGADEIRO

Eugénio Carlos Castro Nascimento

MISSA DO 7.º DIA

Maria Beatriz de Castro Nascimento, Luís Sebastião Delgado Rodrigues Nascimento, Maria Adelaide Aguiar Canto de Oliveira Nascimento e filhos, Carlos Alberto de Castro Nascimento e mais família, participam que amanhã, dia 14, pelas 11,30 horas, na Igreja dos Mártires, será rezada Missa pelo eterno descanso, de seu muito querido marido, pai, avô e parente. Agradecem desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

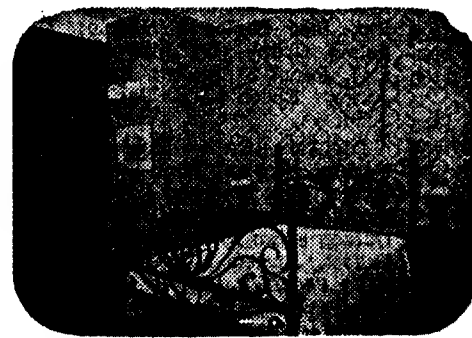
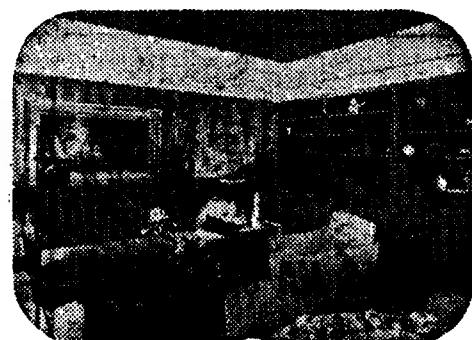
AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

PAÇO DE ARCOS

APARTAMENTOS MOBILADOS

Rendas muito acessíveis

de vários tipos
prontos a habitar



Localização — A 100 metros da praia
— Muito próximo da Estação de C.
de Ferro

Também possuímos lojas para qualquer ramo
de comércio

Faça-nos uma visita e ficará deslumbrado

Preços desde 190 Contos

Informações para aluguer e venda:

j. pimenta, S. A. R. L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43/4 76 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias
Telef. 2 43 35 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75
Conjunta Turística da Pampilheira — Telef. 28 39 88

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL
EXPEDIENTE E CONTABILIDADE
CONCURSO PÚBLICO
N.º 12/70

PARA ARREMATACÃO DA
EMPREGADA DE «REVE-
STIMENTO BETUMINOSO DA
PISTA SECUNDARIA E RE-
FORÇO DO TOPO 19 DA
PISTA PRINCIPAL DO AE-
ROPORTO DE FARO»

Depósito provisório:
33 552 350.

Prazo de apresentação das
propostas: 35 dias.

Alvarás exigidos aos concor-
rentes:

4.ª Subcategoria da VI Ca-
tegoria e Classe correspon-
dente ao valor da proposta.

Locais de consulta do pro-
cesso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras

— 2.ª Repartição: Edifício n.º

40 do Arruamento B do Aero-
porto de Lisboa; e

Aeroporto de Faro.

Local do acto público do
concurso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra
aberto o concurso público aci-
ma identificado, sendo o prazo

de apresentação das propos-
tas contado a partir do dia se-
guinte ao da publicação deste

anúncio no «Diário do Go-
verno».

O acto público do concurso
realizar-se-á pelas 10 horas

no primeiro dia útil que se
seguir ao termo do prazo de

trinta e cinco dias fixado neste
anúncio.

Nos locais de consulta do
processo, em todos os dias

úteis e nas horas de expedi-
ente, podem os concorrentes

solicitar cópias dos elementos
patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáu-
tica Civil, em 10 Out. 1970.

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

SE TEM AUTOMÓVEL

realiza-se a transferência de
propriedade de automóveis, cami-
ões, motos, etc., em 40 dias.
Rua D. Estanísio, 51.
6.º Et. — Telef. 400 49 563 751.
Acorda-se a visita ou telefonema



JOÃO BATISTA FERNANDES

1.º ano de profunda e eterna saudade

Sua mulher e filhos participam às pessoas das suas
relações que será celebrada missa na Igreja dos Anjos
dia 14 às 9 horas pelo seu eterno descanso, agradecen-
do desde já a todas as pessoas que se dignem assistir
a este piedoso acto.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de
Leca, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carva-
lho, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de
Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas,
a partir das 19 e 30, e na livraria do Bar-Restaurante do Aero-
porto em Foz de Robres, a partir das 20 horas.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL
EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

CONCURSO PÚBLICO
N.º 9/70

PARA ARREMATACÃO DA
EMPREGADA DE «INSTA-
LAÇÃO DE TRANSPORTA-
DORES MECANICOS DE BA-
GAGENS NA AEROGARE DO
AEROPORTO DO FUN-
CHAL»

Depósito provisório:
92 000 \$00.

Prazo de apresentação das
propostas: 32 dias.

Alvarás exigidos aos concor-
rentes:

5.ª ou 8.ª Subcategoria da
VI Categoria e Classe corres-
pondente ao valor da propos-
ta.

Locais de consulta do pro-
cesso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras

— 4.ª Repartição: Edifício n.º

4 do Arruamento B do Aero-
porto de Lisboa; e

Aeroporto do Funchal.

Local do acto público do
concurso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra

aberto o concurso público aci-
ma identificado, sendo o prazo

de apresentação das propos-
tas contado a partir do dia se-
guinte ao da publicação deste

anúncio no «Diário do Go-
verno».

O acto público do concurso
realizar-se-á pelas 10 horas
no primeiro dia útil que se
seguir ao termo do prazo de

trinta dias fixado neste anún-
cio.

Nos locais de consulta do
processo, em todos os dias

úteis e nas horas de expedi-
ente, podem os concorrentes

solicitar cópias dos elementos
patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáu-
tica Civil, em 10 Out. 1970.

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

REPARTIÇÃO DE PESSOAL
EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

CONCURSO PÚBLICO
N.º 7/70

PARA ARREMATACÃO DA
EMPREGADA DE «INSTA-
LAÇÃO DE CINCO ELEVA-
DORES NA AEROGARE DO
AEROPORTO DO FUNCHAL»

Depósito provisório:
32 500 \$00.

Prazo de apresentação das
propostas: 30 dias.

Alvarás exigidos aos concor-
rentes:

5.ª Subcategoria da VI Ca-
tegoria e Classe correspon-
dente ao valor da proposta.

Locais de consulta do pro-
cesso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa;

Direcção do Serviço de Obras

— 4.ª Repartição: Edifício n.º

4 do Arruamento B do Aero-
porto de Lisboa; e

Aeroporto do Funchal.

Local do acto público do
concurso:

Sede: Avenida da Liberdade,
n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra

aberto o concurso público aci-
ma identificado, sendo o prazo

de apresentação das propos-
tas contado a partir do dia se-
guinte ao da publicação deste

anúncio no «Diário do Go-
verno».

O acto público do concurso
realizar-se-á pelas 10 horas

no primeiro dia útil que se
seguir ao termo do prazo de

trinta dias fixado neste anún-
cio.

Nos locais de consulta do
processo, em todos os dias

úteis e nas horas de expedi-
ente, podem os concorrentes

solicitar cópias dos elementos
patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáu-
tica Civil, em 10 Out. 1970.

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

O ADJUNTO
DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

Sociedade Protectora dos Animais

HORÁRIO E PREÇO
DAS CONSULTAS

Nos Posto Sede — Rua de S.
Paulo, 55, 2.ª Dt. — das 10.30
às 12.30 e das 17.30 às 19.30
horas, aos sábados apenas das
14 às 16 horas.

No Posto N.º 2 — Rua Barão
de Sabrosa, 318 — todos os dias
úteis, das 10.30 às 12.30 horas.

PREÇOS:

1.ª Consulta 20\$00

Restantes 10\$00

Para sócios:

1.ª Consulta 10\$00

Restantes 7\$50

O 13 DE OUTUBRO EM FÁTIMA

FÁTIMA, 13 — Sob a pre-
sidência do sr. D. João Pe-
reira Venâncio, bispo de Lei-
ria, encerraram-se esta ma-
nhã, com as cerimónias tra-
dicionais, as costumadas fes-
tividades do 13 de Outubro,
ontem iniciadas.

Largos milhares de pessoas
assistiram, em frente da La-
sília, à celebração da
missa presidida por aquele
prelado, tendo-se seguido a
habitual bênção dos doen-
tes e finalizando com o
«Adieu à Virgem» entoado
pelos fiéis.

Entre os peregrinos nacio-
nais e estrangeiros, notava-
-se a presença de dois nu-
merosos grupos, um de Nor-
mund, no norte da Alema-
nha (220 pessoas) e outro in-
glês de Birmingham (100
pessoas).

CARTAZ DOS CINEMAS



MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131

As 21.30
Grãndiosa inauguração
de época

AEROPORTO

As 15 h.: Última exibição de
MY FAIR LADY (M. 12 anos)

SÃO JORGE

Telef. 541.54; 541.55; 541.53

HOJE, AS 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)

Uma sátira monumental

SAIAS ACIMA!

com Sidney James - Joan Sims
- Kenneth Williams - Bernard
Breslaw

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 336143

As 18.30 e 21.45

EM 3ª SEMANA

Bibi Andersson, Robert Stack,
Annie Girardot e James Farentino
numa alta comédia em ma-
ravilhoso technicolor

A VIDA DE UMA
MULHER

— O primeiro amor será de
facto o mais forte? —

AR CONDICIONADO

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30 horas

Em continuação de ESTRELA

3ª SEMANA

QUE HA DE NOVO,
GATINHA?

com Peter Sellers, Peter O'Toole
e Romy Schneider

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661010

As 15.00/21.00 h. — 70 mm

Atenção ao horário
das sessões

TECHNICOLOR

Charlton Heston, Stephen
Boyd e Jack Hawkins

«BEN-HUR»

LIDO

(M. 17 anos) As 21.30 h.

O filme de cowboys, autêntico
vendaval de acção e violência

CORRE HOMEM, CORRE

Estreia de hoje — AEROPORTO — MONUMENTAL

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 56595

As 8 e 6.15 da tarde (a p. r.)
e 8.30 da noite

8ª SEMANA

Jean Gabin, Alain Delon, Line
Ventura e Irina Demick
no grande êxito mundial

O CLÁ DOS SICILIANOS

ROMA

(Adultos) Tel. 336143

8ª SEMANA

As 15.30 e 21.45

A espanhola realização

A PONTE
DE REMAGEN

com George Segal, Robert
Vaughn e Ben Gazzara

Panavision — Cor de Luxe

CONDES

(Adultos) Tel. 322523

As 14.45, 16.30, 18.45 e 21.45

A AMÉRICA

DOS MEUS SONHOS

A América despida... por um
italiano vestido

Alberto Sordi — Vittorio de Sica

AVIS

(M. 12 anos) Telef. 47163

As 15.30 e 21.45

ANTÔNIO CALVÁRIO e MILC

O DIABO ERA OUTRO

com Nicolau Breyner, Julieta
Castelo, Alves da Costa e
Fernanda Borsatti

Fados de Herminia Silva

NO PALCO: NO FINAL DAS
SESSÕES, ANTÔNIO CALVÁ-
RIO INTERPRETA OS SEUS
MAIORES ÊXITOS

VOX

(Adultos) Tel. 720808

As 15.15, 18.30 e 21.45

3ª SEMANA DE ENCHENTES

DUSTIN HOFFMAN

MIA Farrow

JOHN & MARY

AR. CONDICIONADO

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5

As 15.15 e 21.30

2ª SEMANA

JEAN PAUL BLANMUNDO
e JEAN SEBERG em

O ACOSSADO

(A Bata de Souffier)

Um filme de Jean Luc Godard
Argumento de François Truffaut

ESTÚDIO

As 15.30, 18.30 e 21.45

EM 3ª SEMANA

(M. 12 anos)

O filme de CARLOS SAURA
que obteve o Urso de Prata no
Festival de Berlim e premiado
em Veneza e Francoforte. Aca-
démico etc.

A CAÇA

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795396

As 21.30

O HOMEM TATUADO

O MEU SANGUE

CORRE FRIJO

(AR CONDICIONADO)

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48380

As 21 horas

ISADORA

BRIGADA ANTI-GANG

(AR CONDICIONADO)

ROYAL

(Adultos) Tel. 86545

Uma comédia musical

espectacular

SWETT CHARITY

(A rapariga que queria ser
amada)

CHIADO TERRASSE

As 15 e 21 h. (M. 17 anos)

UM SONHO DE REIS

LONDRES E DE GRITOS

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

As 21 horas

FILHOS DE NINGUÉM

A LOBA SOLITÁRIA

(A: condicionado)

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

As 15.15, 18.30 e 21.45

Technicolor

Nunca um pai e um filho foram
tão loucos e irreverentes

PETER SELLERS — RINGO
STAR — RAQUEL WEECH

em

UM BEATLE

NO PARAISO

com Lawrence Harvey
e Christopher Lee

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

As 15.30, 18.30 e 21.45

2ª SEMANA

UM FILME IRONICO,
FÚTICO e AUDACIOSO!

OS AMANTES

com Jeanne Moreau
e Jean Maréchal

SÃO LUÍZ

(Adultos) Tel. 827172

2ª SEMANA

As 15.15, 18.15 e 21.30

a obra fundamental de

Joseph Losey

O CRIADO

(The Servant)

ALVALADE

(Adultos) Tel. 733480

2ª SEMANA

As 15.45 e 21.45

a obra fundamental de

Joseph Losey

O CRIADO

CASINO ESTORIL

As 17 e 21.30 (M. 17 anos)

ULTRAGE

com Paul Newman
e Claire Bloom

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

NOVO ÊXITO

O apaixonado filme de mistério
e de espionagem

DOSSIER 202:

DESTINO MORTE

com Lilla Palmer e Klaus Kinski
(EASTMANCOLOR)

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

O CINEMA PORTUGUES EM

FESTIVAL

3ª SEMANA DE ENCHENTES

A MALUQUINHA

DE ARROIOS

Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia
de André Bresson

com Alvaro Vaz, Ivone Silva,
Artur Semedo, Eugénio Salva-
dor, Lúcia Silva e Oscar Acosta

* outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45

e 23 h.: «Pimenta na Língua»
(17 anos).

COLISEU — As 21 e 30: «Com-
panhia Internacional de Circo»
(12 anos)

A B C — As 21 e 45 e às 23 h.:
«Alto lá com elas» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — As 21: «Noivado à
Itálica» (17 anos).

IDEAL — As 15 e 15 e 21 h.:
«A Chave» (17 anos).

ARCO-ÍRIS — As 21: «Não espe-
res Diálogo... Dispara» (12
anos)

OLIMPIA — As 21: «A vingança
é minha» (17 anos)

PARIS — As 21: «Para o melhor
e para o pior» (12 anos).

CINEARTE — As 21: «Por um
punhado de dólares» (17 anos).

MOSCAVIDE — As 21: «A Ira dos
Deuses» (12 anos).

PROMOTORA — As 21: «O fundo
da garrafa» (17 anos).

SALAO LISBOA — As 21: «A
hora de um herói» (17 anos).

ORIENTE — As 21: «Serafina»
(17 anos)

UNIVERSAL — As 21: «Os longos
dias de vingança» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — As 21 e 30:
«Luc zero dor» (12 anos)

OEIRAS — Oeiras-Cine — As 21:
«Mel amor» e «O mundo de
Suz. Hong» (17 anos)

PARDE — Royal-Cine — As 21:
«Os do Oceano» (17 anos)

ESTORIL — Casino — As 7 e
às 21 e 30 «Alitral» (17 anos)

CASCAIS — S. José — As 21 e
30: «Jamaica» (17 anos).

Linha de Sintra

VENDA NOVA — Cine-Portugal

— As 21: «A morte espera em
Athenas» e «Tesouro oculto» (17
anos)

AMADORA — Recreios-Desportivos

— As 21 e 30: «Santinhos con-
jugais» (17 anos)

QUELUZ — Queluz-Cine — As 21
e 30: «Cem se fosse um es-
pião» e «De sábado a domingo»
(17 anos)

MEM MARTINS — Cine-Chaby —

As 21 e 30: «Chove no meu
coração» (17 anos).

Outra Banda

ALMADA — Inicível — As 21 e
30: «Os cinco bandoleiros» (12
anos)

BARREIRO — Cine-Barreirense —

As 21: «O fascínio de Los Ve-
gos» (17 anos)

TRAFARTE — Pavilhão Jardim —

As 21 e 15: «O espião de cha-
péu verde» (17 anos).

PORTO

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «O ho-
mem perdido» (17 anos)

COLISEU — As 21 e 30: «Ame-
sem carrossa» (17 anos)

RIVOLTA — As 21 e 30: «Mundo
Mundo» (17 anos)

BAIALHA — As 21 e 30: «O
compromisso» (17 anos)

TRINDADE — As 21 e 30: «Os
Mangos de Elisabeta» (17 anos)

ESTÚDIO — As 21 e 30: «Mun-
do, o tempo de um regresso»
(17 anos)

OLIMPIA — As 21 e 30: «Joe
procura a sua morte» (17
anos)

AGUIA DE OURO — As 21 e 30:
«A vida da auto-stop» (17
anos)

CARLOS ALBERTO — As 21: «Cada
bela tem um nome» e «A mon-
tanha da luz» (12 anos).

J. J. — As 21 e 30: «Ban-
deras» (17 anos)

VALE FORMOSO — As 21 e 30:
«Perdoa... vamos amar» (17
anos)

COIMBRA

GL. VICENTE — As 21 e 30: «Um
sonho de reis» (17 anos).

AVENIDA — As 21 e 30: «O
grande silêncio» (12 anos).

TIVOLI — As 21 e 30: «O homem
das pistolas de ouro» (17 anos).

SOUZA BASTOS — As 21 e 30:
«Matar para não morrer»
(12 anos).

VIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIAS DE SERVIÇO • FARMACIA

LISBOA

AJUDA — Moura, Trav.

da Memória 55 (630944) •

Biotifar, Rua D. João de
Castro, 27-B (638824)

ALCANTARA — Bairro

R. Prior do Crato 25 (T.
661321)

ALMIRANTE REIS —

Confiança, Av. Almirante
Reis, 46 (T. 42453)

ALVALADE — ZII, Av.

da Igreja, 9-D (711780) •

Roma, Av. de Roma, 85-B
(72466) • S. João de Deus,
R. Pedro Ivo, 1-A-B (Tel.
725140)

AMOREIRAS — Britânica,
Trav. Léguas da Póvoa, 5-B
(Tel. 689250)

AREIRO — Garantia, Av.

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho 185-1
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Ed. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

**INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL**

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente nublado e o vento era fraco, havia neblina em alguns locais do litoral oeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 25°; mínima: Penhas da Saúde, 4°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 4°; Faro, 8°; Funchal, 2°; Lisboa, 5°; Póvoa do Varzim, 13°; Portalegre, 8°; Porto, 8°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar: 17,2°; no ar: 6,5°.

**PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 HORAS
DE AMANHÃ:**

Céu geralmente pouco nublado, vento fraco, neblina ou nevoeiro matinal no litoral oeste.

Amanhã:
Nascer às 7 e 44
Ocorrer às 19 e 1

Amanhã Dia 22 Dia 30 Dia 6

MARES:
PREIA-MAR: Hoje — 2 e 45 (4,1 m); 15 e 02 (4,3 m).
Dia 14 — 3 e 30 (4,2 m).
15 e 51 (4,5 m) Dia 15 — 4 e 13 (4,3 m); 16 e 31 (4,5 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 8 e 25 (0,9 m); 21 e 03 (0,7 m).
Dia 14 — 9 e 20 (0,8 m); 21 e 44 (0,7 m) Dia 15 — 10 (0,7 m); 22 e 24 (0,7 m).

**Industriais
de moagem**

Em sessão extraordinária, reuniu-se o conselho geral da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, que apreciou o seguimento dado às decisões tomadas na assembleia magna da indústria de moagem espoada de trigo, efectuada em 25 de Setembro, último.

No final da reunião foi decidido endereçar ao sr. prof. Marcello Caetano uma exposição sobre os problemas respeitantes ao regime cerealífero a publicar, documento que ontem mesmo foi entregue na Presidência do Conselho.

**ROGÉRIO MARTINS
EM LONDRES**

LONDRES, 13 — (R.) — O engenheiro Rogério Martins, secretário de Estado português da Indústria, fez ontem uma visita de cortesia ao vice-ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Rippon — anunciaram círculos oficiais.

O engenheiro Rogério Martins, que está a efectuar uma curta visita oficial à Grã-Bretanha, debateu com o vice-ministro britânico problemas relacionados com o Mercado Comum e a Associação Europeia do Comércio Livre (E. F. T. A.).

Conselho de Ministros

Sob a presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano reuniu hoje, à tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros. Os trabalhos principiaram cerca das 16 horas.

Libertação de gás natural, petróleo e cobre e abertura de canais e portos são alguns dos resultados do uso pacífico de explosivos nucleares indicados esta manhã pelo prof. Edward Teller, «o pai da bomba H», na palestra informal (sentado, inclusive, em cima da mesa) mas interdita aos jornalistas (por imposição sua), nas instalações da Junta de Energia Nuclear, em Sacavém.

De passagem pelo nosso País, em viagem de férias, o conhecido cientista está desde ontem em Lisboa, acompanhado pela esposa e por um casal amigo. Ainda ontem, alguns cientistas portugueses juntaram-se num jantar íntimo, promovido pela Academia das Ciências de Lisboa, a fim de ouvirem

uma palestra do prof. Teller que falou de explosões estelares.

Teller nasceu em Budapeste em 1908. Depois de estudar nas Universidades de Leipzig e de Munich, emigrou para os Estados Unidos, onde ocupou uma cátedra na Universidade George Washington e se naturalizou Neesa altura participou nos estudos preparatórios da primeira bomba atómica, nos laboratórios de Los Angeles.

Chefiou, também, a equipa responsável pela primeira bomba de hidrogénio.

Presentemente, os seus estudos orientam-se no sentido da utilização pacífica da energia atómica e termo-nuclear.

Assistiram à palestra além dos srs. comandante Lourenço de Brito e dr. Carlos Cachó, respectivamente presidente e director-geral da Junta de Energia Nuclear, cientistas e investigadores daquele departamento do Estado.

Inicialmente, foi projectado um filme documentário as aplicações e uso pacífico

de explosivos nucleares.

Assim, as explosões nucleares, realizadas a grande profundidade, provocando as grandes crateras permitem a libertação de gás, de petróleo e de cobre que é, depois, extraído, ou a abertura do espaço necessário a construção de grandes portos e canais.

Quanto aos encargos de tais operações, declarou o prof. Teller que eles representam apenas um quinto dos impostos pela utilização dos meios convencionais.

A propósito e como exemplo, o «pai da bomba H» afirmou que os canais do Panamá e do Suez poderiam ter sido abertos muito mais economicamente, se, então, existissem e tivessem sido utilizados explosivos nucleares, a grande profundidade.

Quanto aos possíveis perigos de tais explosões, não sentidas à superfície, o prof. Teller (que alimenta a esperança, louvável, de a guerra atómica nunca se torna realidade) sublinhou não serem elas perniciosas. Com efeito e segundo afirmou, há re-

giões habitadas no Mundo, como a Índia, onde o índice de radioactividade é de 0,40, ao passo que aquelas explosões não ultrapassam 0,17.

Terminada a palestra de novo o «pai da bomba H» se recusou a fazer declarações aos jornalistas.

**CADÁVER
APARECIDO
NA CRUZ
QUEBRADA**

Esta manhã, deu á costa, junto à praia da Cruz Quebrada, o cadáver de um homem já em adiantado estado de decomposição.

Vestia camisa clara de «nylon» e calças cinzentas. Aparecia cerca de 20 anos e recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

Na Polícia Marítima, o chefe Martins Baptista — que está a orientar as investigações — aguarda o resultado da colheita das impressões digitais para, então, poder relacionar o cadáver hoje aparecido com algum dos dois casos ultimamente ocorridos no Tejo: o afogamento (deliberado) de um jovem, junto ao Terreiro do Paço ou, por outro lado, o de um rapaz que desapareceu, na Trafaria.

Em três linhas

O dr. António Manuel Tenreiro da Cruz foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Tondela.

///

O dr. Artur Guilherme Trigo Vaz foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Vila Flor, em substituição do dr. António Vaz Pimentel.

///

Foi concedida a medalha de ouro de serviços distintos ou relevantes ao inspector administrativo Carlos Garcia de Carvalho Azevedo pela forma como se houve no desempenho das funções de governador do distrito de Malanje.

///

O sr. Delmiro Henriques de Almeida foi exonerado do cargo de vice-presidente da

Câmara Municipal de Vale de Cambra e nomeado presidente da mesma.

///

O eng.º Daniel Ferreira Pinto foi reconduzido no cargo de presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira.

**só a Iberia voa de
Lisboa a Alicante
(via Madrid)
diariamente
(não é romântico?)**

**PARTIDAS
DIARIAMENTE
ÀS 18H00
COM CHEGADA
A ALICANTE
ÀS 22H30**

Preços:
classe turística
Ida — Esc. 1341-50

IBERIA
LINHAS AÉREAS INTERNACIONAIS DE ESPANHA
onde só o avião recebe mais
atenções que você

Consulte o seu Agente de Viagens ou a **IBERIA**
Rua Rosa Araújo (Esq. com a Av. da Liberdade)

**Voe pelo mundo com Iberia
o romantismo de Espanha em cada avião**

MINISTRO DO MALAWI EM LISBOA

O dr. Aleke Banda, ministro das Finanças e do Turismo do Malawi, que se encontra mais uma vez de visita ao nosso País, foi recebido hoje, de manhã, pelo prof. dr. Silva Cunha, titular da pasta do Ultramar.

O dr. Aleke Banda que se-

rá recebido amanhã pelo dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo, seguirá depois para o Algarve, onde observará o desenvolvimento turístico que se está a processar naquela zona.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

DIADEMA
Ao comemorar o 4.º ANIVERSÁRIO, cumpri-
menta e agradece reconhecidamente aos seus
muito estimados Clientes, Fornecedores, Colabora-
dores e Amigos, todas as provas de dedicação e
amizade recebidas.
166, RUA DO OURO, 170 • Telef. 321362

**da famosa
coleção pelicano**
EDITORA ULISSEIA
RUA DA MISERICÓRDIA, 137. 1.º — LISBOA

REEDIÇÕES

- **O ENCANTO DA MATEMÁTICA**
de W. W. SAWYER
(13.º MILHAR)
- **CURIOSIDADES DA MATEMÁTICA**
de EUGENE P. NORTHROP
(8.º MILHAR)
- **AS HORMONAS E A SAÚDE**
de A. STUART MASON
(8.º MILHAR)
- **VERDADES E MENTIRAS DA PSICOLOGIA**
de H. J. EYSENCK
(8.º MILHAR)

DISTRIBUIDORA:
EDITORIAL NOTÍCIAS
RUA RODRIGUES FARIA, 103 — LISBOA

Exclusivo

POMPIDOU



cinco cidades, cinco horas de entrevistas e fidelidade à política degaulista



TORRES



quatro dias de crise, um ultimato, ameaça de guerra civil e...

A viagem de Pompidou à U. R. S. S. esteve, em importância, para a política europeia como a subida ao Poder na Bolívia de Juan José Torres para a América Latina. Por isso, «Exclusivo» apresenta hoje um «sum up» destes dois acontecimentos de primeira linha mundial, através do relato, dados e pormenores dos jornalistas de «Le Monde», «Washington Post» e «Los Angeles Times» que são, simultaneamente, os nossos correspondentes, em exclusivo para Portugal, elementos esses que a nossa Redacção trabalhou.

O Presidente da República francês, acompanhado pela Mme. Pompidou, permaneceu oito dias na U. R. S. S., durante os quais ele visitou cinco cidades e manteve cinco horas de entrevistas, em diálogo com os «leaders» soviéticos. Na véspera da sua partida para Moscovo, a televisão soviética publicou uma entrevista que o senhor do Eliseu lhe concedera e, na qual, Pompidou reafirmou que a França «se mantém fiel à política do general de Gaulle».

No momento em que Pompidou pisou o solo de Moscovo, sete meses depois da sua viagem aos Estados Unidos ele evocou a triunfal visita que o general de Gaulle fez à U. R. S. S. em 1966. Mas esta comparação é enganosa e não é só a diferença de temperamentos dos dois presidentes que está em causa.

Em 1966, as relações eram quase gélidas entre uma direcção colectiva soviética ainda hesitante, gravemente preocupada pelo problema chinês, e uma administração americana que se engolfava cada vez mais no conflito vietnamita. A Alemanha Federal começava a libertar-se das doutrinas rígidas da era de Adenauer. Finalmente, o general De Gaulle, que acabava de retirar a França da N. A. T. O. acreditava ver a Leste a aurora de importantes mudanças

que abriam a via à dissolução dos blocos e à cooperação multilateral na Europa.

Hoje, o problema do Vietnam e o que se levanta com a tensão das relações sino-soviéticas perderam bastante da sua acuidade, embora nenhum deles esteja completamente resolvido, e os Dois Grandes estão mais empenhados no que se refere aos armamentos estratégicos do Próximo Oriente e à questão de Berlim. As antecipações do general sobre a dissolução dos blocos foram cruelmente desmentidas pela invasão da Checoslováquia, enquanto Willy Brandt encetava directamente com Moscovo conversações de onde poderá sair um dia o regulamento do problema alemão, chave da segurança na Europa. Apesar da França não poder mais do que encorajar esta evolução, acontece-lhe que o papel de «pioneira» lhe escapou. Esta posição é talvez menos espectacular, mas mais confortável.

Na visita de Pompidou à U. R. S. S. houve uma diferença fundamental da atitude de De Gaulle. Com muito mais vigor que o seu predecessor há quatro anos, Pompidou sublinhou que a França pertencia ao Ocidente, chegando mesmo a evocar a Comunidade Europeia dos Seis e as negociações para o seu alargamento. Ao mesmo tempo, o presidente francês mostrou-se benevolente perante um projecto de conferências a que o general De Gaulle havia mostrado aberta e pesada antipatia. No entanto, quer Paris quer Moscovo pretende que a estadia do presidente Pompidou foi um «verdadeiro êxito de relações públicas». Na verdade, não foi só isso que aconteceu e muitas outras coisas se passaram, devendo-se ter debatido importantes problemas mundiais entre os «leaders» franceses e soviéticos.

Enquanto tudo isto se preparava, em La Paz, a capital mais alta do Mundo, o general Alfredo Ovando Candia, presidente da República, fazia igualmente as malas mas com outro destino: o de se apurar do Poder para — dizia ele — «evitar um confronto entre as Forças Armadas e derramamento de sangue».

Instalado no Palácio Quemado por um golpe de Estado tranquilo, aceitando no seu primeiro Governo ministros civis favoráveis «à via socialista», Candia tentara imitar o exemplo da experiência peruana, ousando nacionalizar a poderosa Gulf Oil Company e restabelecer as liberdades sindicais. Em breve a embaixada dos E. U. A. funcionava e Candia, para manter no Exército uma unidade fictícia, aceitava a demissão dos seus ministros mais liberais, dominado definitivamente pelos «ultras».

Quando um triunvirato militar acabava de prestar juramento após ascender ao Poder, granadas disparadas do aeroporto de La Paz, base aérea de El Alto, acertavam no palácio presidencial, semeando o pânico na população civil. Elas eram a voz do general Juan José Torres, um general liberal, que se opunha à subida ao Poder do «Triunvirato criado sem o consentimento popular».

Depois de esmagar a fraca resistência de um regimento dissidente, Torres está no Poder. Isto pode ter importância decisiva para a América Latina quando nos Andes os peruanos já optaram pela via nacionalista, que contraria os americanos e o Chile está em vésperas de ver Salvador Allende eleito pelo Congresso.

- Pompidou: página dois
- Torres: página quatro



EU

MATEI MARTIN BORMANN

Martin Bormann está vivo ou morto? Todos os anos aparece quem diga que ele vive num país da América Latina, mas Ronald Gray afirma que o matou em 1946. (Págs. 6 e 7)



POMPIDOU NA U.R.S.S./UM ÊXITO DE

O FICIALMENTE, a viagem de Pompidou a Moscovo foi considerada um êxito de relações públicas — e ambos os lados se mostraram muito interessados em que assim se pensasse — apesar de fontes autorizadas e geralmente bem informadas terem dito em Paris que, durante as reuniões oficiais no Kremlin, a preocupação dos dialogantes foi a de esclarecer, quer uns, quer outros, as suas intenções em relação à zona do Canal do Suez e a Berlim. Funcionários franceses mostraram-se abertamente magoados por a União Soviética não ter conservado a França informada acerca da política russa, apesar dos acordos no Kremlin acerca de «frequentes consultas» estabelecidos com o general de Gaulle há quatro anos.

Foi Bonn, no entanto, quem recentemente informou Paris das negociações que levaram à assinatura do tratado russo-alemão, em Agosto passado. E foi

Washington a comunicar aos franceses as conversações russo-americanas que levaram ao plano de Rogers para o Médio Oriente.

De momento, a França mostrou-se admirada, a par de outros governos ocidentais, pela posição da U. R. S. S. na grande conferência de Berlim. Especificamente no Médio Oriente, Pompidou teria querido saber o que é que os russos esperavam conseguir com a contínua instalação de mísseis ao longo do Canal do Suez. Estarão os russos — e os novos governantes do Egipto — prontos a aceitar um indefinido cessar-fogo ali, o que diversos «leaders» israelitas indicaram que podia ser aceite como uma plataforma para as negociações sobre o Plano Rogers?

Ninguém no Ocidente parece saber as respostas a todas estas perguntas e Pompidou certamente que não desperdiçou

esta oportunidade para se informar directamente junto dos chefes do Kremlin.

Por outro lado, na véspera da sua chegada à capital soviética, a Televisão de Moscovo transmitia uma entrevista com o presidente francês que despertou grande interesse e na qual Pompidou afirmou, a determinado passo: «A França permanece fiel à política que foi definida pelo general de Gaulle e que tem por fim reforçar o entendimento e a cooperação entre todos os países europeus de Leste e do Ocidente e, antes de mais nada, entre a França e a União Soviética».

Também a insuficiência à qual se deve o desequilíbrio nas trocas entre os dois países terá uma solução que Pompidou procurará encontrar e que, por isso, foi um dos assuntos debatidos nas 5 horas de entrevistas que manteve nas 5 cidades que visitou, ao abordar a questão das compras francesas à U. R. S. S.

DE GAULLE BEST-SELLER

Por ANATOLE SHUB

PARIS — O maior mestre do drama e mistério políticos da França voltou a surpreender os seus cidadãos. Por insistência pessoal do antigo presidente Charles de Gaulle e sem qualquer aviso prévio 250 mil exemplares do primeiro volume das suas novas memórias apareceram subitamente nos escaparates de toda a França precisamente no dia em que o seu sucessor, Georges Pompidou, começava a sua visita oficial à U. R. S. S.

A publicação do livro tinha sido previamente anunciada para 20 de Novembro, e o aparecimento súbito do livro do general representou um choque nos círculos políticos franceses, enquanto a imprensa internacional, os editores e livreiros de todo o Mundo, se lançaram numa corrida à compra de direitos e os próprios jornais franceses dedicavam maior relevo a este evento do que à visita do actual presidente ao Kremlin.

Um dos exemplares de luxo, pessoalmente autografados por de Gaulle, era nesse dia entregue no Eliseu, para o presidente Pompidou.

Um dos mais interessantes pontos de «A Revista» — título do livro — que abrange os anos de 1958 a 1962, é a que descreve Pompidou apenas como «meu colaborador» e «qualificado» para a presidência em meados de 1962. Este elogio mínimo, contrasta com uma crítica, que é quase uma condenação, acerca da desvalorização do franco ordenada por Pompidou em Agosto de 1969.

No princípio deste livro, de Gaulle acentua que «aos homens de Estado com quem eu tive de discutir os problemas do Universo, verdadeiros gigantes, amigos ou inimigos, que conduziram a guerra (II Guerra Mundial), se seguiram cautelosos políticos num tempo de mediocridade».

Amplios detalhes e afirmações cheias de cor são dedicadas pelo general, no livro, a encontros e entrevistas com personalidades como: Eisenhower, John Foster Dulles, Krutchev, MacMillan e Conrad Aednauer.

De Gaulle esclarece ainda que, ao voltar ao Poder em 1958, ele estava determinado a retirar as unidades francesas das estruturas militares «integradas» da N.A.T.O., a conservar a Grã-Bretanha fora do Mercado Comum, ou ainda a retirar a França deste mercado e a garantir a independência da Argélia.

Entre outras revelações, ele escreve ainda que tinha proposto um directório de três potências, da NATO a Eisenhower e a MacMillan, em 1958, e a certeza de que isto seria recusado, pelo que ele poderia lavar as mãos.

De Gaulle diz ainda que Dulles ofereceu à França bombas atómicas, por volta do início de 1969, e que ele desejava comprá-las desde que não fossem postas condições ao seu uso, pela NATO. Isto foi inaceitável, pela parte dos Estados Unidos, apesar de De Gaulle e Eisenhower discutirem o assunto diversas vezes.

Entre outras pessoas a receberem o livro enviado pelo general contam-se a rainha Isabel II, o Papa Paulo VI, Mc Millan, a viúva de Eisenhower, Krutchev, o conde de Paris, pretendente ao trono francês.

De Gaulle, tem uma frase, neste livro, em que diz que «estava a governar a França na estabilidade e na continuidade de que ela havia sido privada durante 169 anos. — isto é, desde a Revolução de 1789».



HA um perfume russo na moda deste Outono... Sem nenhuma intenção política, evidentemente. Diz-se «perfume russo», não se diz «perfume soviético».

A moda para o Outono, na Inglaterra, inspirou-se, por intermédio de Martha Hill, nos materiais e no vestuário tradicional da grande Rússia.

Dentro deste tradicionalismo, contam-se as botas altas dos cossacos e a bela e quente pele dos ursos, bem visível na gravura que publicamos. A capa romântica de Anna Karenina vai cobrir, nesta hora de folhas mortas, os ombros brancos, leitosos, friorentos das «fair ladies» desejosas de andar à moda.

A publicidade do movimento pró-russo (na moda, claro está) faz-se na pessoa do próprio urso, que funciona

em diversos tamanhos... e preços. Assim «Teddy», como se chamava em Londres o pavoroso urso, custa no tamanho maior cerca de 250 escudos. É uma maravilha de brinquedo produzida pela Real Soft Toys. O bebé urso não custa mais de 40 escudos.

Todos os modelos podem ser comprados pelo correio — e os preços começam por 550 escudos, mais pele, menos pele — que é como quem diz: mais coisa, menos coisa.

Esta notícia, na sua aparente simplicidade, está longe de ser frívola. A moda é um fenómeno social que não pode ignorar-se. Ela ri-se dos preconceitos das barreiras. A política da moda é vestir bem, agradar às mulheres, fazer negócio. E quanto à coexistência pacífica — até a moda pode dar um jeito...

RELAÇÕES PÚBLICAS

MOSCOVO



Exclusivo



Pompidou em Moscovo: um francês tranquilo

CONTINUIDADE E ABERTURA

Por ANATOLE SHUB

UMA semana após a sua eleição para segundo presidente da Quinta República Francesa, Georges Pompidou disse a um amigo: «Agora, preciso de descobrir um estilo. Não será fácil.»

Pompidou sabia que, como sucessor de Charles de Gaulle numa constituição talhada à sua medida pessoal, e como chefe de facto de um movimento político unido por lealdade a de Gaulle, todos os seus actos seriam fatalmente comparados com as palavras e acções do General... e a comparação nem sempre seria favorável.

Na verdade, um gaullista da esquerda, Louis Valon, apressou-se a dizer que Sancho Pança tinha substituído Don Quixote no Palácio do Eliseu. O próprio de Gaulle (segundo um livro recente sobre «o duelo» entre o General e Pompidou) teria afirmado que a França seria em breve governada de novo por «combinações» e «arranjos» políticos e «cairia na letargia das nações moribundas». «Gaullistas de menos nomeada saborearam a observação (atribuída aos colaboradores do ministro da Defesa, Michel Debré) que Pompidou representava «o gaullismo reduzido ao nível de um notário de província.»

Também entre os adversários do gaullismo se fizeram as mais variadas comparações, igualmente pouco lisonjeiras para o presidente. Certos intelectuais de nomeada fizeram notar confidencialmente que de Gaulle podia ser louco mas era sempre fascinante. Pom-

pidou é muito mais razoável, mas terrivelmente aborrecido. O semanário satírico «Le canard enchaîné», que durante uma década publicou uma secção intitulada «A corte», onde se ridicularizava de Gaulle chamando-lhe «rei» do século dezassete, alterou o nome da referida secção para «A regência», reflectindo deste modo a convicção generalizada de que a era do «Regente» Pompidou seria uma era de transição hesitante para um futuro ainda sombrio.

OBREIRO DA POLÍTICA INTERNA E EXTERNA

Após quinze meses na presidência, Pompidou ainda não conseguiu libertar-se de semelhantes comparações. A sua mensagem de condolências pela morte do presidente Nasser do Egipto, na passada semana, foi logo comparada com a semelhante mensagem pessoal que de Gaulle enviou um dia mais tarde. A viagem de Pompidou, à União Soviética, comparada com a viagem de de Gaulle à «Rússia eterna», em Junho de 1966. Embora as fontes do Eliseu sejam habitualmente prudentes em suscitar as grandes esperanças políticas, sentem-se também na obrigação de acentuar o facto de os srs. Brejnev, Podgorny e Kossyguine terem preparado a Pompidou uma recepção, sob todos os aspectos tão respeitosa e formal como a que foi dispensada a de Gaulle.

Além de de Gaulle, Pompidou tem-se visto comparado aos seus próprios contemporâneos, entre os chefes políticos. A nomeação para primeiro-ministro do afável Jacques Chaban-Delmas deve-se, em parte (segundo Pompidou teria dito a Edgar Faure) ao desejo de «tranquilizar os gaullistas». Todavia, Chaban-Delmas em breve se tornou a tal ponto popular que o Eliseu se apressou a esclarecer — finalmente, segundo o próprio Chaban-Delmas — que o presidente, e não o primeiro-ministro, era o principal obreiro da política francesa interna e externa. No princípio do Verão passado, especulou-se mesmo durante algum tempo, sem que houvesse um desmentido, quer do Eliseu, quer do próprio Pompidou, sobre o possível afastamento de Chaban-Delmas das funções de primeiro-ministro. (A especulação terminou com o triunfo esmagador de Chaban-Delmas nas eleições suplementares de Bordéus).

Deste modo, muito embora as linhas mestras da política de Pompidou se tenham tornado razoavelmente conhecidas, no decurso dos passados quinze meses, os seus esforços no sentido de conseguir um estilo pessoal, susceptível de inspirar os cidadãos franceses e os estadistas vizinhos, parecem ainda, na opinião de muitos observadores, caracterizaram-se por uma considerável atitude defensiva e insegurança.

INDUSTRIALIZAÇÃO EM VEZ DE «GRANDEZA»

Ao assumir as suas funções, Pompidou definiu a sua política como «continuidade» da herança gaullista, mais «abertura» às forças não gaullistas moderadas: a principal «abertura» é a retirada do veto nas negociações para a admissão da Grã-Bretanha no Mercado Comum. Contudo, a fórmula da «continuidade mais abertura» pode ser menos reveladora do novo regime do que a observação de Pompidou, na passada semana, de que o rei francês que mais admirava era Henrique IV. Este, após décadas de luta ideológica, deu à França quase uma geração de paz interior e desenvolvimento económico, e deixou aos estudantes franceses dois significativos «slogans»: «Paris vale uma missa» (a justificação de Henrique IV para renegar o protestantismo e abraçar a fé católica) e «Um franco em cada panela».

Para Pompidou também as lutas ideológicas que despedia a França, desde os anos 30, sem dúvida, menos importantes do que a pragmática tarefa de manter a calma e a estabilidade interna, ao mes-

mo tempo que se procura modernizar a economia francesa. «Continuidade» exige um respeito permanente por conceitos tais como «independência nacional», oposição à «hegemonia das superpotências» e insistência no papel da França como um dos quatro grandes em Berlim, no Médio-Oriente e noutras partes do mundo. Mas mesmo gaullistas fiéis, como Debré, fizeram notar recentemente que os compromissos externos e o papel da França no mundo seriam menos importantes na próxima década do que a transformação económica e social interna. A palavra do dia não é «grandeza», mas sim industrialização — para permitir à França competir com os seus vizinhos europeus e, se possível, permitir à Europa caminhar economicamente ao lado dos Estados Unidos e do Japão. Ao mesmo tempo que tenta alcançar estes objectivos, Pompidou tem tido o cuidado de não pôr em perigo o delicado equilíbrio político e social interno. Assim, a promessa de «regionalização» feita por de Gaulle foi tranquilamente posta de lado quando Pompidou verificou que as próprias regiões não chegavam a acordo sobre como se realizaria a projectada reforma. O mesmo aconteceu a um ambicioso plano que visava a reforma dos costumes jurídicos franceses, quando o mesmo se viu fortemente contrariado por diversas associações de advogados. Pompidou sempre se mostrou céptico acerca da ideia de de Gaulle quanto à «participação» do trabalhador na empresa, pois a sua própria experiência dos negócios tinha-o levado a concluir que os trabalhadores se interessavam mais pelos salários e benefícios sociais. Não se mostrou muito apressado em aceitar investimentos americanos e de outros países estrangeiros na indústria francesa, enquanto se esforçava por estimular as fusões a fim de fortalecer as empresas nacionais.

PRUDÊNCIA COM DIVIDENDOS

Todavia, a prudência de Pompidou parece ter proporcionado consideráveis dividendos até agora — no ambiente de calma geral que se respira em França e numa economia que parece ter-se recomposto dos choques revolucionários de Maio de 1968 e da desvalorização de Agosto de 1969. Talvez o país não esteja inspirado, mas está a ser administrado e quer a História identifique um dia Pompidou com Henrique IV ou com Sancho Pança, ninguém o compara actualmente com D. Quixote.



MARTIN BORMAN, célebre criminoso de guerra «aparece episódicamente» na América Latina. Pois um fleumático cidadão de Sua Majestade vem desmentir isso, numa série de três artigos em que afirma e explica como «Eu matei Borman» (Páginas centrais).



JOHN DOS PASSOS, um grande escritor mundial, filho de portugueses e nascido nos E. U. A., a cuja Literatura pertence, morreu. Mas Dos Passos já morrera em vida. Do socialismo, que abraçara, resvalou, no fim da vida, para um extremismo da direita dirigido por Barry Goldwater, a quem apoiou na campanha eleitoral para a Presidência. (Página dez)



TED KENNEDY, o senador, é o último político de um clã familiar que chegou a dominar o Mundo. A sua personalidade e a importância da sua família encontram-se na Página 10.



CHILANCA DE GARCIA comemora oito anos de colaboração no «Diário de Lisboa»... escrevendo para si. Dantes, assinava João Guanabara. (Página onze)

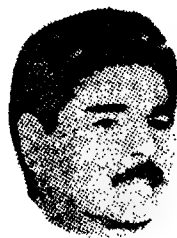
- Moda (Página dois)
- Mulher mítica e mulheres reais (Pág. nove)
- O novo Vauxhall (Página oito)
- Punch (Página nove)

DIÁRIO DE LISBOA, 13 DE SETEMBRO DE 1970 EXCLUSIVO SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa

COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST», «LOS ANGELES TIMES» E «PUNCH»

BOLÍVIA



EQUILÍBRIO SOBRE A CORDILHEIRA

A guerra civil ameaçou estalar na Bolívia onde a demissão do general Ovando Candia, presidente desde Setembro de 1969, provocou a divisão das Forças Armadas em facções rivais. A subida ao poder de um triunvirato militar favorável ao general das direitas Rogelio Miranda foi imediatamente contestado pelo general liberal Torres, antigo chefe do estado-maior do Exército, afastado deste cargo no passado dia 7 de Julho por ter «relações ami-

gáveis com dirigentes sindicais».

O general Torres, que instalou o seu quartel-general no aeroporto de La Paz, base aérea de El Alto, bombardeou durante um quarto de hora o palácio presidencial, no centro da cidade, onde o novo Governo constituído pelo triunvirato acabava de prestar juramento. Aparelhos da aviação fiel ao general Torres, metralharam a baixa altura as casernas de Miraflores, quartel-general das forças do

general Miranda, semeando o pânico entre a população civil.

«A luta começou», declarou então o general Torres «vamos combater com todas as armas contra o triunvirato criado sem o consentimento popular e contra este Governo colonialista e fascista».

Torres conferenciou com o secretário executivo da Federação dos Mineiros de Estanho e com Siles Suazo, antigo presidente da República e um dos principais

dirigentes do Movimento Nacionalista Revolucionário do antigo presidente Paz Estenssoro. Depois destas entrevistas, Lechin, o sindicalista e Suazo dirigiram-se imediatamente à Universidade de San Andres, em La Paz, para preparar um plano de acção comum, com os universitários.

Os estudantes começaram a erguer barricadas nas ruas e a vigiar qualquer eventual movimento de tropas favoráveis a Miranda. Em Catavi, a sede do forte movimento mineiro foi decidido denunciar «o golpe de Estado fascista dos milita-

res da direita» e conceder «apoio condicional» a Torres. A federação dos mineiros reclama «armas para defender as conquistas sociais» e põe como condições ao seu apoio «o restabelecimento das liberdades democráticas, a libertação de presos políticos, a anulação de decretos anti-greves, a nacionalização dos bancos estrangeiros e de todos os interesses norte-americanos, a expulsão de todos os organismos imperialistas e a constituição de um Governo Popular.»

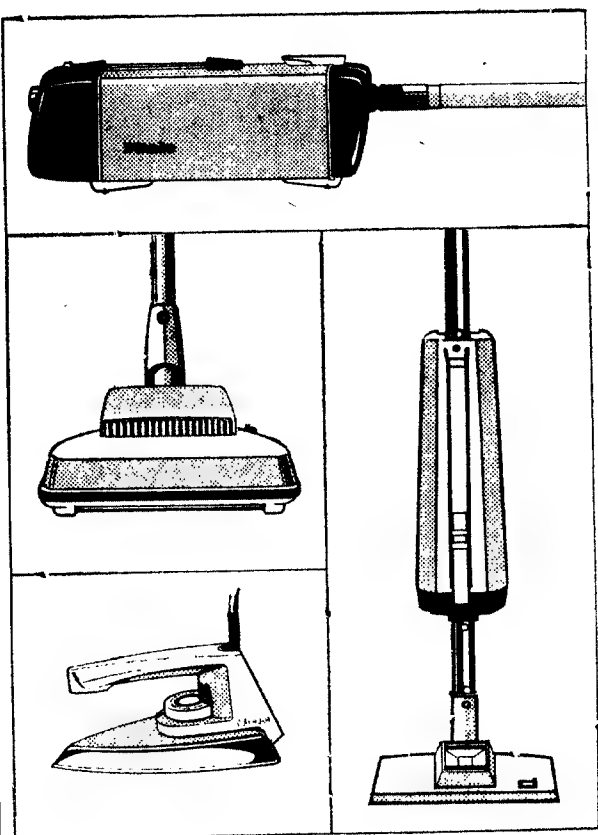
Num comunicado, Torres anunciou que as suas for-

ças estavam estabelecidas em Cochabamba, a segunda cidade do país, e milhares de camponeses armados, enquadrados por unidades da guarnição de Cochabamba marcharam para La Paz a fim de apoiar o general que pôs o coronel Samuel Gallardo, antigo ministro do Trabalho do gabinete de Candia, à cabeça das suas tropas.

O general Rogelio Miranda obtivera a demissão do presidente Candia ao que parece refugiado agora na Embaixada Argentina e abandonou o palácio presidencial para se fechar nos aquartelamentos de Miraflores. Decretou o estado de rebelião e disse poder contar com o apoio de diversas unidades espalhadas pelo país, bem como regimentos de infantaria acantonados na capital.

Neste momento, ao que parece, Torres dominou já completamente a situação, embora as informações provenientes das capitais mais altas do Mundo sejam esparsas, raras e por vezes contraditórias. Após a subida ao Poder dos militares nacionalistas do Peru e a manter-se Torres à frente dos destinos da Bolívia, satisfazendo as condições para o apoio dos mineiros, pode dizer-se que se restabelece o equilíbrio na cordilheira dos Andes, ponto estrategicamente fundamental para a evolução política da América Latina. Se o Senado chileno, por seu turno, colocar definitivamente no Poder o marxista Salvador Allende, a América Latina apresentará ao Mundo, dentro em breve, uma nova face, a menos que um maior empenhamento dos Estados Unidos possa tornar ainda mais dramática a situação neste apaixonante continente.

TORNE O TRABALHO NO LAR AINDA MAIS AGRADÁVEL



COM

os aspiradores, batedores e ferros eléctricos

Miele

... E JAMAIS OS DISPENSARÁ!

Os electro-domésticos MIELE são extraordinariamente robustos. Feitos para durar, dão a cada dona de casa o apoio fiel a que ela tem direito.

AGENTE OFICIAL:

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 27

Telefones 3 02 30 - 32 68 41 — LISBOA

QUEM É TORRES

O general Juan José Torres Gonzales foi, durante 18 dias, em Novembro de 1964, ministro das Finanças do primeiro Governo de Barrientos. Antes de ser nomeado encarregado de negócios no Brasil. Tornado Chefe do Estado-Maior adjunto e fiel partidário do general Ovando Candia, foi destituído por Barrientos em Agosto de 1968.

A 25 de Novembro desse mesmo ano foi nomeado presidente do Conselho Nacional para a Defesa. Depois, em Setembro de 1969, quando o general Candia toma o poder, é nomeado comandante em chefe das Forças Armadas. Com este título ele é considerado como o número dois do regime. A sete de Julho passado foi afastado pela junta de chefes militares, que formavam o conselho superior das Forças Armadas. A razão do afastamento é Torres manter «relações amigáveis» com sindicalistas.

QUEM É MIRANDA

O general Rogelio Miranda nasceu há 46 anos na cidade mineira de Oruro. Depois dos estudos no colégio católico de La Paz preparou-se para oficial frequentando os cursos de aperfeiçoamento da Escola de Forth-Worth, nos E. U. A. Em 1964 encontra-se à cabeça da segunda divisão militar de Aruro no golpe de Estado que derruba Estenssoro.

Depois de ter sido durante alguns meses, em 1965, ministro da Agricultura no Governo de Barrientos, foi nomeado em Junho de 1967, chefe da 4.ª Divisão, baseada em Camiri, na região de Nanchauazu. Foi daí que dirigiu as operações contra a guerrilha de «Che» Guevara. Quando Ovando toma o Poder em Setembro de 1969, Miranda tornou-se chefe do Estado-Maior do Exército.



Teóricamente é um bom revolucionário, mas na prática é ligeiramente covarde...

WASHINGTON



Submarinos russos em Cuba

NOVA CRISE DE MÍSSEIS?

Por CHALMERS M. ROBERT

em que Fiedheim deu a explicação acima mencionada, ocorreu um facto que alertou a imprensa: no decorrer duma reunião dedicada à viagem do presidente Nixon, um dos repórteres presentes levantou o problema e o representante do governo leu-lhe, a título de resposta, uma declaração escrita pelo presidente Kennedy no final da chamada crise dos mísseis de 1962. De acordo com essa declaração que o organizador tinha à mão — revelando dessa forma que o assunto já atingira o nível presidencial — o governo norte-americano consideraria extremamente grave o estabelecimento duma base estratégica russa na zona das Caraíbas. Para Kennedy, só haveria paz nessa área se todas as armas ofensivas fossem removidas de Cuba e permanecessem, de futuro, fora dessa área. O representante da Casa Branca evitou responder às perguntas dos jornalistas presentes na reunião, mas comentou que «um submarino do

tipo Polaris era, evidentemente, uma arma ofensiva» e acrescentou: **sejam cuidadosos acerca do que se diz. Estamos a observar o que se passa em Cuba e embora não estejamos, neste momento, em posição de dizer o que está a acontecer, continuaremos em observação e no momento apropriado tomaremos a atitude que nos parecer indicada.**

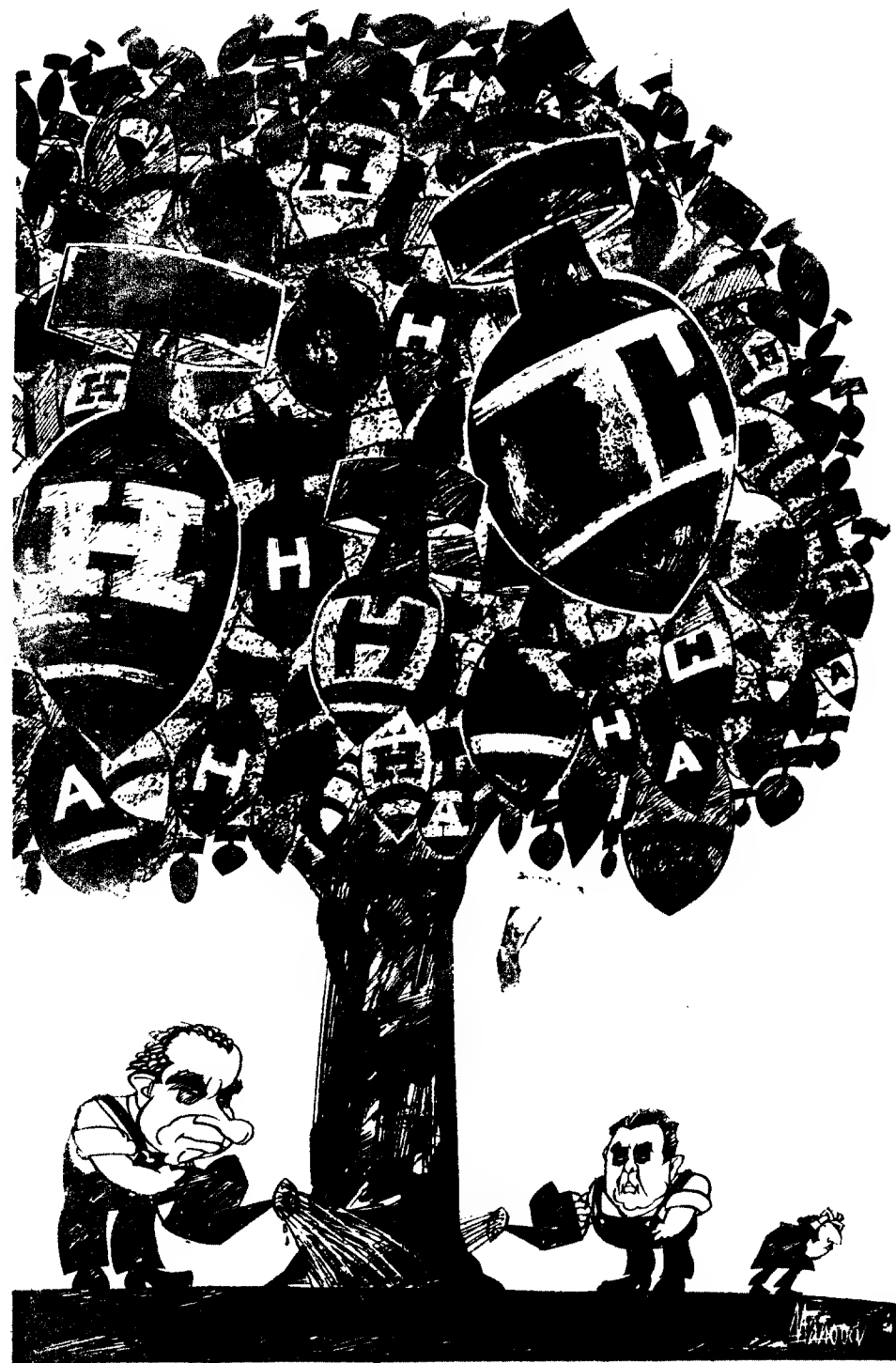
Esta frase, que temos de relacionar com a de Fiedheim, constitui um aviso directo aos russos de que os americanos estão dispostos a impedir o estabelecimento duma base naval em Cienfuegos e é o mais duro dos «avisos» americanos desde a crise cubana de há oito anos.

Em Washington, explica-se de duas formas esta atitude da Casa Branca. Segundo uns, o governo receia que surja um Kenneth Keating democrático. Kenneth Keating foi um senador republicano que em 1962 embaraçou repetidamente a administração de

Kennedy afirmando, muito antes de Kennedy reconhecer publicamente o facto, que os russos estavam a instalar bases de mísseis em Cuba. Em 1970, tal como aconteceu em 1962, há eleições para o Congresso...

Para outros, a dureza da atitude governamental provém da preocupação crescente que o governo revela em relação ao endurecimento crescente da política soviética, endurecimento que se verifica em todas as frentes da Guerra Fria.

No que se refere ao caso de Cienfuegos propriamente dito, os técnicos militares riem-se de que alguém o possa comparar aos incidentes que provocaram a crise cubana de 1962. Se, por um lado, o estabelecimento duma base de submarinos nessa região poderia contribuir para facilitar as actividades logísticas da armada soviética, por outro lado permitiria que os americanos controlassem todos os movimentos dos submarinos atómicos russos no Atlântico.



DEVIDO à crise do Médio Oriente, passou despercebida, na semana passada, uma notícia que, em qualquer outra altura, teria sido comentada e recomendada: a notícia de que os americanos fizeram um duro aviso aos russos acerca da eventual construção duma base estratégica em Cuba. O caso cubano, porém, está intimamente relacionado com o Médio-Oriente, nomeadamente no que se refere ao papel que os russos nele desempenham, tal como está relacionado com outros pontos importantes das relações russo-americanas.

Tem particular interesse examinar o momento político escolhido por Washington para fazer este aviso.

As primeiras sugestões acerca da possibilidade dos russos estarem encarando a hipótese da construção desta base apareceram na imprensa há coisa dumas semanas. O «Economist», de Londres, por exemplo, afirmou que os russos planeavam construir

uma base naval em Cienfuegos, no seu número de 19 de Setembro. Como não podia deixar de ser, os repórteres de serviço no Pentágono começaram a pedir informações a este respeito e acabaram por ser informados de que os russos tinham, efectivamente, fundeado em Cienfuegos três grandes dragas no decorrer das semanas anteriores. Segundo o informador oficial — Jerrà W. Fiedheim — este facto levava as autoridades norte-americanas a admitir que os russos estivessem a estudar a possibilidade de instalarem bases de apoio em Cuba, mas não necessariamente uma base de submarinos. Aliada às notícias referentes ao recrudescimento das actividades da armada russa no Atlântico e nas Caraíbas, esta informação deveria preocupar o Pentágono, mas dificilmente o levaria a tomar outra atitude que não fosse a de pedir ao Congresso um reforço das verbas destinadas

à defesa. Até esse momento, nada levava a crer que o problema tivesse atingido o nível presidencial ou que o governo estivesse preocupado com o assunto, mas na tarde do dia

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO
VENHA PARA PILOTO DA TAP

Este lugar de piloto
pode ser ocupado
por si!

Se tem menos de 32 anos, frequência de um curso superior ou equivalente e a situação militar regularizada, dirija-se à Divisão do Pessoal. Navegante da TAP — Edifício N.º 25-2.º andar Aeroporto de Lisboa. Inscrições permanentes. Cursos Periódicos.

Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES



Martin Bormann, um criminoso de guerra que desapareceu misteriosamente em 1945

A história incrível da morte de Martin Bormann acaba de ser contada por Ronald Gray que afirma tê-lo morto na noite de 21 de Março de 1946. Gray hoje um homem de negócios, saiu do exército pouco depois da data em que diz ter morto Bormann e serviu sucessivamente nos Serviços Secre-

1

EU MATEI MARTIN BORMANN

tos Ingleses e na Coreia até que foi integrado nos Serviços de Investigação Criminal do Almirantado Britânico. Vale a pena mencionar que em 1943 o executor de Bormann foi citado oficialmente pelos serviços distintos que prestou ao longo da sua carreira.

Segundo Gray, o celebre nazi Martin Bormann foi morto numa noite fria e luarenta de Março e o seu corpo encontra-se no Fjord de Flensburg, junto à fronteira germano-dinamarquesa. Membros da organização Die Spinne (a aranha), agudavam Bormann na Dinamarca e Gray, a quem tinham oferecido 3000 libras para o encontrar, perseguiu-o activamente. A história desta perseguição terminou com uma batalha nocturna que não respondeu a uma série de perguntas:

— Porque é que um soldado britânico, membro dos Serviços Secretos do seu exército aceitou um prémio para perseguir um criminoso célebre?

— Porque é que esta história nunca chegou ao conhecimento do público?

— Porque é que tudo se tem feito para impedir que Gray a contasse?

«Exclusivo» apresenta hoje a versão de Gray que pode vir a contribuir para o esclarecimento do mistério que rodeia a morte de Bormann.

Uma «ten-ager» loira de aspecto esfo-meado chamada Ursula Schmidt, sentou-se à mesa dum pequeno café da cidade de Portuária de Flensburg. Esta rapariga estava destinada a desempenhar um papel preponderante no evoluir dos acontecimentos que levaram à morte de Martin Bormann embora, nessa altura, nem ela, nem eu o soubéssemos.

Eu servia então na 33.ª Brigada da Armada, e por falar alemão fluentemente, fora incumbido de manter a ordem na região e, sobretudo, de «caçar» nazis perseguidos pelas autoridades.

O ambiente não era propício à minha missão.

Milhares de soldados alemães tentavam,



O Café onde Ronald Gray conheceu Ursula Schmidt

muitas vezes em vão, voltar a casa e reconstituir uma vida destruída pela guerra.

«Escravos» de todas as nacionalidades vagueavam na região, perdidos e esfomeados, incendiando casas, matando e destruindo por vingança ou por necessidade de sobreviver.

Nazis procurados pela Polícia tentavam desesperadamente atravessar uma fronteira bem vigiada e bem guardada. Para agravar estas circunstâncias, actuava na região uma organização dirigida por Otto Skorzeny que tinha por objectivo facilitar a fuga dos antigos nazis de maior nomeada.

Valerá a pena mencionar que o único negócio florescente da cidade era o mercado negro? Centralizado no cemitério local, o mercado negro prosperava à custa de trocas de «souvenirs» bélicos por cobertores, pão e cigarros. Bastava um soldado alemão penetrar no cemitério para que surgissem soldados aliados desejosos de adquirir baionetas, armas, cruzes gamadas e outros «adereços» bélicos.

Na sua grande maioria os habitantes de Flensburg morriam lentamente à fome e sobreviviam com dificuldade num clima hoje difícil de entender. Um dos meus grandes problemas era o de impedir que os jovens nazis da região perseguissem as mulheres que confraternizavam com os soldados aliados e foi precisamente o desejo de descobrir a sede desta juventude ludibriada pelo nazismo, que me levou a entrar no café onde se encontrava Ursula Schmidt e a oferecer-lhe uma bebida.

Ursula, segundo vim a descobrir, vivia com o pai, a mãe e um irmão num campo de refugiados situado no número 41 de Bismark Strasse. A sua família, que perdera a casa durante a invasão russa, viera de Breslau em busca de trabalho e de estabilidade e Ursula era incontestavelmente uma antinazi em quem eu podia confiar. A prova de que não me enganara, é que dias depois de a conhecer, disse-me que os jovens nazis tinham a sua sede num navio fundeado no porto e que tentavam raptar e deter, a título de exemplo, raparigas que se davam com os aliados.

Graças a esta informação consegui prender vários jovens.

Em Fevereiro de 1946, um mês frio e gelado que não voltarei a esquecer, visitei a família de Ursula que vivia num barracão de madeira, compartilhado com três famílias de refugiados. Não exagerei ao afirmar que passavam fome. Ursula tinha dois vestidos e um casaco feito dum cobertor velho. Se ela falasse inglês, eu ter-lhe-ia obtido um emprego, mas apenas falava alemão.

No decorrer das nossas relações, ela soube que eu ia duas vezes por semana à Dinamarca a fim de obter provisões para o clube de oficiais aliados, então instalado no Totel Beeckmayer. Estas minhas visitas semanais à vila de Glaaston, facilitavam-me a missão e Ronald Grundy, um capitão que me acompanhava, não tinha a menor ideia de que eu pertencia aos Serviços Secretos.

Pouco tempo depois de Ursula tomar conhecimento destas minhas deslocações, disse-me que uma mulher chamada Slawinsky lhe pedira para me fazer uma proposta. Que pretendia ela? Que eu levasse um seu parente alemão para a Dinamarca. Não atribuí grande importância a este pedido, porque não havia então um só alemão que não desejasse sair do seu país para se fixar num outro onde houvesse comida e trabalho.

Duas semanas mais tarde, a mãe de Ursula, disse-lhe para ir falar com um homem que estava no quarto da tal Slawinsky e recomendou-lhe muito nervosa, que o tratasse com toda a deferência. «Entre e ele começou logo a falar no tal parente que queria ir para a Dinamarca, mas não me pediu para tratar do assunto — ordenou-me que o fizesse. Quando me irritei com o seu tom autoritário, mudou de tática e implorou-me que lhe pedisse este favor afirmando-me de que ninguém correria qualquer risco. O tom deste homem alertou-me e convenceu-me que o tal parente era uma pessoa importante, quem sabe se um criminoso de guerra».

Ouvi o relato de Ursula com interesse e admiti a hipótese de me aproveitar deste

MARTIN LUDWIG BORMANN (1900-1946?)

Chefe nazi alemão que tendo sido assistente de Rudolf Hess, herdou o seu cargo quando ele fugiu para a Escócia em 1941. O poder de Bormann foi aumentando durante a guerra à medida que ele se identificava cada vez mais com a política de Hitler nomeadamente no que se refere à tese da «guerra total». Tendo conseguido afastar Hermann Goering e Heinrich Himmler do círculo das pessoas intimas do fuhrer, apoiou activamente o ministro da propaganda Joseph Paul Goebbels e esteve junto de Hitler durante a célebre semana de Abril de 1945. Nomeado, juntamente com Goebbels, membro do governo do almirante Karl Doenitz, optou pela fuga depois da morte de Hitler sem que, até agora, se saiba ao certo o que lhe aconteceu. Afirma-se, periodicamente, que Bormann vive no Brasil, na Bolívia, no Chile e noutros países da América Latina. Ronald Gray é a primeira pessoa que afirma tê-lo morto, motivo porque a série de três arti-

RONALD GRAY (1923-)

Actualmente um respeitável comerciante, Gray serviu na 33.ª Brigada Armada do Exército britânico durante a Segunda Guerra Mundial com a especial incumbência de manter a ordem na região fronteiriça de Flensburg. Desmobilizado, foi integrado no Intelligence Service em 1948 e serviu com as forças das Nações Unidas na Coreia. Mais tarde foi integrado nos serviços de investigação criminal do Almirantado e foi mencionado por «Serviços Distintos» em 1953. O passado de Gray permite que se atribua às suas afirmações um carácter de veracidade que nem sempre tem acompanhado os relatos das pessoas que dizem ter visto Bormann na América Latina.

Estará, finalmente, resolvido o mistério do desaparecimento deste célebre ci-gos que hoje começamos a publicar tem um interesse muito especial. minoso de guerra?



Ronald Gray, o agente britânico que afirmou ter morto Bormann

Por RONALD GRAY

LONDRES



BORMANN



Ursula Schmidt, uma peça importante do processo que levou Ronald Gray a contactar Martin Bormann

homem para apanhar a rede da organização Dio Spinne que já conseguira fazer sair da Alemanha mais de 500 criminosos de guerra. Tive sorte: uma noite, ao aproximar-me do clube dos oficiais, fui contactado por um homem, que reconheci imediatamente pela descrição de Ursula.

Tratava-se dum homem dos seus 45 anos de idade, com todo o ar de estar habituado a dar ordens e não obedecer.

Disse-me que ia a caminho do café Roxy, paradeiro de criminosos, de comerciantes de drogas e de membros de organizações subversivas e ele, caminhando ao meu lado, ofereceu-me 3000 libras para conseguir que o seu célebre «parente» atravessasse a fronteira. Não me quis mostrar muito interessado, apesar de o estar, e disse-lhe que precisava de tempo para pensar no assunto. Mostrou-se agitado e exigiu uma resposta imediata, afirmando que as minhas viagens semanais à Dinamarca eram do seu conhecimento e que se o fugitivo me denunciasse ninguém acreditaria nele.

Isto poderá causar espanto aos leitores deste relato, mas a verdade é que nessa altura muitos dos componentes das forças da ocupação — de funcionários administrativos importantes a humildes oficiais do exército — «fechavam os olhos» a casos de fugas e muitos tratavam de aumentar os seus proventos organizando-as ou contribuindo para as mesmas. Tudo o que entrasse nos nossos bolsos vindo dos bolsos deles era considerado como espólio mais ou menos justificado e as autoridades «faziam que não viam». Devo acrescentar que eu tinha outra razão para querer tratar deste assunto sem informar os meus superiores. É que já me acontecera estar na fase final duma longa e penosa investigação para ver os meus chefes interferirem no momento definitivo a fim de se pavonearem com a glória do meu trabalho... Acresce que aguardava a desmobilização daí a uma semana e que esta era a minha última oportunidade de «fazer nome».

Pensando em tudo isto, disse ao meu contacto que aceitava a proposta e ele afirmou-me, no tom autoritário do nazi ha-

bituado a ser obedecido, que a partir daquele momento eu ia ser vigiado e que se «abrisse a boca» não voltaria a ser contactado.

Devo esclarecer que sempre amara o perigo e que sempre conseguia sair das aventuras em que me metia sem grandes inconvenientes. Nunca saía, por exemplo, sem uma «Colt 45» carregada e uma «Sten» com 25 balas — levava a «Colt» dentro da camisa, junto ao peito, e a «Sten» no chão do «Austin» utilitário que me fora distribuído. Qualquer passagem que eu transportasse, vendo a «Sten», chegaria à conclusão de que não tinha outra arma, o que só tinha vantagens para mim. É claro que se o criminoso que pretendia escapar fosse um criminoso importante, eu dificilmente voltaria vivo da Dinamarca mas, apesar de o saber, confiava em mim: esperava não só escapar com vida mas também prender o criminoso e todos os seus cúmplices do lado de lá da fronteira. É claro que o dinheiro também me seduzia, já que contava receber as três mil libras prometidas pelo transporte do fugitivo.

Tomada a decisão, dediquei-me à questão de saber o que devia fazer para escapar aos três «controles» policiais da fronteira: o da Polícia Militar Inglesa, o da Polícia e da alfandega dinamarquesa e o da Polícia alemã. O «controle» mais perigoso era o da Polícia Militar inglesa, já que os outros raramente interferiam na vida dos ocupantes dos carros do exército inglês. As minhas viagens à Dinamarca tinham-me familiarizado com o pessoal dos «controles» a quem eu geralmente oferecia cigarros e bolos comprados na Dinamarca, o que os levava a tomarem a fiscalização do meu «Austin» como uma mera formalidade sem grande interesse. Geralmente, o capitão Grundy e eu partíamos de Flensburg por volta das 11 da manhã e seguíamos pela estrada de Sonderborg até Graaston, onde adquiriríamos as nossas provisões numa pequena loja. Depois de bebermos dois ou três «Dom Lous» — uma bebida dinamarquesa fortíssima que ambos apreciávamos — voltávamos à base e foi precisamente ao recuperar duma sessão de «Dom Lous» que formulei o plano de fuga para o prisioneiro. O processo ideal seria, certamente, o de o obrigar a envergarmos um uniforme inglês. O pior é que o tempo estava a passar e que a data da minha saída da tropa aproximava-se a olhos vistos. Finalmente fui contactado outra vez. Encontrava-me no Roxy quando ele se aproximou e a nossa conversa foi curta.

— Quinta-feira.

— A que horas?

— Às onze da noite.

— Onde é que vou ter com ele ou ele comigo?

— Vou-lhe mostrar o local do encontro.

Saimos e caminhamos ao longo do molhe do porto até chegarmos à estrada que leva à fronteira da Dinamarca. Detivemo-nos junto a uma ponte do caminho-de-ferro. O local era escuro mas aberto e ninguém se poderia aproximar sem que dessemos por isso, o que me levou a ficar duplamente satisfeito, já que confirmava a minha opinião de que se tratava dum assunto que um só homem podia resolver mas que uma organização estaria destinada a baralhar. Perguntei-lhe:

— E o dinheiro?

— Assim que entregar o meu parente aos seus amigos dinamarqueses, recebe o dinheiro.

Esta resposta confirmou, mais uma vez o que eu pensava: havia muita gente envolvida nesta fuga.

Voltou a pôr-se o problema do uniforme: para que ele fugisse, eu precisava dum uniforme e só o capitão Grundy o poderia fornecer. Mais: eu teria de o esconder no «Austin», o que seria francamente difícil.

Na quinta-feira, 21 de Março, à hora de almoço, quando o capitão Grundy foi para a messe dos oficiais, roubei-lhe um boné e um casaco do armário, mas não consegui arranjar calças. Escondi o dólman debaixo do assento do condutor do «Austin», o boné debaixo duma lona e comecei a sofrer. O dia foi dos mais longos da minha vida. Às dez da manhã fui, a pé, até ao local onde guardávamos os carros e disse ao guarda que ia precisar do «Austin» por volta das duas. Fazia um frio terrível e o solo estava coberto de neve. Um minuto antes das onze cheguei ao local escolhido e apaguei as luzes do carro. Não se via ninguém, mas às onze em ponto alguém abriu a porta do carro e um vulto sentou-se ao meu lado. A luz não me permitia ver de quem se tratava, mas tendo lido e estudado as circulares distribuídas a todos os soldados aliados, percebi que podia ser Martin Bormann.

Seguimos direito à fronteira sem que ele abrisse a boca, mas quando parei a cerca de 800 metros da fronteira, perguntou-me:

— Porque é que você parou?

Expliquei-lhe que ele tinha de envergarmos o uniforme e ele não discutiu — passou-me o casaco que trazia e percebi, tanto pelo peso, como pelo ruído que ele fez ao cair no chão, que um dos bolsos continha uma pistola. Um alemão que transportasse uma pistola arriscava-se a ser fuzilado e só um homem verdadeiramente desesperado correria esse risco. O casaco e o boné do uniforme eram, aliás, pequenos de mais para ele e apesar da gravidade da situação, larguei a rir. Olhou para mim como se eu tivesse endoidecido.

A situação era realmente cómica: um soldado britânico preparando-se para auxiliar a fugir um criminoso de guerra ridiculamente vestido!

O fugitivo ordenou-me que seguisse e atingimos a fronteira às onze e vinte.

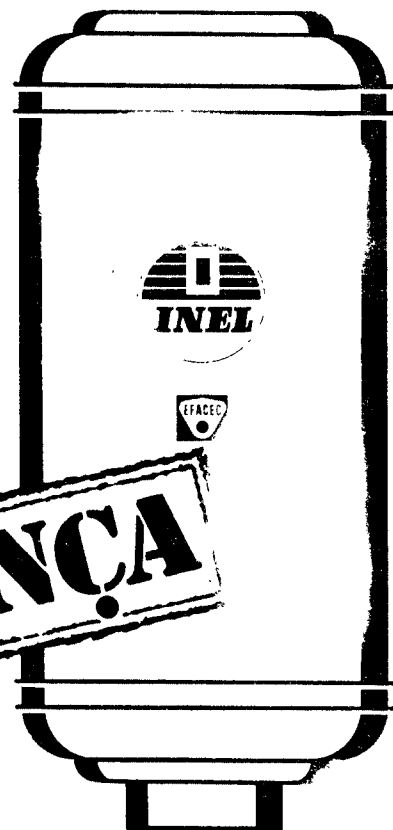
NO PRÓXIMO «EXCLUSIVO»:

2 — COMO E ONDE MATEI BORMANN

água quente

SEMPRE À SUA DISPOSIÇÃO

SEGURANÇA



TERMOACUVIDORES



EFACEC

Distribuidores gerais:

EFACEC, Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas, sarl

- Basta abrir a torneira
- O sistema mais perfeito de aquecimento de água
- Independência do abastecimento de combustíveis
- Sem perigo de intoxicações

AUTOMÓVEIS

NOVOS MODELOS



VAUXHALL VIVA 1100/90/1600

PEQUENOS RETOQUES

Por PHILIPPE TOUSSAINT

QUANDO a Vauxhall anunciou um novo Viva, todos esperavam ver o pequeno carro britânico do grupo GM transformado nos seus elementos básicos de concepção. O Viva teria merecido esta alteração radical, pois é preciso confessar que, fora da Grã-Bretanha, ele nunca obteve o sucesso e, em todo o caso, nunca se mostrou capaz de rivalizar com o Opel Kadett ou o Ford Escort. Assim, ficámos muito desapontados ao verificar que o novo modelo para 71 apenas recebera pequenos retoques. Efectivamente, as características básicas não sofreram alteração.

CARRO AMERICANO DA EUROPA

As linhas são novas, muito embora lembrem as do antigo modelo. As dimensões, porém, foram alteradas. A base ganhou 2,5 cm, a distância entre rodas 3,8 cm, o comprimento 2,5 cm e a largura 3,8. Quanto ao mais, o novo desenho da carroçaria foi calculado para dar ao carro um aspecto bastante sedutor, tendo-se à primeira vista a impressão de que se está na presença de uma berlinda de maiores dimensões que anteriormente. A Vauxhall anuncia, aliás, um habitáculo mais espaçoso (ganho de 6,3 cm à altura das espaldas) e sobretudo uma caixa enorme (561 litros). Em resumo, tornou-se tipicamente um peque-

no carro americano da Europa. O «Break» surge, em contrapartida, mais melhorado sob o aspecto estético.

O arranjo interior sofreu ligeiras modificações. Parece ter sido feito um esforço quanto à qualidade dos diversos forros, enquanto que no painel se podem ver verdadeiros instrumentos (termómetro de água e manómetro de óleo), o que é uma vantagem em relação às lâmpadas, que nos previnem demasiado tarde. O sistema de aquecimento e de ventilação foi igualmente revisto, sendo nomeadamente de notar a existência de aberturas para a saída do ar na retaguarda e a possibilidade de projectar uma corrente de ar sobre o óculo traseiro para o desembaçar.

Como é evidente, a segurança foi objecto da maior atenção (a frase tornou-se clássica em todos os comentários de imprensa sobre os carros americanos. Tem-se, na verdade, a impressão de que Nader lhes ofereceu um novo «slogan»). Estes elementos de segurança são, certamente, passivos (o que se torna muito difícil de verificar por um jornalista) e chamam-se carroçaria com absorção de energia, rigidez das portas, reforço dos painéis laterais, camba de volante bem projectada, espaldar dos assentos estofado, tudo isso na previsão de um impacto.

No aspecto mecânico, as modificações são mais dis-

cretas. Pode-se dispor de três motores. Em primeiro lugar, o quatro cilindros 1159 cc de base cuja potência para 1971 passou de 57 a 59 cavalos SAE (l), graças ao aumento do tamanho das válvulas de admissão e a um colectador de escape duplo. Vem em seguida a versão 90 com o 1159 cc de carburador maior, e cuja potência para 71 foi aumentada até 72 cavalos SAE. Finalmente, o motor 1600 cc com árvore de dentes à cabeça, e os seus 83 cavalos SAE, fecha a gama. Não nos foram fornecidos quaisquer detalhes relativamente ao Viva GT (com o motor 2 litros do VX4/90). A lubrificação destes motores foi melhorada, e os motores 1159 cc são dotados de uma nova embraiagem de molas em diafragma dum diâmetro de 165 mm. Por outro lado, as suspensões dianteiras estão dotadas de amortecedores melhor calibrados e de novos elementos revestidos de borracha. Por fim, as cambas de 12 polegadas de diâmetro foram substituídas por cambas de 13 polegadas.

NA ESTRADA

Tivemos a oportunidade de conduzir as três versões do novo Viva nos arredores de Genebra. Falemos, primeiramente, do motor. A versão 1100 não nos agradou francamente. O motor revela-se muito fraco e barulhento. Numa subida, o Viva 1100 proporciona resultados que se



O novo Vauxhall

considerariam aceitáveis num carro de menos de 850 cc. A disposição da caixa foi verdadeiramente mal prevista, com uma segunda demasiado curta e uma quarta demasiadamente longa. Nota-se, igualmente, que a caixa continua a fazer ouvir os mesmos queixumes que antigamente. Será assim tão difícil conseguir uma caixa silenciosa?

A versão 90 revela-se já mais potente e mais agradável. Nas acelerações e nas mudanças, o carro responde muito melhor e a sensação de lentidão que se experimenta ao volante do 1100 normal atenua-se. Todavia, os resultados continuam médios para um 1100 cc anunciado com 72 cavalos SAE. Também nesta versão, a disposição da caixa deixava a desejar, o mesmo acontecendo no aspecto do ruído. É pena, porque, quanto ao resto,

esta caixa está maravilhosamente bem sincronizada, permitindo mudanças de velocidade perfeitas em precisão e rapidez. A pequena alavanca situada no chão é agradável de manipular, e talvez apenas a terceira velocidade se encontre um tudo nada demasiadamente à frente.

O modelo 1600 proporciona resultados válidos, mas se nos lembrarmos que estamos na presença de um 1600 cc, somos tentados a afirmar que o 1600 funciona como o deveria fazer o 1100 «90». As ultrapassagens, mudanças e acelerações não oferecem praticamente problemas. Por vezes, a carburação revela-se irregular. A disposição da caixa está mais bem prevista, mas o ruído continua a fazer-se ouvir. Também o motor tem tendência a mostrar-se barulhento, mas, no conjunto, o nível sonoro é aceitável.

Quanto ao comportamento em estrada, dissemos mal do 1100, começámos a apreciar o 90 e ficámos plenamente satisfeitos com o 1600. Todavia, os três carros possuem as mesmas suspensões e, em princípio, a gradação deveria ter sido feita em sentido inverso, com o aumento de potência. De facto, há uma resposta para este pequeno mistério: o 1100 estava equipado com «Avon» convencionais, o «90» com «Goodyear G 800» radiais e o 1600 com «Michelin ZX». Como se vê, o facto de se optar por determinado tipo de pneu tem muita importância. Numa boa estrada, a deslocação do eixo rígido faz-se progressivamente, ao passo que, num revestimento mau, os movimentos são mais bruscos. Quanto ao aspecto do conforto notámos certo progresso. Assim, já não fomos surpreendidos com solavancos que se notavam outrora à frente, mas também aqui não convém dar uma opinião definitiva antes de se ter conduzido o carro sobre um empedrado.

A direcção deveria possuir mais precisão e o volante deveria ser colocado mais no eixo do condutor. Os travões não merecem qualquer crítica, tanto sob o aspecto de eficácia, como sob o da resistência. O acabamento interior é particularmente cuidado e muito atraente. O proprietário de um destes carros tem a impressão de possuir um carro de luxo e se esse certamente um dos argumentos comerciais mais utilizados. No conjunto, o Vauxhall Viva soufreu, portanto, alguns retoques. Aguardavam-se mais transformações, que seriam necessárias para lançar de novo a marca britânica no Continente, onde a sua filial-irmã Opel a suplantou muito nitidamente.

POLI-GRIP e a minha «maquillage»

Poli-grip faz parte da minha «maquillage». Escolher a cor certa de um baton ou usar um bom perfume não basta para me dar um perfeito à vontade. Só Poli-grip me dá esse à vontade. Pondo um pouco de Poli-grip na minha dentadura postiça, logo pela manhã, ela conserva-se impecavelmente no seu lugar durante todo o dia. Posso comer o que me apetece, rir, beber... numa palavra: «viver». Sinto-me como nunca. Se, como eu, usa dentadura postiça, sentirá que a sua «maquillage» só ficará completa usando Poli-grip.



Peça Poli-grip na sua farmácia habitual.

ESQUENTADORES

DAS MELHORES MARCAS

DESDE

1.300\$00

COM MONTAGEM A CROMADOS INCLUIDA

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA

Avenida 5 de Outubro, 53-C — Tel. 47769

Largo de D. Estefânia, 12-D — Tel. 534536

CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

PARIS



MULHER MÍTICA E MULHERES REAIS

Por FRANÇOISE REISS



O racismo — sabemo-lo agora — não se limita à cor da pele ou à origem étnica. Graça também entre os dois sexos. Para os psicanalistas, actua mesmo dentro de cada um de nós.

Por outro lado, há outras formas de opressão, além da opressão do dinheiro. Os grupos minoritários ou fracos bem o sabem — e, adentro desses grupos, as mulheres também.

A denúncia e a análise destas situações levam às tomadas de consciência, que são o útil resultado da investigação moderna. Pierre Fauchery, ao estudar para a sua tese de doutoramento em Letras, o destino feminino no romance francês e europeu do século XVIII, traz um importante contributo, não só para o conhecimento da mulher, de há 200 anos, mas também para o da mulher de hoje, e dos problemas do casal, e, consequentemente, o do homem.

É certo que desde Pamela (2), Manon ou Júlia o destino feminino (no plano do mito romanesco) e a sua condição (na realidade) se modificaram, aparentemente e se transformaram mesmo. Talvez não tanto como se é inclinado a crer, já que toda a obra de Simone de Beauvoir tende a libertar a mulher, pela revolta, do constrangimento em que vem sendo mantida há séculos, já que Suzanne Lilar, pertinente crítica da autora de *O Segundo Sexo*, evoca em *O mal-entendido de o segundo sexo* (3).

«Esta situação imposta às mulheres num mundo orientado e regido pelos homens», afirmando também: «Na realidade, não é possível — e de qualquer modo, falar-se-ia sempre de situação — negar que o sexo constitui um destino.» Eis-nos próximos dos romances do século XVIII, no qual «o destino das mulheres», segundo Pierre Fauchery, «não seria, atinal de contas, mais que a protecção hipostática da vontade colectiva (masculina, no seu princípio) — mistificada ou tutelar, consoante a visão — concordante em afirmar o sexo numa posição lisonjeiramente subalterna».

Pierre Fauchery não deixou de radicar as sobrevivências (nos séculos XIX e XX)

dos mitos que ele descreveu para o século XVIII.

«Nos romances populares a secretária tomou o lugar da Chambermaid: mas a relação fundamental é idêntica. Ainda que a virgindade não se ponha já como um absoluto... as características da mulher ideal correspondem, nas suas grandes linhas, às da eterna virgem. E, do mesmo modo, os temas gerais da alienação da mulher e da segregação dos sexos — subordinação, recuperação pela astúcia, desvio dialéctico da traqueza que se faz acto de domínio, revolta condicional — persistem perfeitamente legíveis



Simone de Beauvoir

sob as vestes modernas. Quanto aos tipos da feminilidade negativa, os da «vamp» da «devoradora de homens», também só superficialmente se afastam dos arquétipos fixados pela divagação sonhadora de há dois séculos».

Reencontramos nesta descrição o récit feminino da «Imprensa do coração» à qual Claude Charol consagrou, há 2 anos, numa tese de terceiro ciclo de método estruturalista (4).

Entre os temas principais dos romances do século XVIII, Pierre Fauchery põe em evidência dois tipos de mulheres: submissas ou revoltadas, vítimas — votadas às piores desventuras, cuja única consolação são as torrentes de lágrimas em que se desfazem na companhia das suas semelhantes; ou mulheres livres, aventureiras, igualmente votadas a um fim lamentável (trememo-nos da varíola da senhora de Merteuil).

De facto, o romance tem várias funções. A nível médio, serve de exortório às aspirações recalçadas, à insatisfação. Projectação do real vivido e busca de soluções imaginárias, é tanto mais apreciado quanto é certo que se resente das modas e da sensibilidade do grupo. Daí a poucos decénios, torna-se ilegível. A nível superior, os mesmos elementos, combinados com a profundidade e a perfeição do génio, propõem uma educação sentimental e situam a condição do casal numa época. Laurent Versini demonstrou-o em *Laclos et la tradition* (5) e Pierre Fauchery define o romance como a «odisseia da consciência sexual».

A passividade excessiva a que estão reduzidas as mulheres dos romances do século XVIII permite compreender a extraordinária presença de Sade antes mesmo da publicação das obras do «divino» Marquês: Pierre Fauchery mostrou-o com vigor, designando Richardson como precursor do autor de *Justine*. Como poderia deixar de ser assim num tempo, em que, obrigada (salvo raras excepções) a reprimir dentro de si todo o impulso de libertação, a mulher — vítima não poderia deixar de ser completada pelo homem-carrasco. D. Juan ou Sade?

Quanto ao homem, confinado no seu papel de sedutor, aproveita a ocasião, como o autor de romance, de explorar os aspectos femininos do seu ser. Sade está convencido de que a leitura dos seus livros é salutar para as mulheres: pintando-lhes os horrores e os perigos do vício, afasta-as dele. «Fiz os meus heróis que seguem a carreira do vício de tal modo apavorantes que não respirarão, decerto, nem piedade, nem amor; nisso — ousa

dizê-lo — sou mais moral que aqueles que se julgam autorizados a embelezá-los.» (6)

Neste sentido, Sade terá feito talvez mais pela libertação da mulher — diz-nos Pierre Fauchery — que Mme. de Staël, cheia de complexos, apesar da sua ousadia, e que (sendo embora uma mulher superior) «representa a última palavra do masoquismo feminino na sua assunção pecaminosa dos valores viris...» Imolando Corinne, encerra novamente o seu sexo na gaiola, onde vão agonizar nobremente as grandes almas femininas do século que começa, desde «A noiva de Lamermermoor» à Alisa da *Porta Estreita*, desde Henriette de Mortsauf a Nastasia Filipovna.

E no casal actual, qual a posição da mulher? Pierre Fauchery responde-nos: «Se o homem lhe contesta surdamente o exercício da igualdade que em teoria lhe concede ela própria hesita também em abandonar completamente os privilégios da «minoría»: Compraz-se num estado pré-adulto».

Deverá isto dizer que o seu parceiro masculino está mais avançado que ela em matéria de equilíbrio psíquico? Não sensivelmente, pois o nosso autor vê no «play-boy» dos nossos dias o herdeiro de Lovelace. Não será provavelmente nos mitos romanescos, antigos ou modernos, que deveremos procurar a chave da relação desejável entre dois seres semelhantes e diferentes

1 — Juri: srs. Dédéyan, Mayoux, Lambert, Brunel, Mengon «distinto» por unanimidade, com felicitações. Exemplar dactilografado: 1076 páginas.

2 — *Pamela ou a virtude recompensada*, por Samuel Richardson, em tradução do Abade Prévoet. Ed. Ducros, Bordéus, 1970.

3 — P. U. F., 1970.

4 — Exemplares dactilografados.

5 — Ed. Klincksieck, ver *Le Monde*, de 24/8/1968.

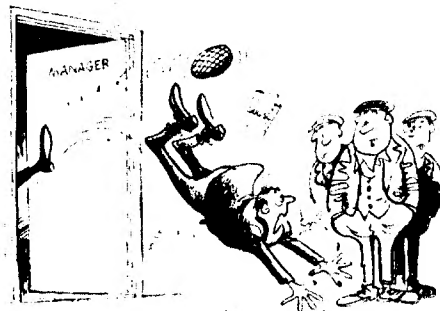
6 — Sade, *Idée sur les romans*, Ed. Ducros, Bordéus, 1970.

A NOVA EUROPA DA ABUNDÂNCIA

Por THELWELL



PUNCH



Fartei-me de trabalhar para ele se formar e vejam como ele me trata!



Cuidado com a língua — olha que eu não sou o teu patrão!



Se ele a ama de verdade, que importância tem que seja um burocrata?



Só lhe peço uma coisa, patrão: que não diga lá na fábrica que fui eu quem o salvou...

E. U. A.



JOHN DOS PASSOS: DO SOCIALISMO A BARRY GOLDWATER

Por ALAIN BOSQUET

QUANDO Setembro morria, morria John Dos Passos, o grande escritor americano de entre duas guerras.

John Roderigo Dos Passos nasceu em 1896, em Chicago, num meio burguês e numa família marcada pelo espírito de aventura. A mãe nascera na Virgínia: o pai, de origem portuguesa participara, ainda adolescente, na guerra civil. Era o tipo do «self-made-man». Advogado que era, pro-

porcionou a John Roderigo uma infância tranquila que terminaria em 1912 entre os muros de Harvard. Dos Passos na Universidade faz parte de um grupo de jovens estetas. Publicava poemas, romances, críticas. Depois de sair de Harvard, estudou arquitectura em Espanha. Mas sobrevem a guerra. Alista-se nos serviços de ambulância de Norton-Harjes. A guerra atira com ele para uma outra margem, como fez a Hemingway.

OS HERÓIS DO FRACASSO

Finda a guerra. Dos Passos viverá a inquietação viajante da «ge-



Goldwater

ração perdida». Viajará em Espanha, no México em Paris, onde será recebido no famoso clan de Gertrude Stein: Dos Passos contou os seus «loucos anos» em *The best Time*.

Logo a partir dos pri-

meiros romances, Dos Passos denuncia a barbárie da sociedade moderna, a sociedade americana que esmaga o indivíduo. O esteta tornou-se um desesperado, os seus heróis estão votados ao fracas-



Extremidade de direita — A campanha de Dos Passos, em vida

so, à autoperdição, como os de Hemingway. Em 1920 relata, na *Iniciação de um Homem*, a sua experiência de guerra. É o romance da desilusão. Em 1921 no romance «Os três Soldados» trata o conflito entre o indivíduo e a sociedade capitalista.

Do seu desespero para Dos Passos um motivo de compromisso. Quer mudar a face da sociedade.

Milita nas hostes do socialismo. Em 1925, faz no *Manhattan Transfer*

uma violenta crítica à América naquela forma impessoal e «objectiva» que o fará ser reconhecido por Jean-Paul Sartre como «o maior escritor do nosso tempo». Seguidamente, participa com paixão na questão Sacco-Vanzetti. A sua atitude evoca a de Zola na questão Dreyfus. Em 1927 o seu requizatório intitulado «Face à cadeira eléctrica» denuncia a sociedade repressiva. Será preso numa manifestação de rua. Nos meses que se seguem, Dos Passos faz uma viagem à U.R.S.S. onde se encontra com Pudovkine e Einstein.

De regresso a Nova Iorque, no ano de 1929, John Dos Passos lança ombros à sua gigantesca obra literária, ao mesmo tempo que prossegue na actividade de jornalista comprometida que o levou a tomar a defesa dos mineiros em greve e dos presos políticos.

Durante a segunda guerra mundial será correspondente de imprensa. O fim da guerra marca o início de uma reviravolta política, desvanecida que foi a sua esperança no socialismo. A sua obra de então traz o estigma dessa desilusão, ao mesmo tempo que cessam as pesquisas de expressão literária. John Dos Passos vai situar-se francamente à direita. Em 1964 apoia a campanha eleitoral de Goldwater e declara-se defensor da Guerra no Vietname. Na sua casa de Westmoreland, na Virgínia, inicia uma História dos Estados Unidos.

CIMA-COMPANHIA INDUSTRIAL DE MADEIRAS AFRICANAS (SARL)

ALHANDRA - Telef. 25 02 02 e 25 02 66

COMUNICADO

Tendo organizado os serviços respectivos a CIMA comunica que passou a vender também directamente aos clientes os seus **CONTRAPLACADOS-LAMELADOS-FOLHAS** das conceituadas marcas **SEVERO** e **PLAMUREX**, com descontos de revenda.

CONSULTE DIRECTAMENTE A FÁBRICA



Fabricado por uma das mais importantes e conceituadas fábricas do Mundo, o Esmalte Celulósico DUCO oferece-lhe a garantia de qualidade da



AGENTES GERAIS
Bethencourt Bros., Ltd.
Rue da Cruz Vermelha, 11-B e D
Telefs. 76 14 49 - 76 15 84 - 76 15 85
Lisboa-4

Sória, Limitada
R. Sá da Bandeira, 214-216
Telefs. 2 35 08 - 2 47 05 - Porto

© MARCA REGISTRADA

RIO DE JANEIRO



8 ANOS DE «CARTAS DO BRASIL»

Por CHIANCA DE GARCIA

ESTOU escrevendo no domingo, 4 de Outubro de 1970. Pois é. Há oito anos, precisamente no domingo 4 de Outubro de 1962, era publicada neste nosso «Diário de Lisboa» a primeira CARTA DO BRASIL. Não trazia o nome do autor, pois este se escondia por detrás de um pseudónimo.

Semanas depois, Norberto Lopes, meu velho e querido companheiro, que dirigia, então, este vespertino de tantas e gloriosas tradições, entre as quais as do seu amor pelo Brasil, tirava-me a máscara dizendo aos leitores: — ...ora a verdade é que João da Guanabara não é outro senão Chianca de Garcia (a quem elogiava com boa vontade e optimismo, garantindo a partir daquele dia uma colaboração regular e semanal).

A PRIMEIRA CARTA
EM 4/OUTUBRO/1962

Cartas do Brasil

TEMPO DE ELEIÇÕES

No Brasil não houve eleições durante muitos anos. Quando voltaram, vieram com certa dignidade. Mas agora, neste terceiro período eleitoral, o ambiente está pesado. Os candidatos digladiam-se entre insultos. Não é uma campanha de partidos, nem de ideias, nem de problemas. É uma luta de interesses. Naturalmente, o que estaria certo era os partidos, defendendo os seus programas, apresentarem, em conjunto, os seus candidatos. Mas não, no Brasil os candidatos defendem-se individualmente, vendendo os seus elixires ao sabor da clientela. Um afirma: «Eu vou dar a lei ao diábolio!» — «Vou acabar com a inflação», berra outro. «Vou impor a reforma agrária!», grita demagogicamente um terceiro. Isto em mil candidatos! No fim, os que forem eleitos, formarão apenas um aglomerado de caprichos. Dizia Machado de Assis que o homem é uma «errata pensante». Nós poderemos dizer que os futuros parlamentares serão apenas «erratas le-niscentes».

CLIENTELAS

Os candidatos às eleições procuram interessar, nas suas campanhas, aglomerados humanos que se possam transformar em votos. Um deles estabeleceu o seguinte programa: Mais liberdade para os presos! Clubes desportivos para os presos! Teatro diariamente para os presos! Boas refeições para os presos!

— Mas quem é que vai votar neste seu programa?, perguntou um jornalista.

Até o candidato sorriu: — Você sabe que nesta cidade estão encarcerados mais de sete mil homens. São, meu caro amigo, sete mil votos que garantem a minha eleição!

O pobre candidato não sabia que preso não vota.

DIGA ISSO COM FLORES!

O chefe da censura teatral do Rio de Janeiro resolveu interditar todos os textos onde haja palavras ou expressões que firam os bons costumes. Nada de palavrões! Nada de linguagem suja!

Logo surgiram na imprensa os mais vivos protestos alegando-se que, com tal critério, seriam proibidas as obras de Shakespeare, de Molière, de Gil Vicente e, por assim dizer, todo o teatro moderno. Mas o homem continua imperturbável!

— Só autorizo peça de teatro que possa ser lida em voz alta diante de minha mãe!

Conta Joracy Camargo que a um autor a quem interdito uma comédia o censor falou assim apontando a obra atirada com desprezo sobre a mesa:

— Aquilo é uma flor no lodo! Se quiser que eu aprove a sua peça, diga isso com flores, de retórica!

MERCADO COMUM

Até na Europa parece estar recebendo atenção de vários Governos uma tentativa de federação sob o título de Mercado Comum Europeu.

JOÃO GUANABARA

Sim, leitor, eu iniciava uma aventura a acrescentar às muitas outras que já vivera. Isto foi, repito no dia 4 de Outubro de 1962. E por mais espantoso que ainda hoje me pareça, aqui estou, no domingo 4 de Outubro de 1970, escrevendo para vocês, de novo, e mais uma vez, uma CARTA DO BRASIL...

Sim, amigos, oito anos. Oito anos onde a par de muita badalação tenho tentado embora com sorrisos, pôr em evidência o problema que cada vez considero mais essencial: — o da língua portuguesa; no que se refere à verdade da cultura lusitana no Brasil. Porque, sejamos francos, ou há uma cultura portuguesa, ou não há. Se há, cumpre a Portugal (e a ele exclusivamente) estudar a maneira de a tornar acessível ao Brasil sem o entrave dela própria. Isto é dos seus limites, das suas leis, da sua rotina, dos seus preconceitos, dos seus rigores, das muralhas da sua gramática e das imposições vindas dos sarcófagos dos velhos mestres (e não do povo) — que impõem mármore em vez de vida.

Brasil está neste momento, às voltas com um recenseamento que lhe dará cerca de noventa milhões de habitantes. O que não será, no entanto, daqui a trinta anos, quando chegar o tão decantado ano 2000? E nós? O que faremos até lá para que a nossa cultura seja entendida pelos brasileiros?

É Pascoal Carlos Magno, o meu amigo...

«PETIT À PETIT»...

Ontem, na quietude da biblioteca da Sociedade de Autores, onde arde um eterno incenso de bate-papos informais, conversavam dois escritores. Henrique Pongetti, autor de muitos livros e peças de teatro, — e Pascoal Carlos Magno, embaixador de boa elegância mental, grande incentivador da arte dramática e amigo de sempre dos artistas portugueses. Estavam discutindo a personalidade do falecido Gilberto Amado, que, por certo, e não os culpo por isso, Portugal desconhece. Dizia Pascoal:

— Era um sujeito admirável, mas tempestuoso e de uma enorme vaidade. Tinha no fundo, uma feroz antipatia pelo outro Gilberto, o Freire, desde que este publicara com grande êxito a Casa-Grande e Senzala. Os dois, na verdade, tinham ciúmes dos respectivos triunfos...

Então Pongetti contou que numa das últimas viagens em que Gilberto, embaixador do Brasil na O. N. U., viera ao Brasil, em férias, o tinha convidado para um jantar em petit-comité. Três casais e uma jovem de sociedade, especialmente chamada por ser bonita, — para ficar ao lado do escritor, pois ele, viúvo, não traria companhia...

Tudo corria no melhor dos mundos quando a moça, empolgada com o brilhante monólogo do escritor (ele dominava os auditórios) exclamou:

— Céus! Para mim, na literatura actual só há dois nomes, os dois Gilbertos...

— Já sei! Gritou Gilberto Amado, dando um murro na mesa que fez estremecer os cristais, — o outro é o Freire, não é? Pois você é muita burra, fique sabendo. Gilberto nas letras brasileiras há um só, e esse Gilberto sou eu!

E foi por ali fora arrasando a jovem que acabou saindo da mesa indignada e apavorada...

— Ele me tratava com o maior carinho, começou Pascoal. Elogiava os meus trabalhos. E um dia em que fui visitá-lo lembrou-se de me oferecer um dos seus volumes. Creio que a Chave de Salomão...

— Vou escrever um rascunho, disse-me.

— Rascunho, embaixador? Mas o mestre precisa escrever rascunho para uma simples dedicatória?

— E eu sei lá quem, no futuro, irá lê-la? Para mim tudo que escrevo tem de valer ouro.

Juro leitor, que não contaria esta história, não fosse o rumo que ela acabou por tomar. Porque logo, após, começaram falando daqueles escritores, sendo Gilber-

to um deles e dos últimos, que ainda escreviam com um sabor de língua portuguesa...

— Sim, hoje as duas línguas são completamente diferentes. É a construção. É o arranjo da frase. É a palavra. É o ritmo. É a ligeireza...

— Mesmo um Redol, um Fernando Namora, para nós são difíceis, concordava Pascoal. Olhe, sabe? O português do Brasil tomou uma agilidade que em Portugal, nasceu e morreu com Eça de Queiroz...

Bem, leitor. A verdade é que relatei toda esta conversa, na quietude da biblioteca da Sociedade de Autores, entre o quem do incenso dos bate-papos informais, só para citar, no devido ambiente, a última frase de Pascoal Carlos Magno.

Sim, já lá vão oito anos. Oito anos de CARTAS DO BRASIL com o Rio de Janeiro funcionando, inquieto, com a malícia de um Zé Carioca. Oito anos de muitos e variados espantos. Muito presidente da República passou pelo Poder. Mais de meia dúzia. Na verdade, porém, nenhum deles sentiu na carne os problemas do povo. Em política, só se pode pensar-se da classe média para cima. Nestas colunas, em oito anos, sempre insisti nesta teoria do disforme: — um grande Brasil, com grandes cidades, um São Paulo cosmopolítico, e um Brasil ao abandono, embora gigantesco, resignado e esquecido. Este foi desde a minha primeira crónica o retrato que até hoje tenho pintado do Brasil.

No entanto, enfim, tudo parece que vai mudar. Antes de ser eleito eu desconhecia a existência do actual presidente da República. Quando subiu ao Poder, pensei: mais um!

Hoje e já lá vão mais de dez meses, eu julgo que a massa popular, o povo mesmo, no duro, encontrou, enfim um patrono. Um advogado. E ao mesmo tempo um juiz. Sôzinho, em minha consciência, compreendi que pela primeira vez, alguém tomou conhecimento, com seriedade, do abandono e da ignorância em que têm vivido milhões de brasileiros, perdidos nos seus cafundós de Judas.

Não, não sei de política. Mas descobri um homem que olha o povo vendo-o exactamente onde ele ainda se encontra. E que pareceu ter jurado a si próprio elevar-lo a um clima de dignidade dentro da sociedade brasileira. E essa parece ser, creio adivinhar, a sua meta primordial. Poderá transigir noutros pontos. Mas ao que parece ninguém o demoverá de resolver os infortunados problemas da gente humilde.

A sua campanha de alfabetização nacional está conseguindo empolgar o país. Rádios e Tevés vão entrar ao serviço da educação. Em todo o canto se abrem escolas e se criam novos métodos de ensino. E esta semana lá parte ele, o presidente,

para o Amazonas onde já começaram os trabalhos para expansão da estrada transamazônica.

Que sei disso, eu? Olhe, leitor. Tenho um amigo de vinte e dois anos, Juvenal Alcoforado, jovem engenheiro que para lá partiu há dois meses. Pedi-lhe que me mandasse impressões. Vou transcrever alguns trechos da carta que dele recebi:

«No fechada da mata, a clareira se abre e a luta entre o homem e a Natureza fica caracterizada. Resistindo, as árvores se agarram ao solo, com os dedos fortes das suas raízes. Os tractores arremetem, voltam a insistir, rosnam seus motores impacientes mas logo um outro, e mais um, voltam contra ela as suas lâminas. Por um minuto, máquinas e árvore medem as suas forças. Mas é ela que cai com um rugido de protesto. E assim, na luta diária, mais um metro de terreno foi ganho para a estrada».

E para fechar — «Esta estrada é um desafio para a juventude. Depois de pronta aqui ficarei numa das muitas cidades que nós construiremos».

Oito anos. Sete e mais um. Prouvera aos deuses que viessem ainda mais seis, como no soneto do poeta. Oito anos ganhando compreensão (raras vezes, o oposto). E acima de tudo, ganhando amigos. Amigos, muitos deles ontem desconhecidos, e que hoje me dão a sua solidariedade. Mas também há os exigentes. Os que insistem para que eu vá ao fundo dos problemas, em busca daquelas verdades que, ditas pelos outros, eles necessitam para respirar. Mas não sou D. Quixote. E morrer na fogueira também me parece inútil, quando, como hoje em dia, a nenhuma Joana d'Arc seria consentido morrer nas chamas em holocausto de coisa nenhuma.

Digo isto a propósito de um amigo (não cito o nome, nem a cidade onde vive) que me censurou por perder tempo falando não só de Pelé como de outros folclores, como ele diz. Ora Pelé, creiam ou não, é assunto. E assunto internacional. Ele não é mais do que um produto criado por essa coisa tremenda a que temos de obedecer: — a comunicação das massas. O Mundo, agora, precisa, gosta, fascina-se, adora ter ídolos. Conhece-os na intimidade do vídeo. Quer participar do seu convívio. Saber das suas vidas. E, se possível quando os apanham ao alcance da mão, levam-lhes, mesmo à força, a camisa suada como relíquia.

Pelé é uma consequência. O Mundo hoje reage assim. Eu, para me defender, há três anos, quando ainda morava na Barra da Tijuca, diante do Oceano imenso, botei fogo ao meu aparelho de televisão. Restringi o meu mundo. Melhorei o meu toca-discos. Comprei um toca-fitas. Vivo de livros e de música.

Fora disso, ando com a minha caçadeira a tiracolo procurando alvejar com malícia fraterna o pitoresco quotidiano carioca como Norberto Lopes desejou que eu fizesse a partir de 4 de Outubro de 1962, nas páginas deste nosso «Diário de Lisboa».

Copacabana, 4 de Out. de 1970

EM BREVE: Impressões de leituras e conversa com os leitores.

PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28, Ap. 908, Copa — G. B. — BRASIL.



MAIOR EXACTIDAO

MAIOR PERFEIÇÃO

MAIOR BELEZA

CRONOGRAFO

CAUNY

O relógio suíço da maior exactidão

TED K

Por JULES WITCOVER

BASTA vê-lo em acção só alguns minutos para que nos convençamos de que, a despeito de tudo o que aconteceu, a magia política dos Kennedys ainda se encontra patente nele.

Ao misturar-se confiadamente com os que dão o seu passeio domingal, tendo no rosto o famoso sorriso agarotado, e acenando com certa hesitação com uma das mãos enquanto que com a outra empurra para trás a madeixa rebelde, os homens dizem «Boa sorte, Ted» e as mulheres e as crianças atravessam a rua para lhe apertar a mão ou apenas tocá-lo.

Talvez isso se deva em parte ao facto de o ambiente lhe ser familiar, de ser o último dos irmãos com o qual as pessoas podem contar e a quem desejam demonstrar que estão com ele. Mas a plenitude do prazer que experimentam em vê-lo, provavelmente não pela primeira vez, leva a crer que o poder dos Kennedys atravessa as fronteiras dos estados.

A sua passagem pelas ruas de Maldens, Massachusetts, onde são vulgares os nomes patrióticos tais como Praça Tenente Anthony J. Desisto, não se nota o delírio que a visita de um John F. Kennedy ou de um Robert F. Kennedy costumava provocar durante as suas campanhas políticas. O que não surpreende se nos lembrarmos dos acontecimentos passados, dos quais se não fala mas que permanecem no espírito das pessoas, na altura em que Edward M. Kennedy pretende ser reeleito para o Senado dos Estados Unidos.

Para além do acidente de Chappquiddick, que levou o mais jovem dos Kennedys a desistir da campanha presidencial em 1972, há o facto de ele não ter este Outono nenhum opositor sério



Rose Kennedy
a «matriarca» do clã

do lado republicano, pelo que a sua reeleição é considerada por todos um facto consumado.

Todavia, embora não provoque um grande delírio, ele consegue causar uma grande alegria — é impossível empregar outro termo — ao passar a sua mulher Joan, elegante, loura e bonita, a seu lado. As faces alargam-se num sorriso ao vê-lo passar e esse sorriso mantém-se ainda algum tempo depois de ele se ter afastado.

O fenómeno é digno de nota se nos lembrarmos que não há hoje em dia, em que a burocracia é alvo da desconfiança pública, muitos políticos que se possam gabar de provocarem tal atitude.

Observá-lo a «trabalhar» em público — e também aqui não existe outro termo mais apropriado — recorda-se aquele velho lugar-comum que parece ter-se perdido na repentina reviravolta do seu destino de homem político: Teddy é o melhor político espontâneo da família.

O ÚLTIMO DOS MAGOS

Não existe nele a timidez, a relutância em fazer o que dele se espera, que caracterizaram o estilo político dos seus dois irmãos mais velhos, particularmente no começo da sua carreira. Ao misturar-se com a multidão, o jovem Kennedy toma a iniciativa de apertar as mãos que não se estendem para ele, ao mesmo tempo que diz, «Tenho prazer em vê-lo».

Teddy Kennedy veste-se, aliás, como os antigos políticos: fato preto ou azul-escuro, gravata preta ou azul-escuro, sapatos pretos, uma pequena bandeira americana na estreita lapela. Ao contrário de outros políticos da sua idade que adoptaram as gravatas largas, os grandes colarinhos e outros ditames da moda para agradar à nova geração, Teddy está mais à vontade do que muitos com essa mesma geração.

A recepção depende, naturalmente, da audiência.

Kennedy vai uma noite à Universidade de Boston, teatro de um radicalismo estudantil sempre crescente, levando consigo um discurso que sabe ser susceptível de lançar num estado de excitação os seus ouvintes de longos cabelos, sandálias e «blue-jeans».

Nesse discurso ele diz, em suma, que a violência nas universidades faz com que as pessoas se tornem surdas às legítimas reclamações dos estudantes sobre o sistema americano.

Os estudantes devem convencer o público em geral de que não estão pura e simplesmente a «dar largas a sentimentos egoístas», diz-lhes Kennedy, e devem «dar ouvidos ao polícia, ao bombeiro e ao condutor do autocarro. Devem compreender os problemas destes e não atirar-lhes simplesmente com os seus próprios problemas». Surpreendentemente, este aviso conquistou os aplausos da audiência.

E Kennedy continua: «Muitas vezes, as modas e os hábitos da juventude são um obstáculo a qualquer contacto. Pode ser injusto, irracional e irritante que o comprimento do cabelo de uma pessoa tenha influência sobre o efeito do seu discurso, mas é um facto da vida dos nossos dias».

A despeito de uma certa hostilidade patente na audiência, não houve nenhuma reacção imediata quando Kennedy sugeriu que deveriam cortar o cabelo e adoptar outra atitude se queriam fazer-se ouvir. O discurso foi vibrantemente aplaudido quando chegou ao fim.

Na noite seguinte, Kennedy fala para uma audiência reunida no restaurante de um liceu de Shrewsbury, nos arredores de Worcester. Cerca de 600 habitantes da cidade enchem a sala, sentados em círculo em redor de uma pequena mesa onde Kennedy, tendo na mão um microfone, responde às perguntas que lhe são feitas.

A certa altura, interrogam Kennedy acerca do seu discurso na Universidade de Boston sobre os tumultos universitários, que ele conta resumidamente, explicando que lembrou aos estudantes a sua responsabilidade em limpar a sua própria casa e transferir o debate deles próprios para os assuntos que os preocupam.

Esta opinião não pode deixar de ser bem acolhida pela maioria dos habitantes de Shrewsbury. Qualquer que seja o voto dos estudantes como



John, Bob e Ted — um trio reduzido (a tiro) a um solo

resultado deste discurso, o voto dos pais pertence a Kennedy.

Tendo, deste modo, convencido a audiência do seu bom senso, Kennedy entra então no assunto principal — a guerra do Vietnam — sugerindo quatro soluções: 1) uma vitória militar; 2) a continuação da actual política; 3) a marcação de um prazo-limite para a retirada; 4) retirada imediata.

Passa-se à votação. Há três a favor da solução número um, sete da solução número dois, uma maioria opta pela número três enquanto que uma quase maioria é a favor da quarta e última solução.

Kennedy revela então que prefere a quarta solução, que considera a única susceptível de levar os «leaders» de Saigão a uma paz negociada. Aplauso. Kennedy obtém nesta noite uma vitória total.

No conjunto, todas as suas actividades para a campanha eleitoral — desde os contactos com a multidão e o seu discurso na Universidade de Boston até ao comício de Shrewsbury — revelam um inteligente esforço político. Kennedy procura segurar e alargar o centro pela sua oposição à guerra e a determinadas prioridades nacionais, e obter o que lhe for possível da esquerda a favor desse mesmo centro.

Esta é a estratégia de um político prudente que procura obter o apoio do seu círculo eleitoral, ao mesmo tempo que assume determinadas posições liberais, politicamente incertas numa altura em que o liberalismo está a sofrer diversos ataques. O que ele pretende é ser um guia, sem contudo se afastar tanto que se encontre só.

Se nos lembrarmos da afirmação de Kennedy segundo a qual não tenciona candidatar-se à presidência em 1972, bem como da certeza da sua reeleição para o Senado, o prosseguimento intensivo desta cuidadosa estratégia levanta naturalmente a questão de se saber quais os motivos que o animam.

Kennedy afirma que não está a fazer grandes esforços, pois não tem qualquer esperança de conseguir melhores resultados dos que os obtidos na sua campanha de 1964, altura em que conseguiu 71,7 por cento dos votos. «Isto é impossível», diz ele.

A julgar pelo passado, um Kennedy não se contenta com menos do que tudo. Não é necessário duvidar da afirmação de Edward Kennedy de que não tem a ambição de ser eleito presidente em 1972, para se ver no modo como conduz a sua campanha a semente de uma futura corrida para a Casa Branca.

DL / Exclusivo

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»
13 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 5